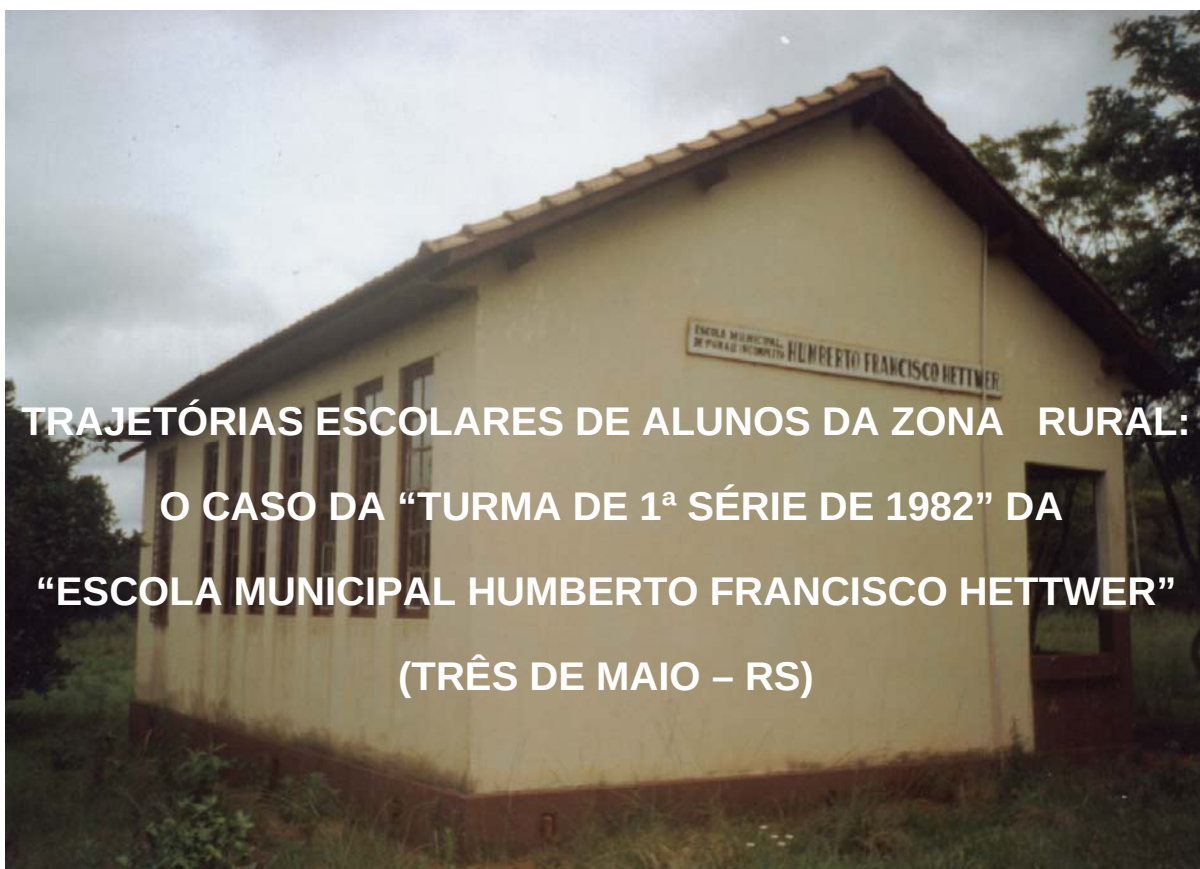


**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**



**TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ALUNOS DA ZONA RURAL:
O CASO DA “TURMA DE 1ª SÉRIE DE 1982” DA
“ESCOLA MUNICIPAL HUMBERTO FRANCISCO HETTWER”
(TRÊS DE MAIO – RS)**

Magda Raquel Glienke Benati

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Peres

Pelotas

2007

Magda Raquel Glienke Benati



**TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ALUNOS DA ZONA RURAL:
O CASO DA “TURMA DE 1ª SÉRIE DE 1982” DA
“ESCOLA MUNICIPAL HUMBERTO FRANCISCO HETTWER”
(TRÊS DE MAIO – RS)**

Dissertação de Mestrado apresentada
no PPGE da FaE/UFPel, na Linha de
Pesquisa de História da Educação,
para obtenção do título de Mestre em
Educação.

Orientadora: Prof^{fa} Dr^a Eliane Peres

Pelotas

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B456t Benati, Magda Raquel Glienke
Trajetórias Escolares de alunos da Zona Rural: o caso da
"turma de 1ª série de 1982" da "Escola Municipal Humberto
Francisco Hettwer". / por Magda Raquel Glienke Benati – 2007
125 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação,
Universidade Federal de Pelotas, 2007. "Orientação: Profª.
Drª. Eliane Teresinha Peres

1. História da Educação. 2. História de Vida 3. Memória.
4. Escola Rural. 5. Fracasso Escolar. 6. Retenção Escolar. I. Título.

CDU: 37 (091)

Catalogação na Fonte: Renata Braz Gonçalves CRB 10/ 1502

AGRADECIMENTOS

A dívida da vida seria motivo o suficiente para agradecer! Mas quero agradecer pelas bênçãos que Deus me proporcionou ao iniciar o ano de 2005: a aprovação do mestrado, a maternidade e a direção da Escola Mário Meneghetti. E, mais do que tudo, por ter dado forças para abraçar estes três desafios e colocar em minha vida pessoas que me ajudaram a vencê-los.

Agradeço também:

Aos meus pais pelo valor que dão à educação, de maneira muito particular pelo auxílio incondicional para encontrar os sujeitos pesquisados e dados para a minha pesquisa, e porque foram motivadores para enfrentar a vida com garra, sem esmorecer diante das dificuldades.

Aos meus ex-colegas por haverem colaborado com a minha pesquisa, pela sua disponibilidade para compartilhar comigo o seu olhar de hoje sobre o seu passado. A todos muito obrigado! Ao ex-colega Daniel Cristiano *in memoriam*, falecido tragicamente em 30 de setembro de 2006, no decorrer de minha pesquisa.

À Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio pela gentileza ao disponibilizar os documentos necessários para a pesquisa.

Aos professores e professoras do PPGE/FaE/UFPel pela sua dedicação ao curso de Mestrado.

Aos professores Beatriz Fischer, Cristina Rosa e Gomercindo Ghiggi, avaliadores da banca de qualificação e defesa da dissertação, por terem acolhido o meu trabalho e contribuído para que ele se concretizasse.

À professora Eliane Peres pela seriedade e dedicação com que conduziu a orientação da minha dissertação. Que soube me acolher em seu ombro amigo! E principalmente por acreditar em meu trabalho. Pelo seu jeito de “mãezona”, que sabe quando é a hora de segurar pela mão e também o momento de soltar e dizer: “Agora vai!” A importância da “mãe” que está ao lado segurando a mão e que sabe a hora de soltar também foi aprendizado da maternidade. Agora que me tornei mãe entendo o porquê de muitas coisas.

Ao meu esposo Mauro pelo apoio constante. Por tolerar minhas ausências, cansaço, desabafos e angústias. Pela sua companhia na pesquisa de campo. Pelos momentos dedicados a nossa pequena Rebeca, por acolhê-la em seus braços para adormecer quando eu estava no trabalho árduo de moldar a minha dissertação.

À nossa querida Rebeca Eduarda, que acompanhou a caminhada do mestrado do início ao fim. Tão desejada! Que veio em um momento de grande desafio, mas cumpriu direitinho a sua tarefa. Por me acompanhar nas aulas, no tempo de gravidez e até o quinto mês após o nascimento. Por ser esta menina tão querida e amável. Pelos seus sorrisos, que foram motivo de ânimo diante das dificuldades. Por perdoar as vezes que adormeceu nos meus braços diante do computador.



Dedico esta dissertação à minha filha **Rebeca Eduarda**, o milagre de Deus proporcionado em nossa vida - minha e do **Mauro**.

Enfim, a todas as pessoas que sabem ver os milagres de Deus também nos pequenos gestos da vida.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	6
LISTA DAS ILUSTRAÇÕES.....	7
RESUMO.....	10
ABSTRACT	11
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	15
1.1 O Município de Três de Maio.....	16
1.2 A “Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer” e a “Turma de 1982”	18
2. CAMINHOS DA PESQUISA.....	30
2.1 Um dia foi registrada uma história: a da pesquisadora	31
2.2 Depois surgiram novas histórias e novas personagens: Meus ex-colegas.....	42
3. “TURMA DE 1982”: VÁRIOS ANOS NA ESCOLA - POUCA ESCOLARIZAÇÃO	66
3.1 Escolarização da “Turma de 1982”	67
4. OS ACHADOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA.....	88
4.1 Fui para a escola falando apenas alemão	90
4.2 Como era grande o caminho para a escola para pés tão pequenos	96
4.3 Os dois lados da moeda: Escola x Trabalho Infantil	99
4.4 Onde está o currículo para escola rural?	103
4.5 Repensando a trajetória escolar: “Ah! Se pudesse voltar atrás!”	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
FONTES DE PESQUISA	119
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Área das Propriedades de Três de Maio. p. 22.

Quadro 2: Credo Religioso dos ex-colegas da “turma de 1982”. p. 23.

Quadro 3: Histórico Geral dos Sujeitos de Pesquisa. p. 51.

Quadro 4: Escolarização-Séries Iniciais da turma de 1982. p. 67.

Quadro 5: Aprovações e Reprovações dos alunos da “turma de 1982” de 1982 a 1988, na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 81.

Quadro 6: Escolarização nos anos iniciais e nos anos finais no Ensino Fundamental da “Turma de 1982”. p. 83.

Quadro 7: Escolarização dos Alunos da “Turma de 1982” do Ensino Fundamental ao Ensino Superior. p. 84.

Quadro 8: Línguas faladas no contexto familiar de cada ex-colega da “turma de 1982”. p. 92.

Quadro 9: Posição familiar dos filhos e escolarização. p. 111.

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Três de Maio na década de 70 do século XX. p. 16.

Ilustração 2: Mapa do Rio Grande do Sul. p. 17.

Ilustração 3: Prédio da Escola Municipal “Humberto Francisco Hettwer” em 1999 antes de ser transformada em moradia. p. 18.

Ilustração 4: Inauguração da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer no ano de 1969. p. 19.

Ilustração 5: Decreto de Criação da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 20.

Ilustração 6: Foto da turma de confirmandos do ano de 1989 ocorrida na Igreja Luterana de Esquina Hettwer. p. 24.

Ilustração 7: Decreto de Nova Designação da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 26.

Ilustração 8: Decreto de Desativação da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 27.

Ilustração 9: Turma de alunos do ano de 1931 da Escola Emanuel de Flor de Maio, pertencente à localidade de Buricá, hoje Três de Maio, RS. p. 31.

Ilustração 10: Alguns Professores da Escola Estadual Progresso de Vila Progresso da década de 1980 até hoje, 2007. p. 36.

Ilustração 11: Resposta do requerimento solicitado referente aos nomes dos alunos da turma de 1ª série de 1982 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 47.

Ilustração 12: Atestado acompanhando dos documentos da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer e da turma de 1982. p. 53.

Ilustração 13: Ata de Resultados Finais da Turma de 1ª série do ano de 1982 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 68.

Ilustração 14: Ata de Resultados Finais da Turma de 2ª série do ano de 1983 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 69.

Ilustração 15: Ata de Resultados Finais da Turma de 1ª série do ano de 1983 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 70.

Ilustração 16: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1984 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 71.

Ilustração 17: Ata de Resultados Finais da Turma de 2ª série do ano de 1984 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 71.

Ilustração 18: Ata de Resultados Finais da Turma de 1ª série do ano de 1984 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 72.

Ilustração 19: Ata de Resultados Finais da Turma de 4ª série do ano de 1985 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 73.

Ilustração 20: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1985 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 73.

Ilustração 21: Ata de Resultados Finais da Turma de 2ª série do ano de 1985 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 74.

Ilustração 22: Ata de Resultados Finais da Turma de 4ª série do ano de 1986 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 75.

Ilustração 23: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1986 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 75.

Ilustração 24: Ata de Resultados Finais da Turma de 2ª série do ano de 1986 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 76.

Ilustração 25: Ata de Resultados Finais da Turma de 4ª série do ano de 1987 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 77.

Ilustração 26: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1987 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 77.

Ilustração 27: Ata de Resultados Finais da Turma de 4ª série do ano de 1988 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 78.

Ilustração 28: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1988 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. p. 79.

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado (PPGE/FAE/UFPel) aborda a trajetória escolar (e de vida) da turma de ex-colegas que, no ano de 1982, ingressaram, com a autora deste trabalho, na 1ª série do Ensino Fundamental da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, situada na zona rural do município de Três de Maio, RS.

A pesquisa tem por objetivo fazer a descrição e a análise dessas trajetórias, fazendo ouvir as vozes silenciadas do campo, através do uso das suas histórias de vida, e, assim, evidenciar elementos que contribuíram para que um grande número de alunos (7 dos 10 matriculados) não tenha dado continuidade aos estudos, nem mesmo concluído o Ensino Fundamental.

O trabalho, além de ter sido realizado através da pesquisa da história de vida de cada um dos 9 interlocutores, contou também com documentos, obtidos junto à Secretaria Municipal de Educação (uma vez que a escola, hoje, está desativada), tais como: atas de resultados finais e decretos de criação e fechamento da escola.

Os dados levantados através das histórias de vida e dos documentos revelaram, entre outras coisas, que: sete dos dez alunos da turma de 1982 não concluíram o Ensino Fundamental; apenas os três aprovados na 1ª série, em 1982, e, sem histórico de reprovação escolar, concluíram ensino superior; a maioria das crianças não sabia falar a língua portuguesa, apenas a alemã; os quatro alunos que foram aprovados no ano de 1982 sabiam falar português ao ingressarem na escola; alguns alunos deixaram a escola por “vergonha”, pois eram maiores que os demais, decorrência das muitas reprovações; muitos alunos moravam longe das escolas da região, e o fato de que iam a pé à escola dificultou a continuidade dos estudos; praticamente todos auxiliavam os pais na lavoura, pois trata-se de pequenos proprietários rurais e, por fim, os ex-colegas demonstraram um certo arrependimento por terem abandonado os estudos, afirmando que, hoje, este lhes faz falta para coisas simples do cotidiano.

Palavras-Chave: História da Educação, História Oral, História de Vida e memória, escola rural, retenção escolar e fracasso.

ABSTRACT

This Master degree's dissertation (PPGE/FAE/UFPeI) approaches the school trajectory (and also the life trajectory) of the group of ex-colleagues who, in the year of 1982, had entered with the author of this work the first grade of Elementary School at the Municipal District's School Humberto Francisco Hettwer, situated in the rural area of the Municipal District of Três de Maio, RS.

This research's aim is making the description and the analysis of these trajectories, helping the silenced voices of the field to be heard, through the research of its histories of life, and, in this way, evidencing elements which contributed with the fact that a great number of pupils (7 of the 10 registered) haven't given continuity to the studies, and so they didn't conclude Elementary School.

This research, besides having been carried through the rise of life history of each one of the 9 interlocutors, was based also on documents, gotten with the Municipal District's department of Education (because the school, nowadays, is disactivated), such as: acts (registers) of final results and decrees of creation and closing of the school.

The data, raised through histories of life and documents, revealed, among other things, that: seven of the ten pupils of the 1982 group didn't conclude Elementary School; but the three pupils approved in the first grade, in 1982, and, without a trajectory of school reprobation, concluded superior education; the majority of the children didn't know the Portuguese language, only the German; the four students who were approved in the year of 1982 knew Portuguese when entering the school; some pupils left the school for "shame", because they were bigger than the other colleagues, result of the successive reprobations; many students lived far from the schools of the region, and the fact of having to go on foot to the school diffculted the continuity of the studies; almost all of them helped the parents in the farming, because their families are small rural owners; and, finally, the ex-colleagues demonstrated a certain regret for having abandoned the studies. They say that, today, it lacks for simple things of the quotidian.

Key-Words: History of the Education, Oral History, History of Life and memory, rural school, school retention and failure.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado (BOSI, 1979, p.17).

Este estudo tem por objetivo apresentar a descrição e a análise da trajetória escolar dos nove ex-colegas que ingressaram comigo, em 1982, na primeira série do Ensino Fundamental, na Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Humberto Francisco Hettwer. Faço ouvir as vozes silenciadas do campo através do uso das suas histórias de vida, e, assim, evidencio elementos que contribuíram para que um grande número de alunos (7 dos 10 matriculados) não tenha dado continuidade aos estudos, nem sequer concluído o Ensino Fundamental. A referida escola situava-se na zona rural na localidade de Esquina Hettwer, entre os distritos de Progresso e Manchinha, no município de Três de Maio, região noroeste do Rio Grande do Sul, 475 quilômetros distante de Porto Alegre, capital do estado.

O estudo aqui apresentado teve origem no Curso de Especialização em Educação (Área de Concentração: Alfabetização e Letramento), realizado em 2004, no qual descrevi a minha história de vida escolar como uma trajetória de “sucesso”, e levantei alguns dados sobre a escolarização de meus ex-colegas da primeira série do ano de 1982. Pretendi, assim, evidenciar a trajetória escolar e profissional que meus ex-colegas e eu tivemos.

Além disso, a proposição desta pesquisa deve-se ao fato de haver poucos estudos que abordam o assunto, ou seja, pouco ainda se tem pesquisado sobre as vozes silenciadas do campo, sobre o discente e sobre a escola rural de modo geral. Como educadora e, agora, pesquisadora na área de História da Educação e sendo filha do meio rural, meio sócio-cultural da pesquisa realizada, e com a oportunidade de estar em um PPGE, pretendo, também, dar a minha contribuição para esta área de pesquisa ainda tão pouco explorada pelos pesquisadores.

A continuação de minha pesquisa no Curso de Mestrado passou por momentos distintos. Primeiro, verifiquei a real possibilidade de encontrar os meus sujeitos de pesquisa (meus nove ex-colegas). Este mapeamento teve seu início já no Curso de Especialização, realizado em julho e agosto de 2004. Em um segundo momento, diante do fato de ter localizado todos os ex-colegas, realizei o contato pessoal com cada um deles, com o intuito de gravar suas histórias de vida e, também, localizei documentos junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio para confirmar a escolarização de cada um deles.

Assim, definidos e encontrados os sujeitos de pesquisa e gravadas as entrevistas, busquei aprofundamento teórico-metodológico para justificar o uso da história de vida e para fundamentar a análise dos elementos evidenciados, os quais foram categorizados através dos elementos surgidos como indicativos da causa da pouca escolarização os quais emergiram das histórias de vida (escolar) de cada um.

Os resultados desse estudo encontram-se neste trabalho que organizei em quatro capítulos. No primeiro, faço uma contextualização do local, da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer e da turma de primeira série do ano de 1982. Optei por iniciar por esse capítulo para tentar “familiarizar” o leitor com o contexto, a localidade e os sujeitos desta pesquisa.

No segundo capítulo, detalho um pouco mais a origem da pesquisa e sobre a metodologia utilizada para realizá-la.

No terceiro capítulo, abordo a retenção escolar, através de dados evidenciados a partir das próprias Histórias de Vida e, depois, nos documentos encontrados junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio.

No quarto capítulo, elejo cinco categorias para análise, organizadas em subcapítulos. Trata-se dos aspectos de maior relevância, indicados pelas entrevistas. São elas: a questão da língua materna (alemã), a distância que os alunos percorriam para chegar à escola, a necessidade de mão-de-obra familiar no campo, a falta de um currículo voltado aos interesses do meio rural e o “arrependimento”, por não terem dado continuidade aos estudos, indicado nas falas dos colegas.

E, para finalizar este estudo, trago as considerações finais.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

TRÊS DE MAIO

“Três de Maio, Três de Maio,
Todos cantam de alegria.
Três de Maio, Três de Maio,
A cidade que é jardim¹
Do Rio Grande, belo pago,
Ela é linda, é canção²!

Salve, salve, Três de Maio
Terra nobre e juvenil.
As belezas que ela encerra,
São belezas do Brasil.

O trabalho e a cultura
Cantam as glórias do passado.
Hoje os filhos orgulhosos
Colhem o fruto abençoado.

Linda, linda, Três de Maio,
Terra boa que produz:
Trigo e soja, a riqueza,
Um recanto que seduz.”³

¹ Também conhecida como cidade jardim, devido aos seus canteiros de flores, no centro da cidade.

² Berço do Festival Estudantil da Canção.

³ Letra do Hino do Município de Três de Maio escolhido através de concurso instituído pelo decreto de número 069/79 (sendo seu vencedor o Professor Arduíno Raimundo Dalsenter) e oficializado com Decreto Municipal de número 022/80, de 24 de abril de 1980.

O Hino do município traduz um pouco do que Três de Maio significa para os tresmaenses, mencionando, inclusive, suas denominações de “cidade jardim” e “cidade canção”.

Com o intuito de localizar o tempo e o espaço desta pesquisa, que aborda a reconstituição das trajetórias escolares dos nove ex-colegas que ingressaram comigo, em 1982, na primeira série do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, apresento, neste capítulo, aspectos da cidade (e suas origens), da localidade de Esquina Hettwer, da própria escola e da turma de primeira série do ano de 1982.

1.1 O Município de Três de Maio



Ilustração 1: Três de Maio da década de 70 do século XX. Foto extraída do site www.pmtresdemaio.com.br.

A pesquisa de campo deste estudo foi realizada no município de Três de Maio, localizado na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, distante 570 quilômetros de Pelotas e 475 quilômetros da capital do estado, Porto Alegre, RS. Conforme podemos verificar, Três de Maio corresponde ao número 28 e Pelotas ao 22, na localização do mapa a seguir:



Ilustração 2: Mapa do Rio Grande do Sul. Extraído do site www.tresdemaio.com.br

As terras que hoje formam o município de Três de Maio pertenceram, respectivamente, aos municípios de Rio Pardo (1809), Cachoeira do Sul (1819) e Cruz Alta (1834). Em 1873, passou a pertencer a Santo Ângelo, então sede de um grande município do qual se emanciparam Palmeiras, São Borja, São Luiz Gonzaga, o próprio Santo Ângelo, Ijuí e Santa Rosa (www.pmtresdemaio.com.br).

O povo tresmaiese foi se constituindo com colonizadores descendentes de alemães, italianos, poloneses e russos. Mais especificamente, a localidade de Esquina Hettwer é constituída, em sua maioria, de descendentes alemães. As famílias de meus ex-colegas já estão na quarta ou quinta gerações.

Os membros da primeira geração foram os bisavós vindos da Alemanha, que se instalaram em diversas localidades do Rio Grande do Sul. No caso dos ex-colegas, muitas famílias residiam nas “Colônias Velhas”.

Já a segunda geração é representada pelos avós (meus e de meus ex-colegas) que migraram das “Colônias Velhas” para a localidade que hoje é Três de Maio. A terceira geração é caracterizada pelos pais (meus e de meus ex-colegas), que nasceram tresmaieses. Ficamos eu e meus ex-colegas caracterizados como quarta geração e, ainda, a quinta, pelos filhos destes, caso tenham. Lembro ainda que alguns ex-colegas ainda não têm filhos, o que caracteriza a ausência da quinta geração e, em outras famílias, não mais se encontra a primeira e, em grande parte dos casos, a segunda geração, por haverem falecido bisavós e avós.

A busca pela emancipação do município iniciou-se em 1948 e concretizou-se oficialmente em 1954. Assim, as terras passaram a ser vendidas aos agricultores vindos das “Colônias Velhas”, hoje municípios de Cachoeira do Sul, Montenegro, Lajeado, Estrela, entre outros. Três de Maio surgiu, portanto, da fusão dos distritos de Três de Maio, Ivagaci, São José do Inhacorá e Independência.

Conforme dados estatísticos, no ano de 2005, o município de Três de Maio contava com uma população de 24.227⁴ habitantes, sendo que, deste número, 31,39% residem na zona rural, cultivando soja, milho e outras culturas para o sustento familiar, além da produção leiteira. O restante da população (68,61%) reside na cidade e se mantém do comércio e da existência de algumas pequenas indústrias (móveis, laticínios e outros).

O município, atualmente, é integrado por cinco distritos: Manchinha, Progresso, Quaraim, Consolata e Barrinha. O antigo prédio da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer situa-se na localidade de Esquina Hettwer, entre os distritos de Progresso e Manchinha (www.pmtresdemaio.com.br).

1.2 A “Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer” e a “Turma de 1982”



Ilustração 3: Prédio da Escola Municipal “Humberto Francisco Hettwer” em 1999. Extraída do álbum da família de Elson Rusch, atuais moradores do prédio. (foto tirada do prédio antes de ser transformado em moradia em 2000)

⁴ População estimada em 01/07/2005.

São as escolas rurais de Primeiro Grau Incompleto, atendidas por um único professor, decisivas balizas para a aquisição de ferramentas referenciais para a vida: fazer conta de cabeça e ler a palavra escrita. Os prédios, não pouco muito longe de casa, eram acessados 'de pé no chão'. [...] O professor, merendeiro, secretário, líder comunitário, era referência moral e política importante, perdendo em status apenas para a autoridade religiosa (GHIGGI, 2005, p.271).

Ao fazer esta descrição da escola rural, Ghiggi (2005) revela de alguma forma, também, a realidade da pequena escola situada na localidade de Esquina Hettwer, integrada à localidade de Vila Manchinha, distrito de Três de Maio. A Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer recebeu este nome em homenagem a um senhor da família Hettwer, pertencente à comunidade, dono do comércio dessa localidade e do armazém onde os agricultores vendiam a sua safra de grãos.

Conforme consta nos registros da Secretaria Municipal de Educação, a escola iniciou suas atividades em primeiro de março de 1969. Na foto abaixo, podemos ver as festividades comemorativas do início das atividades na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer.



Ilustração 4: Inauguração da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer no ano de 1969. Foto obtida com a família Hettwer, tirada na festividade de inauguração.

Como se pode visualizar ao fundo, na foto, o prédio da escola era pequeno e, portanto, com poucas dependências: uma sala de aula onde, pela manhã, funcionavam a 1ª e a 2ª séries e, pela tarde, a 3ª e a 4ª séries; uma cozinha, onde a

própria professora fazia a merenda e os alunos lavavam os pratos; banheiros e um amplo pátio. O prédio da antiga escola fica a, aproximadamente, cinqüenta metros da Igreja Luterana e, atualmente, está cedido para essa denominação religiosa.

Foi assinado o Decreto de Criação de número 063/77, em 07/11/1977 e o educandário passou a atender alunos de 1ª a 4ª séries, como escola multisseriada. Eis o decreto de criação:

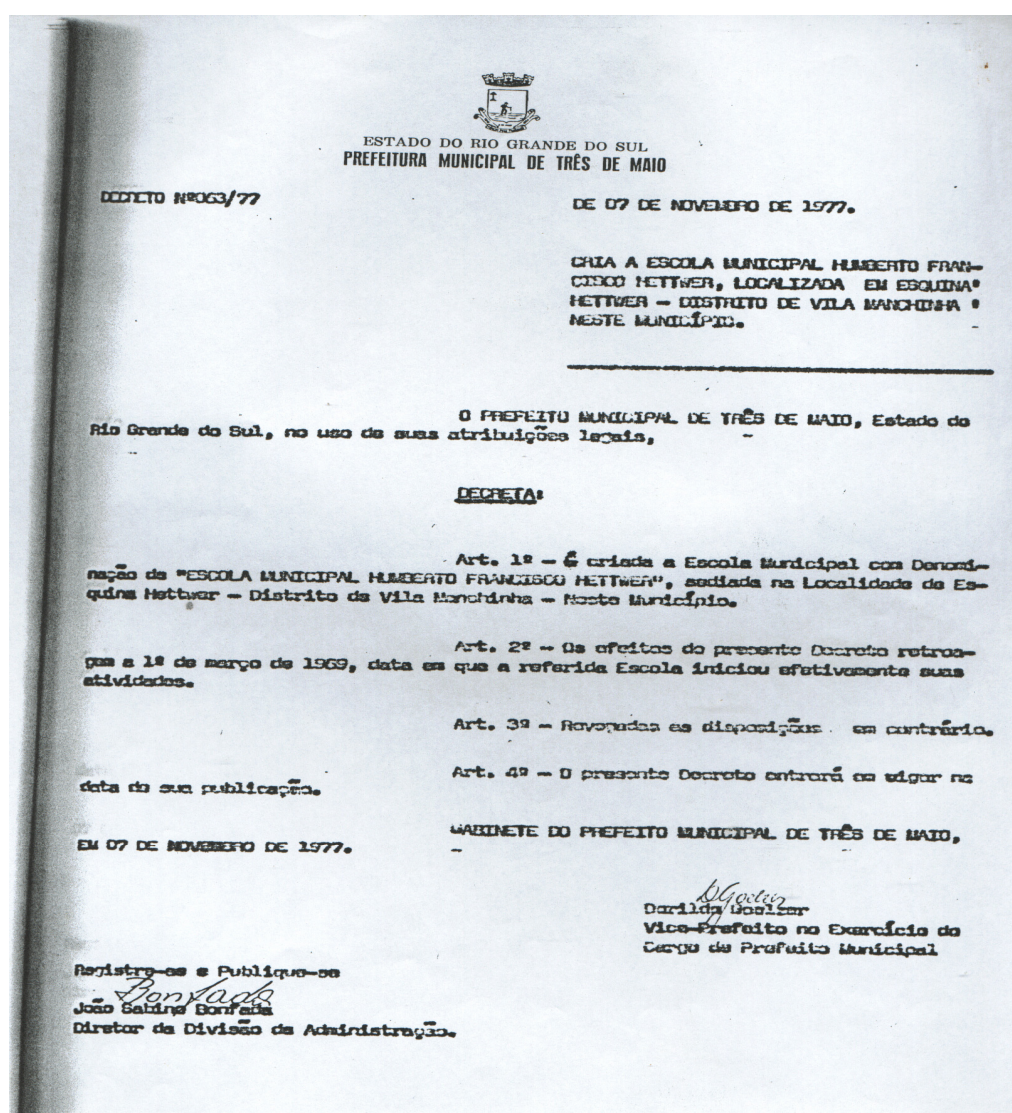


Ilustração 5: Decreto de Criação da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

Em 1982, quando ingressei na 1ª série, os alunos vinham à escola a pé, pois não havia transporte escolar. Os pequenos estudantes, de 6 e 7 anos, caminhavam todos os dias entre um e seis quilômetros para ir à escola. A distância que eu e minha irmã percorríamos era de dois quilômetros e meio entre nossa casa e a escola.

Em dias de chuva, os alunos iam de pés descalços, pois no barro da terra vermelha é muito difícil andar calçado. Ao chegar à escola, lavavam os pés e colocavam o calçado. Apesar da distância e dos transtornos que a chuva trazia, parar as aulas por causa da chuva não se justificava. Nos dias de muito frio, íamos com um calçado velho e o trocávamos na calçada da escola, tudo isto para não sujar a sala de aula, uma vez que o barro vermelho é difícil de limpar e, na escola, não havia funcionário para a limpeza. Os próprios alunos ajudavam a professora nessa tarefa. Na década de oitenta, naquela localidade, essa atitude era vista como positiva.

A limpeza diária ficava sob a responsabilidade de dois alunos e, na sexta-feira, era realizada a limpeza geral: uma semana era feita pelo turno da manhã e outra pelo turno da tarde. Observando os sacrifícios que fazíamos para estudar, pode parecer que a vida era muito difícil no interior da Vila Manchinha, distrito de Três de Maio, da qual Esquina Hettwer faz parte. Contudo, a escola era um espaço importante e valorizado, o que se percebe pelo fato de que os alunos enfrentavam todas as dificuldades para freqüentá-la, como pode ser verificado na ata de resultados finais da turma de 1ª série de 1982, na qual 25 faltas anuais, de um aluno, foi o maior número apresentado de um total de 183 dias letivos.

Em março de 1982, iniciava-se mais um ano letivo na Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Humberto Francisco Hettwer. Ali estava a se constituir uma nova turma de primeira série. Uma turma de dez alunos, constituída de três meninas (sendo uma dessas meninas eu e, a outra, minha irmã) e sete meninos.

Talvez, para a professora, um ano como todos os outros. Mas um ano muito diferente para aqueles que, pela primeira vez, estavam entrando na escola. Sem terem cursado a pré-escola, privilégio que não existia nas escolas do interior do

município de Três de Maio, os alunos iniciavam a sua escolarização na primeira série do Ensino Fundamental.

Os dez alunos matriculados em 1982 eram filhos de pequenos agricultores. Cresceram acompanhando os pais na agricultura desde a infância, o que justifica serem alunos da escola naquela localidade. Todos eram oriundos de famílias descendentes de alemães.

As famílias dos meus ex-colegas eram – e continuam sendo até hoje - donas de pequenas propriedades, de quinze a trinta hectares, aproximadamente, com criação de animais para o consumo familiar e criação de gado leiteiro; na agricultura, predomina o plantio de milho, soja e trigo, mas alguns agricultores têm estufas de tomate, pepino e outros. Praticamente todas as propriedades têm árvores frutíferas, verduras e legumes e outras pequenas culturas para o consumo familiar.

Conforme os dados, o município possui uma área cultivada de 65.211 hectares e, nos dados da tabela abaixo, podemos ver que a maioria é habitada por pequenos proprietários, em que se enquadram as famílias de meus ex-colegas e a minha, com uma propriedade de até cinqüenta hectares, sendo que, em todo o município, há apenas doze propriedades, de um total de quatro mil, trezentos e noventa e quatro, com cinqüenta hectares ou mais:

Quadro 1: Área das propriedades de Três de Maio

Discriminação em Ha	Nº Propriedades	Percentagens
Até 20 Ha	3.313	75%
De 20 a 50 Ha	1.019	22%
De 50 a 100 Ha	5	1,5%
De 100 a 200 Ha	4	0,9%
De 200 a 500 Ha	3	0,6%
De 500 a 1.000 Ha	0	0%
Acima de 1.000 Ha	0	0%
TOTAL	4.394	100%

Fonte: www.pmtresdemaio.com.br

Assim, percebe-se que a zona rural do município de Três de Maio é constituída, em sua maioria, de pequenos agricultores. Como mostram os dados, 75% dos proprietários rurais têm propriedades de até 20 hectares e outros 22% têm propriedades de até 50 hectares. É preciso considerar, ainda, que muitos destes pequenos proprietários têm filhos casados ou adultos que dependem também dessas terras, o que faz diminuir, mesmo que não oficialmente, o tamanho da propriedade, em função de uma “divisão interna”. No caso de meus colegas, há vários exemplos: Cláudio Antenor e Sandro Valmir, ambos solteiros, trabalham na terra de seus pais; Sandro Valmir, César Rogério, mesmo casados, trabalham e moram na terra dos pais; Pablo André trabalha de empregado em uma fazenda em outro município, uma vez que o número de grandes propriedades rurais é pequeno em Três de Maio, num total de 12 propriedades maiores de 50 hectares, o que significa pouco trabalho no próprio município, levando muitos jovens a procurarem emprego em outras regiões, como é o caso do ex-colega que mencionei.

Todos os meus ex-colegas e suas respectivas famílias têm fortes vínculos religiosos, o que é característico nas comunidades interioranas, sendo que, dos nove, seis (além de mim) são oriundos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, dois são da Igreja Católica e um é da Igreja Congregacional.

Observe estes dados também no quadro abaixo:

Quadro 2: Credo religioso dos ex-colegas

Nome	Denominação Religiosa
1. Carmen Eliane	Luterana
2. Carmen Paula	Luterana
3. César Rogério	Congregacional
4. Cláudio Antenor	Luterano
5. Daniel Cristiano	Católico
6. Evandro Valmir	Luterano
7. Magda Raquel	Luterana
8. Pablo André	Católico
9. Sandro Valmor	Luterano
10. Sandro Valmir	Luterano

Além de sermos colegas de escola, muitos de nós pertencíamos à mesma comunidade religiosa. Dessa forma, o meu álbum de fotografias da adolescência também me remeteu a lembranças de que alguns dos que foram meus colegas de Ensino Confirmatório (instrução nas doutrinas básicas da Bíblia) poderiam ter sido também colegas de primeira série, uma vez que todos entravam na instrução com a mesma faixa etária. Ao folhear o álbum de fotografias, encontrei uma foto de minha confirmação⁵, com todo o grupo, ocorrida em quinze de janeiro do ano de 1989, na Igreja Luterana “Cristo”, de Esquina Hettwer. Para minha surpresa, cinco ex-colegas de 1ª série estavam na foto, além de mim.



Ilustração 6: Turma de confirmandos do ano de 1989, da Igreja Luterana “Cristo”, de Esquina Hettwer. (Foto extraída de meu álbum de adolescente).

Ao olhar da esquerda para a direita, temos: na fila das meninas, Carmen Eliane, Carmem Paula e eu (todas colegas de 1ª série) e, na fila dos meninos, à esquerda, o ex-colega Sandro Valmor, Douglas Lutz (que não era aluno da turma de 1982 na escola de Esquina Hettwer); ao centro, o pastor Oscar Lange; à direita, os

⁵ Confirmação refere-se ao encerramento da instrução nas doutrinas luteranas, baseadas no Catecismo Menor, escrito por Martinho Lutero, fundador do luteranismo.

ex-colegas Cláudio Antenor e Sandro Volmir. Apenas Evandro Valmir, dos sete luteranos da turma, não foi confirmado nesse grupo.

Na escola, em 1982, a professora atendia também, juntamente com a nossa 1ª série, mais uma outra turma de alunos, a 2ª série, uma vez que a escola era multisseriada. Nossa primeira professora, Nélvi, era dedicada. Lembro de sua voz, tanto que a reconheci no contato que fiz com ela por telefone, em 2004. Ela também se deslocava a pé para a escola. Eu e minha irmã íamos com ela até a nossa casa, no retorno, mas ela ainda ia adiante. Morava na localidade de Vila Progresso. Uma recordação muito boa foi quando fomos festejar seu aniversário em sua casa. Passamos o dia na casa da professora, um momento inesquecível. Mas a nossa professora deixou a escola na metade daquele ano letivo de 1982 para cursar a Faculdade.

Depois das férias de julho tivemos aula com o professor Miguel. Lembro que era muito simpático e atencioso, cantava em aula e era bastante calmo. Este professor hoje mora na cidade de Francisco Beltrão, no Paraná. Saiu da comunidade de Esquina Hettwer, no ano de 1984, em busca de melhores oportunidades de trabalho, pois, como a professora Nélvi, era apenas contratado pelo município. Quando lhe perguntei, em contato que mantive com ele, como passou a ser professor na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, disse: “fui contratado pelo município, mas para arrumar emprego precisava de *padrinho* [...]” (Miguel, 46 anos, 2004).

Encontrar esse professor foi bastante difícil. Mas, ao ser localizado, demonstrou grande alegria por ter sido procurado por uma aluna de muitos anos atrás. Também manifestou sua preocupação com a educação e relembrou o início da carreira docente, quando assim escreveu, em um e-mail, quando eu estava realizando a minha pesquisa e redigindo o artigo no Curso de Especialização, em 2004:

Muitas vezes lembrei de vocês e ficava um tanto quanto triste porque hoje vejo quanto deixei de ensinar melhor, não por minha vontade, mas sim, por falta de experiência, um

começo sempre é difícil, você também deve ter passado por isto. (Miguel, 46 anos, 2004)

Em 1999, a fim de atender as exigências legais da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96, a escola deixou de ser denominada de Escola Municipal de 1º Grau Incompleto e passou a se nomear Escola Municipal de Ensino Fundamental⁶, conforme vemos em decreto abaixo:

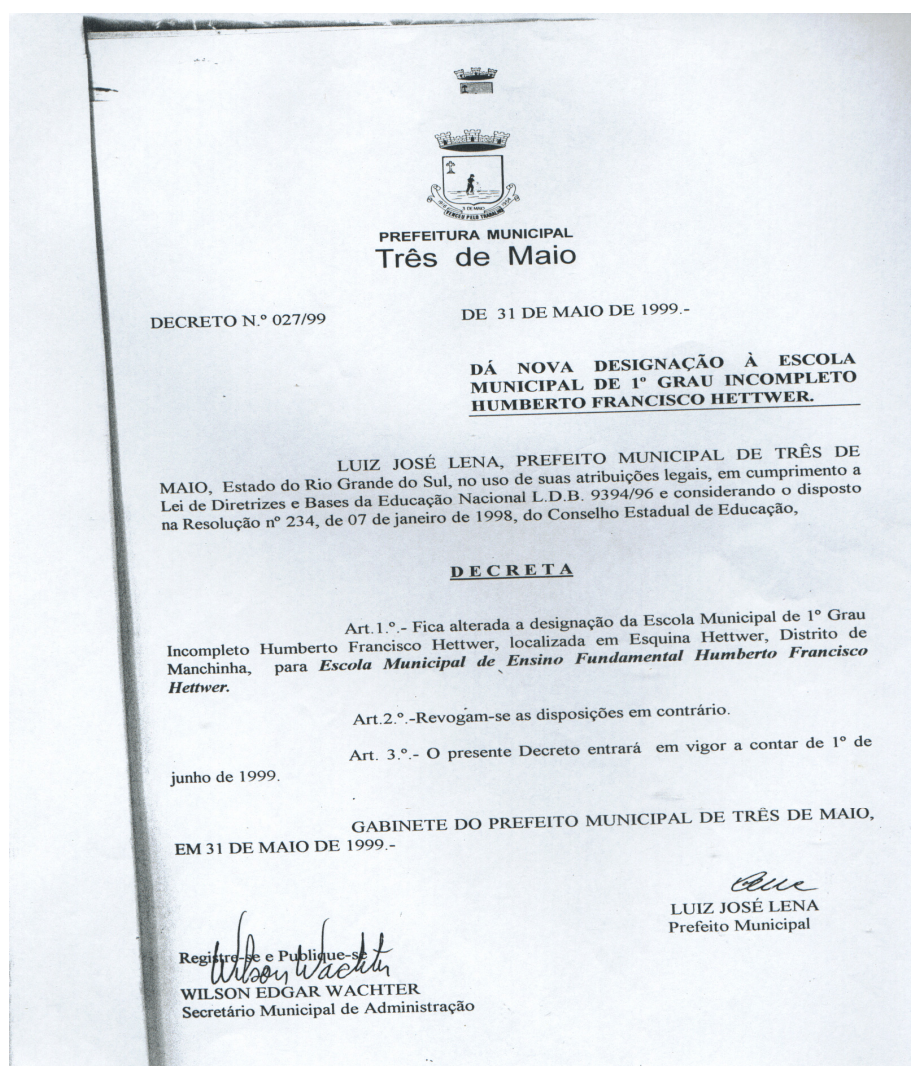


Ilustração 7: Decreto de Nova Designação da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

⁶ Devido a essa mudança de nomenclatura de “Escola de 1º Grau Incompleto” para “Escola de Ensino Fundamental”, com o intuito de não confundir o leitor, nomeio a escola, a partir daqui, apenas de “Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer”.

A Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer de Esquina Hettwer encerrou suas atividades em 28 de dezembro de 1999 da mesma forma como muitas outras na região, que também não ficaram isentas do processo de nucleação⁷. Os alunos daquela comunidade passaram a freqüentar as escolas estaduais dos Distritos de Manchinha e Progresso, conforme a escolha da família e a viabilidade do transporte escolar.

Conforme Decreto de número 093/99, a desativação da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer é justificada pela "falta de clientela" (SME,1999), conforme vemos em documento emitido e assinado pelo então prefeito municipal, José Luís Lena, no ano de 1999.

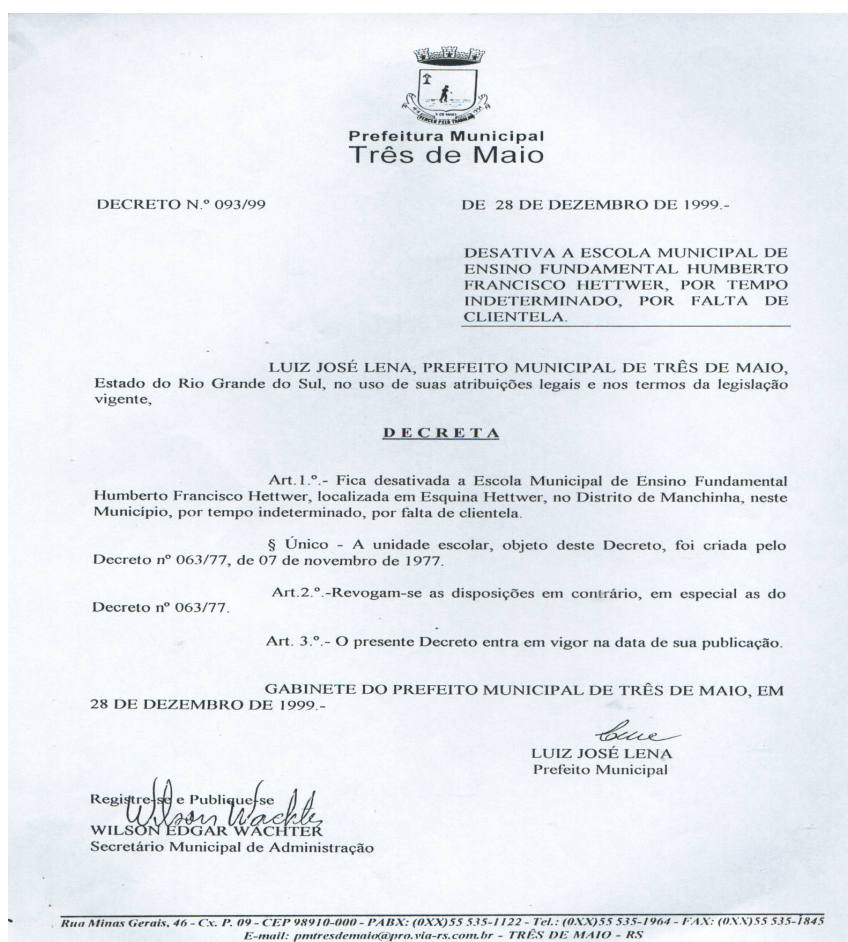


Ilustração 8: Decreto de Desativação da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

⁷ *Nucleação* - classes multisseriadas que são extintas e seus alunos transferidos para escolas pólos onde, então, podem ser agrupados por séries ou ciclos (Reckziegel, 2001).

Saliento que esse processo de fechamento de pequenas escolas rurais e multisseriadas, que levou à desativação da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, em 1999, deu-se em nível nacional, com o intuito de centralizar a educação rural em uma escola de maior porte. Assim, o município passou a ter a responsabilidade de providenciar o deslocamento dos alunos até esses estabelecimentos de ensino em escolas pólos.

Segundo Reckziegel (2001), referindo-se a esse processo de nucleação; “algumas questões são importantes para que essa nucleação ocorra de forma satisfatória, como: o transporte escolar, o tempo que os alunos levam até a escola, a não desvalorização do saber rural e a contextualização” (p.1).

Reckziegel (2001) ainda se refere à nucleação da seguinte forma:

Trata-se de um processo de gradativo agrupamento de pequenas escolas unidocentes e plurisseriadas da zona rural em Escolas-Núcleo com características próprias de organização e funcionamento e com uma proposta pedagógica vinculada ao contexto rural (p.1).

Também segundo Reckziegel (2001) seriam metas desse programa:

[...] desativar as escolas isoladas com pequeno número de alunos e em condições precárias de funcionamento; oferecer transporte escolar específico; fornecer alimentação adequada, conforme as necessidades dos alunos; favorecer, ao jovem rural, a continuidade dos estudos; conciliar estudo e trabalho do jovem-aluno, favorecendo sua permanência junto à família; qualificar os recursos humanos envolvidos nas Escolas-Núcleo e habilitar professores leigos; implementar projetos especiais de iniciação ao trabalho, preparo para o exercício da cidadania e/ou melhoria da qualidade de ensino e da vida no meio rural (p.3).

Referindo-se às propostas políticas para a nucleação das escolas rurais, pondo fim nas pequenas escolas multisseriadas, e entendendo esse processo de extinção como “natural e economicamente viável”, Piza e Sena (2001) afirmam:

Historicamente, as classes multisseriadas são consideradas como ensino de segunda categoria e o que é pior, sem alternativa de melhoria. Partindo desse ponto de vista, muitos educadores e gestores optaram por esquecê-las, esperando que desaparecessem, talvez como consequência natural de um processo de desenvolvimento econômico que destacou para as cidades, nas

últimas décadas, enorme contingente da população rural. Considerada como um mal sem remédio, tentou-se a alternativa de nucleação - que consiste na extinção das pequenas escolas unidocentes e multisseriadas e no seu agrupamento em uma escola de maior porte, tendo como consequência natural a necessidade de deslocamento dos alunos - o que tem se mostrado teoricamente positivo, mas de operacionalização difícil e que implica altos custos (sem numeração - página eletrônica).

Damasceno e Beserra (2004), referente à construção do estado da arte sobre a educação rural, lembram que os órgãos públicos (união, estado e município) precisaram adequar-se à exigência de garantir o acesso de todas as crianças ao Ensino Fundamental, fazendo-se cumprir a Constituição de 1988. Assim, diante de algumas alternativas, foi viabilizado o transporte escolar e o consequente fechamento das pequenas escolas rurais multisseriadas. Como afirmam Damasceno e Beserra (2004):

Desse modo, a escolinha isolada e as suas classes multisseriadas, que já foram o retrato mais comum do ensino no meio rural brasileiro, vêm se tornando cada vez mais raras em muitas regiões do país. Observa-se, em contrapartida, a aglutinação de escolas e, consequentemente, a concentração de alunos de uma dada área numa mesma escola de maior porte, seguindo o modelo do grupo escolar urbano, tornando-se, assim, possível levar para o campo o ensino fundamental completo, com a inclusão do ensino de quinta à oitava série. Tal transformação requer grandes investimentos em dois setores: a) o da construção de escolas maiores, com várias salas de aula, para comportar os estudantes da microrregião onde a escola se situa e b) o do transporte escolar, serviço que os municípios implantaram para cumprir a lei que os obriga a manter as crianças na escola. É óbvio que tal projeto é tanto mais viável quanto maior a concentração demográfica das diversas áreas rurais e, em implantação, não foi ainda submetido a uma avaliação mais sistemática e profunda. (p. 82. 2004)

Compreender esse processo de nucleação que se deu em nível nacional nos anos de 1990 e 2000 é importante, pois explica o fechamento da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Por fim, saliento que pretendi descrever um pouco a Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer e a turma de ex-alunos de 1982, lançando um olhar sobre momentos já passados, porque, como diz Bosi (1994, p.17), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.” O processo desta pesquisa foi também uma forma de reviver, repensar, refletir sobre minha própria história.

2. CAMINHOS DA PESQUISA

**“A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança.”
(BOSI, 1994. p. 53)**

Partindo do princípio de que, ao escolhermos um tema para o trabalho de pesquisa, somos influenciados por questões e desejos pessoais, quero afirmar que isso também me aconteceu. A idéia de investigar a trajetória escolar de meus nove ex-colegas nasceu com o registro de minha própria trajetória escolar em meu artigo do Curso de Especialização (Alfabetização e Letramento, 2004), o que me levou a um breve levantamento de dados de meus ex-colegas, sendo que estes me inquietaram e me “empurraram” para a continuidade e o aprofundamento da pesquisa.

Assim, para que seja possível entender melhor que o processo de pesquisa não surge por acaso, mas está associado a nossa própria história e significa a continuidade de um caminho já iniciado que parte para uma nova etapa, registro a minha história que foi ponto de partida para a busca da história de meus ex-colegas.

2.1 Um dia foi registrada uma história: a da pesquisadora



Ilustração 9: Turma de alunos do ano de 1931 da Escola Emanuel de Flor de Maio, pertencente à localidade de Buricá, hoje Três de Maio, RS. O professor desta turma, que aparece na foto, era Felipe Glienke, meu avô paterno. (foto localizada em uma antiga caixa de fotos de minha família)

Início a descrição da minha trajetória escolar com esta foto, na qual meu avô paterno aparece como professor. Ela representa um pouco do universo cultural em que nasci e cresci. Convivi com ele apenas nos meus três primeiros anos de vida, tendo-o apenas como um fragmento em minha memória, mas como referência, entre outras, de vida e profissão.

Ao resgatar minha infância e minha trajetória escolar, articulo a idéia de sucesso escolar ao sentido que atribuímos, enquanto alunos, ao mundo da leitura. Penso que ser alfabetizado é o primeiro passo para o sucesso na escola. Para Freire (1991), à criança devem ser dadas oportunidades de compreensão de seu “pequeno mundo”, observando as relações nele existentes. O contato com as pessoas, com as

ruas, com desenhos, com imagens, com materiais escritos, possibilita uma dinâmica de interação entre a linguagem neles explícita e a realidade em que se encontram.

Neste sentido, reporto-me à relação que Freire estabelece entre as suas vivências de infância e a aquisição da leitura, o que sempre me emociona:

[...] é importante dizer, a 'leitura' do meu mundo que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da 'leitura' do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior de meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (Freire, 1991:15).

Criada na zona rural, em um ambiente bastante pobre em termos financeiros, ao “reviver” a minha infância, lembro que não me faltou o incentivo para que fosse uma criança com vontade de aprender e que gostasse de ler. Devo o gosto pela leitura e o valor atribuído à escola a meus pais e a meus avós paternos, Felipe e Edna, que fizeram com que o riquíssimo mundo das histórias fizesse parte de forma significativa na minha infância e na de meus irmãos.

Lembro de quando tinha dois anos e meu avô Felipe, adoentado na época, sentava ao lado do fogão à lenha, punha a mim e a minha irmã em seu colo e contava as suas histórias, muitas delas narradas em alemão.

A avó Edna (madrasta de meu pai), nossa companheira quando meus pais trabalhavam na lavoura, enquanto realizava suas tarefas, contava-nos as suas histórias, muitas vezes entre as espigas de milho do paiol. Eram relatos de fatos de sua infância, histórias que herdara de meus tataravós, lendas e cantigas. Quando via que estávamos com muito sono, levava-nos para a cama e lá cantava cantigas de ninar. As de que mais gostávamos eram as cantadas em alemão.

Até onde me recordo, tenho a imagem de meus avós e meus pais lendo. Na época, no interior, não havia jornal, mas todo mês recebíamos a revista da Igreja, o “Kirchen - Blatt”⁸, posteriormente denominado de Mensageiro Luterano. Lembro, também, que minha avó lia livros de romance, dos quais adorávamos ver as figuras, pois, mesmo falantes da língua nada entendíamos da escrita em alemão. Foi a nossa língua materna, mas não sabíamos lê-la, embora falássemos (ainda falamos) fluentemente.

Em uma infância bastante prolongada, tive espaço para fazer grandes descobertas. Fui uma criança bastante criativa. Não tive muitos brinquedos. Por isso, eu e meus irmãos improvisávamos as nossas brincadeiras com os recursos oferecidos pelo nosso ambiente. Quando íamos junto com os nossos pais para a lavoura, ficávamos na beira do mato brincando de escrever com “lápiz” de gravetos no chão que nos servia de quadro ou caderno. Nossa mãe nos ensinou a fazer giz das raízes da mandioca, que descascávamos e deixávamos secar no sol. Com estas escrevíamos sobre tábuas, brincando de “escolinha”.

Tive pouco acesso à literatura infantil diversificada, mas, na época, meu pai era, e continua sendo, agente de literatura da Igreja, o que possibilitou que adquirisse para nós (meus irmãos e eu) livros infantis de histórias bíblicas. Também tínhamos a obra “Horinhas com Deus”, um livro de devoções que contém uma história para cada dia, relacionada à infância. Diariamente, antes de dormirmos, meus pais contavam uma história e conversavam sobre aquela ilustração. Quando meus irmãos e eu já estávamos alfabetizados, passamos a ler as histórias. Cada noite havia um responsável pela leitura.

Quando fui para a escola, lá também não havia muitos livros de histórias, mas eu recordo da chegada de uma caixa entregue pela Prefeitura Municipal. A partir de então, a professora passou a contar histórias na sala de aula e a deixar

⁸ Revista Mensal da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), primeiramente publicada em alemão e, posteriormente, e até os dias atuais, lançada em língua portuguesa. Passou a ser nomeada de Mensageiro Luterano, composta de artigos que envolvem a atualidade, mas com um cunho cristão. Publica, também, notícias de programações em nível nacional e internacional de nossa igreja.

espaço para a leitura quando acabávamos as atividades, enquanto atendia as outras séries (uma vez que se tratava de uma escola multisseriada).

Passamos a levar livros de histórias para ler em casa. Lembro com grande carinho dos livros do “Sítio do Pica-Pau Amarelo” e, de maneira um pouco intrigada, da obra “A panela de pipoca”, que contava a história de uma menina que era muito curiosa. Na ânsia de querer descobrir as coisas, ela caíra em uma panela de pipoca, estourando como uma delas. Eu me identificava com essa personagem. Meu temor diminuiu quando a professora esclareceu que muitas histórias são mera imaginação dos escritores.

Da leitura de contos e livros de bruxas parti para a leitura de aventuras. Adorava os livros da série “Vaga-lume”⁹, mas não aprendi a gostar de romances. Achava as histórias destes muito sem graça. Para mim eram todas muito “iguais”.

Cresci ouvindo os meus pais dizerem que gostariam de ter tido a oportunidade de estudar e que fariam de tudo para que nós a tivéssemos. A minha mãe não pôde estudar porque era a filha mais velha e teve que ajudar o seu pai na lavoura, e depois dela havia mais oito irmãos. Já o meu pai era o filho caçula. Conta que até poderia ter estudado, pois o seu pai era professor da escola Paroquial da Igreja, mas faltou quem estimulasse, pois havia perdido a sua mãe aos seis anos de idade. Penso que um dos maiores “tesouros” que meus pais nos deram (para mim, minhas duas irmãs e meu irmão) foi o de nos fazer fortes para vencer dificuldades, seguir adiante, e, principalmente, acreditar que é preciso batalhar pelos nossos ideais. Para tanto incentivavam a frequência à escola.

Meus pais também nos incentivavam a participar de programações de datas especiais na Igreja Luterana, da qual a minha família faz parte. Tanto que, aos três anos, declamei o meu primeiro verso no programa de Natal da congregação. Lembro-me, também, que atribuíam a nós tarefas que exigiam responsabilidade, isto

⁹ Coleção Série Vaga-lume é uma coletânea de literatura infanto-juvenil, publicada pela Ed Ática, de São Paulo.

até mesmo antes de entrarmos na escola, algumas do tipo: ir ao “bolicho”¹⁰ da Esquina Hettwer comprar medicamentos para algum animal doente ou alguma mercadoria para casa. As tarefas vinham acompanhadas de um bilhete que servia apenas de lembrete, caso chegássemos até a venda e tivéssemos esquecido o que queríamos, mas nunca precisávamos do recado escrito.

Também se preocupavam em proporcionar recreações sadias e educativas. Por vários anos de nossa infância (minha e de meus três irmãos), não tínhamos televisão em casa e lembro de algumas noites em que sentávamos para cantar: músicas da igreja, gauchescas e folclóricas de um pequeno cancionero verde - “Cancioneiro da Amizade”. Fomos também estimulados para a música, tanto que todos nós (eu e meus irmãos) aprendemos a tocar algum instrumento.

Cursei as primeiras quatro séries do Ensino Fundamental (na época, Primeiro Grau) na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer da Esquina Hettwer. Foram anos marcados de grandes recordações. Eu gostava muito daquela escola. Ela fazia parte de nossa vida. Como nesta escola somente havia até a quarta série, ao final do quarto ano de estudos era preciso ir para outra. Os alunos que moravam mais próximos da Vila Manchinha iam para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Frederico Lenz e os que moravam próximos a Vila Progresso passavam a estudar na Escola Estadual de Ensino Fundamental Progresso, como foi o meu caso e de minha irmã, em 1986, após concluir a quarta série em 1985.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Progresso, foi tudo muito diferente. A turma era grande. A maioria dos alunos residia na vila Progresso. Também nesta escola tivemos oportunidade de destaque pelo nosso empenho escolar e conquistamos o crédito dos professores que hoje nos têm como referência, mesmo que eu e meus três irmãos não estejamos mais em nossa cidade natal. Percebi que esses professores, pelo carinho e interesse que demonstram até hoje quando encontram seus ex-alunos, sentem-se colaboradores das histórias de sucesso dos alunos que por eles passaram e penso que realmente foram, em parte, responsáveis por isso.

¹⁰ Era assim denominado pelos moradores de Manchinha o estabelecimento comercial localizado na Esquina Hettwer, pertencente à família Hettwer. Lá se vendia de tudo: alimentos, remédios para pessoas e animais, roupas, tecidos, servia de correio, entre outras coisas.



Ilustração 10: Alguns Professores da Escola Estadual Progresso de Vila Progresso da década de 1980 até hoje, 2007. (Tirada em janeiro de 2007)

Nesta foto, estão alguns de meus ex-professores da Escola Estadual Progresso que hoje ainda atuam no magistério na referida escola. São eles, da esquerda para direita: professora Ilovane, lecionava a disciplina de Ciências; professora Odila, pedagoga, mas foi minha professora de História; professora Rosane, lecionava a disciplina de Português; ao centro, estou eu, minha filha Rebeca e meu afilhado Josué; em seguida, o professor Romeu, que ministrava a disciplina de Matemática e professor Délcio que, na época, lecionava Geografia e atualmente (2007) é o diretor da escola.

O tempo foi passando e lembro que, quase ao final do Ensino Fundamental, meus pais começaram a se preocupar de como fariam para que pudéssemos dar continuidade aos estudos, pois, na zona rural do município, não havia, e ainda não há, escola de Ensino Médio. Estudar na cidade implicaria em uma série de coisas: pegar o ônibus para a cidade na estrada às seis horas da manhã e, nesse horário, no inverno, ainda era escuro; dinheiro para pagar o transporte, os livros, a alimentação, etc.

Foi um momento em que provavelmente passou pela cabeça deles que seria o fim da caminhada escolar das filhas. Com quatorze anos e tendo decidido batalhar pelos meus ideais, tomei a decisão de trabalhar de empregada doméstica na casa de uma família conhecida que morava na Vila Manchinha, apesar da opinião contrária de meus pais, pois isso facilitaria o acesso ao transporte escolar e eu estaria tendo um ganho para auxiliar nas despesas escolares. Recebia meio salário mínimo, o qual usava para ajudar no pagamento dos livros e do transporte, meu e de minha irmã.

Foram três anos de trabalho árduo. Formamo-nos no Curso de “Técnico Assistente em Administração”, na Escola Estadual Cardeal Pacelli, em Três de Maio, apesar de meu desejo pelo magistério, que, na época, era oferecido somente no Colégio Dom Hermeto, escola privada administrada por freiras lassalistas. No final do primeiro ano do Ensino Médio, foi implantado o curso de Magistério, oferecido no turno da tarde, na escola estadual, mas o horário do transporte escolar era apenas no turno da manhã, portanto em turno incompatível com o mesmo.

Em julho de 1992, quando estava cursando o terceiro ano do Ensino Médio, soube de um curso de Magistério de apenas um ano de estudo e mais um semestre de estágio supervisionado, dirigido para quem já havia concluído o Ensino Médio oferecido pelo Centro Educacional Concórdia, de São Leopoldo, RS. Não bastava matricular-se. Era necessário prestar uma prova escrita e fazer teste vocacional.

Longe, e envolvendo gastos muito superiores ao que o meio salário mínimo comportava, parecia impossível pagar as despesas de viagem e inscrição. Procurei o prefeito da cidade e com ele consegui a viagem de ida a São Leopoldo e de volta a Três de Maio. Tinha muita esperança de passar, embora tivesse a incerteza de poder pagar, preocupação que meus pais compartilhavam comigo.

Através do prefeito municipal de então, José Casalli, encaminhei um pedido de auxílio a um deputado, do qual recebi o equivalente a uma mensalidade escolar. Também soube de uma senhora no Paraná, sogra de um tio de minha mãe, que auxiliava na formação de estudantes de Teologia no Seminário Concórdia de São Leopoldo. Escrevi para ela e, após muitos questionamentos, com meus argumentos

consegui convencê-la a abrir uma exceção e auxiliar na formação de uma professora em nível médio. O apoio financeiro, meio salário mínimo mensal, durou um ano e meio. Ela conheceu-me pessoalmente apenas no dia da formatura, pois a neta se formou junto comigo, mesmo sendo de outra turma.

Iniciei o referido curso de magistério em março de 1993. Estudava pela manhã e fazia faxina em cinco casas de famílias, uma tarde em cada casa. Dois meses depois, consegui o emprego de babá. Nesse trabalho, praticamente não havia folga, pois os patrões também trabalhavam no final de semana e eu ficava com as crianças; aos domingos à tarde, a partir das quatro horas, eu era liberada. No início de maio de 1994, saí do "cativeiro" após terminar de pagar a última parcela do estágio do curso de Magistério. A conclusão do estágio foi o início de um vínculo com a profissão que se mantém até hoje: em dois de agosto de 1994, iniciei o trabalho como professora em uma escola particular de São Leopoldo.

Com emprego de carteira assinada, em 1995, ingressei no Curso de Pedagogia, na UNISINOS, em São Leopoldo. Paralelo ao trabalho de professora, foi necessário fazer "bicos" para suprir as despesas do Curso Superior, da moradia e da alimentação. Nesses quatro anos, fui um pouco de tudo: além de professora, faxineira, babá, vendedora.

Depois de concluído o curso superior, faria um Curso de Especialização na ULBRA, em Canoas. Inscrita, o curso não teve a procura esperada e não se realizou. Minha vontade de estudar continuava e, assim, optei pela habilitação em Supervisão Escolar entrando como portadora de Diploma de Curso Superior. Em dezembro de 2000, me formei em Pedagogia na ULBRA, agora com uma nova habilitação e em outra Universidade. Em 2001, já casada¹¹, vim residir em Pelotas.

Chegar a Pelotas foi um novo desafio: conhecer uma nova cidade e buscar um novo trabalho. Como não me imaginava sem trabalho, o que dificultaria também a possibilidade de continuar estudando, fui à luta. Com o currículo distribuído, para

¹¹ Estudante de Teologia na ULBRA, e do Bacharelado em Teologia no Seminário Concórdia de São Leopoldo, meu esposo podia assumir o ofício de pastor na Igreja Luterana e poderia ser designado a trabalhar em qualquer lugar no Brasil, ou até mesmo no exterior. Mas coube ao Mauro um trabalho de missão na Vila Bom Jesus, na cidade de Pelotas.

minha surpresa, fui chamada na primeira semana de fevereiro, para assumir uma segunda série na Escola Luterana de Ensino Fundamental da Redenção, centro de Pelotas. Parece que Pelotas já começava a abrir as portas para mim, ou talvez, era eu quem estava mais uma vez tentando encontrá-las.

Em março de 2001, o município abriu inscrição para contrato emergencial, me inscrevi e fui classificada em décimo lugar. Ao final de abril, estava também assumindo uma turma de 3ª série na rede municipal de ensino na Escola Municipal Antônio Rona. O concurso público aconteceu em 2002 e, aprovada, fui nomeada em fevereiro de 2003. Nesse ano, trabalhei 20 horas na Escola Municipal Núcleo Habitacional Getúlio Vargas e 20 horas na Escola Luterana da Redenção, esta particular. Diante da aprovação em um novo concurso, para as séries iniciais, em fevereiro de 2004, fui chamada e optei pelo trabalho de 40 horas na Escola Municipal Núcleo Habitacional Getúlio Vargas. Atualmente, 2007, já pelo terceiro, ocupo o cargo de direção da Escola Municipal Mário Meneghetti.

Ao mesmo tempo em que sentia a segurança de ter emprego, desejava dar continuidade aos estudos. Informada sobre o Curso de Especialização em Educação da Universidade Federal de Pelotas, realizei a seleção em julho de 2003. Ao mesmo tempo, me inscrevi no Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Escolar na AUPEX – Associação Universitária Pedagógica de Extensão de Joinville, SC, órgão auxiliar da ACE – Associação Catarinense de Ensino¹².

No Curso de Especialização da FaE/UFPeL, ao retomar a minha trajetória escolar, agora na condição de “pesquisadora”, pensava que nessa “releitura” pudesse simplesmente reviver a minha infância e a minha experiência escolar. Mas essa oportunidade de pesquisa me levou a aspectos muito mais profundos e complexos. Assim como Soares (1991), ao descrever sua trajetória enquanto educadora, também vivi essa relação passado-presente:

Na lembrança o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e o agora. Esforço-me por recuperá-lo tal como realmente e objetivamente foi, deve ter sido [...] mas não posso separar o passado do presente e o que encontro é sempre o meu

¹² O curso era ministrado em Pelotas.

pensamento atual sobre o passado, é o presente projetado sobre o passado (SOARES, 1991:37).

Pude, sim, emocionar-me com lembranças, relatos de meus pais e professores, escritos por cartas, em 2004. Alguns elementos dessas reminiscências me fizeram compreender que é preciso aprofundar o olhar sobre o entorno da sala de aula. Agora entendo o quanto a atribuição de sentido à escola definiu a minha caminhada escolar. O que hoje sou, até onde cheguei, penso, é fruto, em grande parte, da expectativa depositada sobre mim. Compartilho agora o que a minha primeira professora escreveu na ocasião:

Você foi uma aluna que muito me chamou a atenção, desde o seu primeiro dia de aula mostrava-se muito preocupada em querer logo aprender a ler. Lembro também que sua letra era muita bonita e tinha muito capricho com seu caderno, vinha sempre com o tema feito. Era um pouco tímida, mas isto era só nos primeiros dias. Lembro também quando saí, você com apenas meio ano de aula já lia tudo e também escrevia textos. Desde logo percebia que você era uma criança de muita fibra e que iria à busca de seus ideais (Professora Nélvi, 44 anos, 2004).

Diante da retomada da trajetória escolar (e de vida) da turma de 1982 e da clara distinção entre a minha própria trajetória e a dos demais ex-colegas, comecei a indagar quais foram os fatores que contribuíram para que eu tenha dado continuidade aos estudos e tenha auxiliado os meus irmãos para que também tivessem essas oportunidades.

Percebi que meus pais têm atribuído à instituição “escola” um sentido todo especial e solicitei que escrevessem o motivo de terem enviado a mim e a meus irmãos para a escola. Cada um deles escreveu o seu depoimento: a mãe, de uma maneira mais singela; o pai buscou uma “linguagem intelectual”, própria de sua escrita, fruto de suas muitas leituras.

Minha mãe Nelsi estudou até a quinta série do Ensino Fundamental. Conta que repetiu essa série mesmo aprovada, pois, na localidade onde morava, não havia possibilidade de continuidade de estudos. Sua escrita apresenta marcas de uma época, de uma cultura e dos poucos anos de escolaridade. Nada disso impede que

se expresse com clareza e que demonstre dar um grande valor à escola. Em suas palavras:

Por que mandei meus filhos na aula? A resposta da tua mãe é a seguinte: Pois valorizo muito o estudo. O primeiro dia de aula foi o início de uma longa caminhada, o meu sonho era que meus filhos estudassem e se formassem numa faculdade, o estudo é um bem que adquirem e ninguém os pode tirar. É muito difícil a vida de uma pessoa com pouco estudo. Eu queria e incentivei que meus filhos se envolvessem no estudo e tivessem sucesso, uma oportunidade que eu não tive, pois o estudo auxilia, facilita para enfrentar a vida. É a formação para ter um bom emprego (Nelsi Glienke, 52 anos, 2004).

Meu pai teria tido oportunidade de estudar, pois além do seu pai (professor da Escola Paroquial que ficava ao lado da Igreja Luterana “Cristo” da Esquina Hettwer nos anos 50) teve também um tio professor. Era o “pequeno” e o fato de ter perdido a mãe aos seis anos de idade, pode ter sido o motivo de não ter seguido adiante nos estudos. Coursou até a 4ª série e não deu continuidade à sua escolarização. É uma pessoa muito dedicada ao trabalho da igreja. Possui bastante conhecimento sobre ela. Penso que se tivesse continuado os estudos seria professor ou um teólogo e pastor da Igreja Luterana. Percebo em sua escrita que o incentivo fez falta, talvez com a mãe presente tivesse dado continuidade aos estudos. Deixa claro que o incentivo para que eu e meus irmãos estudássemos foi e tem sido uma meta para a sua vida:

Por que mandamos você para a escola? Em primeiro lugar é um direito de todo o cidadão, ser alfabetizado, e um dever do País e do Estado, cumprir a lei. A gente não tinha um incentivo a continuar os estudos, só pensavam em tirar da escola na 4ª ou 5ª série, e isto a gente hoje sente que faz falta. Por isso, eu e a tua mãe sempre pensamos em fazer que os nossos filhos deveriam estudar e talvez um dia fazer uma faculdade. Isto para todos, também você Magda colaborou para que isto acontecesse. Porque uma pessoa sem ter estudo, é um carro sem motor, só vai empurrando, e é muito fácil de ser passado para trás, como se diz na gíria. Sempre se aconselha, a quem quer que seja, que continue a estudar, porque o saber não ocupa lugar, e ninguém o pode tirar de nós, é uma das melhores heranças e um dos melhores

investimentos. Teu pai Erno (Erno Egon Glienke, 57 anos, 2004).

Penso que agora começo a perceber melhor o que vem a ser o “sentido atribuído à escola” (ROSA, 2004). Meus pais, com certeza, fizeram “migrar” para nós o sentido que eles atribuíram à escola, como diz Rosa (2004), “realizar o sonho de fazer estudar os filhos”. Meus pais muito me influenciaram dando-me uma educação, na qual o valor atribuído à escola foi relevante, tanto que se torna reconhecido pelos meus professores de 5ª a 8ª séries, na carta que me enviaram:

A bem da verdade, cabe-nos ressaltar que o sucesso da aluna Magda, deve-se também e sobretudo ao estímulo de seus pais, que sempre foram um grande exemplo de educadores natos, o que vem reforçar mais uma vez o papel fundamental da família na educação dos filhos. Deixamos o pensamento de Appius Cláudios, 53 a.C., ‘Todo o homem é o arquiteto de seu próprio destino’ (Professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Progresso: Odila, Romeu, Rosane, Délcio, Ilovami, Mirian e Natólico, que estão com a idade entre 40 e 50 anos, setembro de 2004).

Se hoje me vejo como uma educadora preocupada em não apenas auxiliar na construção do conhecimento de meus alunos, mas, antes de tudo, em fazer com que acreditem na possibilidade de sucesso, é porque tive, em minha caminhada, pessoas que me fizeram acreditar na escola. Não apenas como um meio de conseguir um futuro melhor, mas de percebê-la como espaço de constante renovação, resignificação da vida. Ser professora e aluna ao mesmo tempo me faz entender que a escola precisa ser um espaço de desacomodação e reconstrução de conhecimentos, conceitos e experiências, ou seja, um lugar significativo.

2.2 Depois surgiram novas histórias e novas personagens: Meus ex-colegas

A forma deste estudo, descrição de “trajetórias escolares”, foi inspirada, inicialmente, na obra “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos” (BOSI, 1994), por ter “aberto os meus olhos” sobre a importância das Histórias de Vida no campo

da pesquisa. Foi de alguma forma o ponta pé inicial para entrar no “mundo” da História Oral.

Também serviu de “fonte inspiradora” uma publicação do jornal Zero Hora que se refere à reconstituição histórica de uma turma de alunos que esteve na escola em uma comunidade pobre de Porto Alegre. A “Turma de 1984” envolve questões referentes ao sucesso/fracasso escolar (Zero Hora, 5/11/2000).

Nilson Mariano (2000) assim escreve na reportagem do jornal “Zero Hora”:

Que futuro tiveram crianças de uma comunidade marcada pela violência? Ao se lançar ao desafio de encontrar a resposta, Zero Hora reconstituiu caminhos que se cruzaram 16 anos atrás pela mesma classe, na Vila Divinéia, em Porto Alegre. Encontrou a síntese de um país que, em meio à miséria, se divide entre os esperançosos e os que renunciaram à capacidade de sonhar. Este retrato, montado pela trajetória das crianças desde 1984, será revelado em dois dias de reportagem (ZH, Ano 37 – nº 12.862).

Zero Hora revela, 16 anos depois, o que o futuro reservou para uma turma de alunos de uma comunidade pobre de Porto Alegre. Neste sentido, desta turma foram procurados os dezoito alunos de 1ª série da professora “Ângela”, do ano de 1984. Dos até então encontrados, nenhum “passara do segundo grau”. Em quase todos os casos, tinham “um pé no campo”, ou seja, as famílias haviam vindo para a cidade “atraídas pela luz traiçoeira da cidade grande”. (MARIANO,2000).

Lembro ainda que não só chamou atenção a busca pela reconstrução da trajetória pessoal de cada um, mas, também, o fato de se apresentarem dois grupos distintos, como diz o jornalista: “os com sonho e os sem esperança”. Os meus sujeitos de pesquisa também se dividem em dois grupos: os que estudaram e os que tiveram pouca escolarização. Assim, adiante, Mariano escreve:

Filhos da hostilidade e do pouco leite, os protagonistas do retrato podem ser divididos entre: os com sonho e os sem esperança. Os primeiros, graças ao esforço pessoal e a um bafejo de sorte, estão se afirmando. Os outros parecem ter sucumbido ao peso dos infortúnios. Ignoram que foram excluídos desde o início e massacrados por desgraças. São os brasileiros invisíveis, só aparecem quando colhidos por alguma ocorrência policial (ZH, Ano 37 – nº 12.862).

Ao me propor a reconstituir a trajetória escolar de meus ex-colegas de 1ª série, encontrei-me diante da expectativa de retomar os nomes dos alunos dessa turma, da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Foi, de alguma forma, o “tecer o bordado”, seguindo um “risco desconhecido” (BOSI, 1994).

Relembrar é rememorar o que já passou, ou seja, olhar o presente a partir do passado. Então, reconstruir o passado seria fazer uma “releitura”, como afirma Bosi (1994):

Ao encetar a releitura esperamos que voltem com toda a sua força e cor aqueles pormenores esquecidos, de tal maneira que possamos sentir as mesmas emoções que acompanharam o nosso primeiro contato. Que a memória nos faça reviver aquela bela experiência juvenil. Mas se fizermos uma análise objetiva da situação em que se desenvolve a releitura, teremos de reconhecer que não é assim que se dá. Parece que estamos lendo um livro novo (BOSI, 1994, p.57).

Ao reconstruir, inicialmente em 2004, minha trajetória escolar e, a partir de 2005, a de meus nove ex-colegas, senti como se estivesse lendo “um livro novo”.

Ao ler a descrição do início da pesquisa de Fischer (2003), na qual busca o resgate da trajetória escolar de sua primeira turma de alunos, encontrei suporte metodológico prático e objetivo para o uso da história oral como forma de buscar os dados empíricos de minha pesquisa. Pretendi, assim como Fischer com seus primeiros ex-alunos, saber como cada ex-colega “percebe” a sua própria trajetória escolar, “[...] os sujeitos da pesquisa são convidados para, da janela do presente, contemplar caminhos trilhados” (Fischer, 2003, p.86). Em outras palavras, quis que meus ex-colegas, ao rememorá-la, relatassem a sua trajetória de maneira individual, “percebendo” e trazendo fatos que foram marcantes em suas Histórias de Vida.

No trabalho de Almeida (2001), sobre professores de escolas rurais, a autora, em seu “post scriptum”, também ressalta a necessidade de haver pesquisas sobre os discentes da escola rural. Então, ao conhecer esta pesquisa, certifiquei-me de que dedicava minha pesquisa a um tema de relevância e ainda pouco explorado: a trajetória escolar de discentes da escola rural.

O “estado da arte”, escrito por Damasceno e Beserra (2004), da Universidade Federal do Ceará, referente às décadas de oitenta e noventa sobre Educação Rural, demonstra a pouca existência de estudo nessa área. A partir desse levantamento, feito através de pesquisas realizadas sobre a Educação Rural na base da ANPEd, em periódicos acadêmicos nacionais e obras sobre o assunto publicadas nesse período, há a indicação da relevância de pesquisar a Educação Rural, pois, em média, de cada mil trabalhos, são produzidos apenas doze referentes à educação rural, o que implica em um número de dois em uma média anual, a nível nacional (DAMASCENO e BESERRA, 2004).

De forma ampla, Educação Rural foi o tema da pesquisa a que me propus ao abordar a trajetória escolar (e de vida) da turma de ex-colegas que, no ano de 1982, ingressaram comigo na 1ª série do Ensino Fundamental na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. O objetivo de fazer a descrição e a análise dessas trajetórias é fazer ouvir as vozes silenciadas do campo, através do uso das suas Histórias de Vida, e, assim, no caso específico deste estudo, evidenciar elementos que contribuíram para a pouca escolarização da maioria dos ex-colegas.

Ao reconstituir a trajetória escolar (e de vida) de meus nove ex-colegas de primeira série - todos filhos de agricultores e alunos da escola rural - percebi que a coleta de informações individuais constituiria o coletivo neste estudo histórico, o que me levou à análise do contexto. Como refere Fischer (2003):

[...] assume-se uma forma de abordagem historiográfica que carrega intrinsecamente o potencial provocador de múltiplas relações, penetrando nos pequenos universos da história, descobrindo indícios de grandiosidade nas histórias individuais; especialmente, naquelas não registradas oficialmente, naquelas nunca sequer ainda contadas, mas que portam rico manancial para a compreensão das práticas escolares ao longo desses últimos anos. Assim, a história de cada sujeito [...] poderá contribuir inclusive para novas formas de análise, envolvendo questões mais amplas, relacionadas ao contexto educacional [...] O ato de decifrar a história pode ser alicerçado justamente na reconstituição desses fragmentos aparentemente dispersos, que a nós, enquanto pesquisadores/as, cabe tentar melhor compreender (p.86).

Assim, refiro-me à ansiedade que senti, enquanto pesquisadora de ouvir a história de cada ex-colega. Encontrava-me diante de um “quebra-cabeças”, onde cada peça - “fragmento”- seria de fundamental importância: a “grandiosidade” da história de cada um. Também preocupava-me a responsabilidade de trazer a história particular de cada ex-colega para um contexto mais amplo, “compreender as práticas escolares”, cabendo a mim, pesquisadora e “protagonista desta história”, não apenas juntar os “fragmentos” de vários personagens em uma história, mas tentar entender melhor o que a escola produziu na vida de cada um de meus ex-colegas e, sem pretender fazer generalizações, desvendar os sentidos da escola para moradores de zonas rurais.

Ao iniciar a pesquisa, ainda em 2004, encontrava-me diante de muitos questionamentos: será que conseguiria localizar todos os meus ex-colegas? Que meios poderia usar para localizá-los? Será que continuavam em Três de Maio, ou teriam tomado outros rumos, como eu e minha irmã? O que estariam fazendo hoje? Até que série teriam estudado? Quem poderia me ajudar a encontrá-los? Por onde poderia começar?

Logo no início do trabalho, vieram à tona lembranças, imagens de alguns dos meus colegas de infância. Em meio às recordações, a dúvida a respeito de alguns nomes, uma vez que a escola era multisseriada, e alguns alunos poderiam ser de outra turma. Diante da impossibilidade de encontrar dados na escola (por estar desativada), procurei uma fonte “segura”, a SME de Três de Maio, para obter a relação de alunos de 1982, matriculados na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Em 18 de agosto de 2004, chegou às minhas mãos a resposta ao requerimento solicitado com a listagem completa dos nomes¹³ da “turma de 1982”. O documento, assinado pelo então Secretário Municipal de Educação, Leandro Luiz Lied, diz:

¹³ Embora constem no documento os nomes completos da turma, optei por suprimir os sobrenomes no decorrer do trabalho. Essa decisão está baseada no fato da publicização de suas identidades não ser necessária para o tema em foco.



PREFEITURA MUNICIPAL
Três de Maio

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO

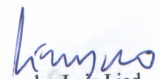
PROCESSO ADMINISTRATIVO: 2293/2004

REQUERENTE: FLÁVIO BOESING

ASSUNTO: RELAÇÃO DOS ALUNOS/1982 – ESCOLA HUMBERTO F. HETTWER

A Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto da Prefeitura Municipal de Três de Maio ATESTA para os devidos fins e de conformidade com os assentamentos existentes que no ano de 1982 os alunos que freqüentaram a 1ª série do ensino primário da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer - Esquina Hettwer, Manchinha – Três de Maio, foram os seguintes: Carmem Eliane Tillwitz (7 anos), Carmem Paula Glienke (8 anos), César Rogério Eckardt (7 anos), Cláudio Antenor Kelm (7 anos), Daniel Cristiano Herbert (7 anos), Evandro Valmir Kelm (7 anos), Magda Raquel Glienke (7 anos), Pablo André Broenstrup (8 anos), Sandro Valmor Kelm (8 anos), Sandro Valmir Altmann (8 anos).

Três de Maio, 02 de agosto de 2004.


Leandro Luiz Lied
Secretário de Educação



Rua Minas Gerais, 46 - Cx. P. 09 - CEP: 98910-000 - PABX: (55) 3535-1122 - Fax: (55) 3535-1845 - e-mail: pmtresdemaio@pmtresdemaio.com.br

Ilustração 11: Resposta do requerimento solicitado referente aos nomes dos alunos da turma de 1ª série de 1982 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer.

Assim, após a fonte inicial, o documento recebido pela SME de Três de Maio, foram os meus pais, que ainda moram na localidade Esquina Hettwer, que me auxiliaram a levantar os dados iniciais, os quais estão descritos nos perfis abaixo. Adotei alguns critérios que permitiram definir o perfil de cada um dos ex-colegas, tais como: a idade que tinham quando ingressaram na primeira série, em 1982; a condição de primeiro ingresso (novos ou repetentes); se foram ou não aprovados naquele ano; o atual grau de escolarização e a profissão que exercem atualmente. Meus pais conseguiram localizar todos os meus oito ex-colegas, uma vez que as outras duas eram minha irmã e eu.

Hoje, 2007, os protagonistas deste estudo são homens e mulheres que completam 32 ou 33 anos. Eis o perfil de cada um¹⁴:

Carmem Eliane, neste ano (2007), completará trinta e dois anos, e casada e mãe da menina Aline, nascida em cinco de fevereiro, do corrente ano. Em 1982, ingressou na primeira série com seis anos, mas não foi aprovada. Estudou até a quinta série do Ensino Fundamental, iniciou a sexta série, mas não a concluiu. Atualmente, trabalha na agricultura.

Carmen Paula, neste ano (2007), completará trinta e três anos, é casada e mãe de Josué. Em 1982, iniciou a vida escolar com sete anos completos e foi aprovada. É minha irmã mais velha e entramos juntas na escola. Na época, meus pais a achavam muito pequena para ir sozinha. Assim, estudamos juntas até concluir o Ensino Médio, em 1992. Coursou a Faculdade de Relações Públicas na ULBRA. No início de 2006, concluiu o curso de Pedagogia na VIZIVALE (Faculdade do Iguaçu Dois Vizinhos – Paraná). Trabalha como oficial administrativa em uma escola da rede estadual de ensino do Paraná.

César Rogério, neste ano (2007), completará trinta e dois anos e é casado. Em 1982, ano em que ingressou na primeira série pela primeira vez, tinha seis anos. Não foi aprovado. Concluiu a quarta série do Ensino Fundamental no ano de 1988. É filho único, mora e trabalha na lavoura dos pais.

¹⁴ Embora tenha traçado o primeiro perfil de cada ex-colega ainda em 2004, optei por colocar a idade atual (2007) de cada um.

Cláudio Antenor, neste ano (2007), completará trinta e dois anos e é solteiro. Em 1982, ano em que ingressou na primeira série pela primeira vez, tinha seis anos. Não foi aprovado. Estudou até a quarta série do Ensino Fundamental na escola regular, concluindo em 1988. Depois de adulto, esteve por dois anos em uma escola agrícola, fazendo um curso de Educação Familiar que tem como objetivo aperfeiçoar o trabalho na agricultura. Trabalha na agricultura com os seus pais.

Daniel Cristiano, neste ano (2007), completaria trinta e dois anos, mas faleceu tragicamente, em acidente, no dia 30 de setembro de 2006. Era solteiro. Em 1982, ano em que ingressou na primeira série, tinha seis anos e foi aprovado. Fez a quinta e a sexta séries na Escola Estadual Frederico Lenz de Vila Manchinha, distrito de Três de Maio. Foi reprovado na sexta série; passou, então, para a Escola Estadual Progresso de Vila Progresso, distrito de Três de Maio, onde concluiu a oitava série. Fez Ensino Médio Científico em Horizontina (RS) e se graduou em Administração de Empresas pela UNIJUI. Como se percebe, além de mim e minha irmã, era outro aluno de 1982 com Ensino Superior. Trabalhou 9 anos na empresa John Deere e, posteriormente, tornou-se dono de uma revenda de automóveis na cidade de Horizontina.

Evandro Valmir, neste ano (2007), completará trinta e dois anos. É casado e tem cinco filhos. Mora em Bom Jardim, interior de Nova Candelária, RS. Em 1982, ano em que ingressou na primeira série, tinha seis anos e entrou pela primeira vez na escola, mas não foi aprovado. Concluiu a segunda série do Ensino Fundamental na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Chegou a cursar a terceira série em 1987, mas foi reprovado. Em 1988, consta nas atas escolares como transferido, época em que foi trabalhar na casa de uma família e estudou na escola da localidade de Quinera, interior de Três de Maio, onde repetiu a terceira série e foi aprovado para a quarta série, mas não a concluiu, pois os seus pais se mudaram para Bom Jardim. Acompanhando os pais, abandonou a escola para ajudar na agricultura. É irmão mais moço de Sandro Valmor, também da turma de 1982. Hoje, trabalha em sua propriedade, adquirida pelo financiamento do “Banco da Terra” (iniciativa do governo federal) na localidade de Bom Jardim, interior do município de Nova Candelária RS, aproximadamente 10 quilômetros distante da localidade de Esquina Hettwer.

Pablo André, neste ano (2007), completará trinta e dois anos. É casado e tem uma filha. Em 1982, ano de ingresso na primeira série, tinha sete anos e entrou pela primeira vez na escola, sendo aprovado com recuperação. Concluiu a quarta série do Ensino Fundamental, embora tenha cursado a quinta série por três anos, mas não a concluiu, sendo que dois anos cursou na Escola Estadual Frederico Lenz em Vila Manchinha, e um ano na Escola Estadual Progresso em Vila Progresso. Está trabalhando como empregado, na fazenda de um médico, em São José do Inhacorá, RS.

Sandro Valmor, neste ano (2007), completará trinta e três anos e é solteiro. Em 1982, ano de ingresso na primeira série, tinha sete anos e entrou pela primeira vez na escola, mas não foi aprovado. Estudou até a segunda série do Ensino Fundamental. Chegou a cursar a terceira série no ano de 1987, mas reprovou. Em 1988, consta como evadido, nas atas escolares. É irmão mais velho de Evandro Valmir. Mora com os pais e trabalha na agricultura, na localidade de Bom Jardim, interior do município de Nova Candelária, RS.

Sandro Volmir, neste ano (2007), completa trinta e três anos e é casado. Em 1982, ano de ingresso na primeira série, tinha sete anos e entrou pela primeira vez na escola, mas não foi aprovado. Estudou até a quarta série do Ensino Fundamental na escola de Esquina Hettwer, e concluiu no ano de 1988. Posteriormente, chegou a cursar a quinta série na Escola Estadual Frederico Lenz de Manchinha, mas não foi aprovado. Mora com os pais e trabalha na agricultura.

No quadro a seguir, estão delineados, em síntese, os dados encontrados já na definição dos perfis, em 2004, e ampliados com dados das atas finais da escola, obtidos em 2005, contrastando e/ou retificando a instrução declarada nas entrevistas com a instrução real, que serviram de base para categorizar os elementos para análise na pesquisa:

Quadro 3: Histórico Geral dos Sujeitos de Pesquisa

N	NOME	IDADE FINS DE 1982	RES. FINAL DE 1982	INSTRUÇÃO DECLARADA	INSTRUÇÃO REAL	PROFISSÃO ATUAL
1	Carmen Eliane	7 anos	Não	6ª série - E. F.	5ª série - E. F.	Trabalha com a família na agricultura.
2	Carmen Paula	8 anos	Sim	Relações Públicas e Pedagogia	Relações Públicas e Pedagogia.	Oficial Administrativa em uma escola pública no Paraná.
3	César Rogério	7 anos	Não	4ª série - E. F.	4ª série - E. F.	Agricultor na terra dos pais.
4	Cláudio Antenor	7 anos	Não	4ª série - E. F.	4ª série - E. F.	Agricultor na terra dos pais.
5	Daniel Cristiano	7 anos	Sim	Administração de Empresas	Administração de Empresas	Era dono de uma revenda de automóveis. † em 30/09/06
6	Evandro Valmir	7 anos	Não	4ª série - E. F.	3ª série - E. F.	Agricultor dono de sua propriedade adquirida pelo banco da terra.
7	Magda Raquel	7 anos	Sim	Pedagogia e Esp. em Psicopedagogia e Alfabetização e Letramento.	Pedagogia e Esp. em Psicopedagogia e Alfabetização e Letramento.	Professora (diretora) da Rede Pública Municipal de Pelotas, aluna do PPGE.
8	Pablo André	8 anos	Sim	5ª série - E. F.	4ª série - E. F.	Empregado de uma fazenda em São José do Inhacorá RS.
9	Sandro Valmor	8 anos	Não	3ª série - E. F.	2ª série - E. F.	Agricultor na terra dos pais.
10	Sandro Volmir	8 anos	Não	5ª série - E. F.	4ª série - E. F.	Agricultor na terra dos pais.

Esse quadro, iniciado ainda em 2004, durante o Curso de Especialização, teve como objetivo servir de contraponto à minha trajetória escolar, objeto do artigo que apresentei como requisito para conclusão do referido curso. Em 2005, foi ampliado com itens encontrados nos documentos da SME e serviu de base para verificar as questões de pesquisa durante a realização do Mestrado.

Observando o quadro, percebe-se que há uma diferença em cinco casos quanto à “escolarização declarada” na coluna 5 da tabela e a “escolarização real” na coluna 6, verificada nos documentos. Isso se deve ao fato de, no relato oral, mencionarem a última série que freqüentaram, não se referindo à aprovação ou não naquela série. Série freqüentada, nesses casos, não significa série concluída.

Chamo a atenção para o fato de que os depoimentos, por vezes, envolvem esquecimentos, distorções e omissões que devem ser consideradas e demandam uma interpretação. Assim, para serem melhor compreendidas e contribuírem para o trabalho, senti necessidade de as entrevistas serem complementadas por outras fontes de pesquisa.

Realizei seis entrevistas em janeiro de 2005 e as demais ficaram para julho do respectivo ano, em uma segunda visita a Três de Maio. Também busquei junto à Secretaria Municipal de Educação, cópias de documentos sobre o início e o encerramento das atividades na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, histórico de alunos e outras fontes documentais. Nesse levantamento, obtive os documentos da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, tais como: decretos de início de suas atividades, de criação, mudança do nome para adequar-se à LDB – 9394/96 e de fechamento do estabelecimento de ensino. Tive acesso, também, à cópia das atas de resultados finais do ano de 1982 (ano de ingresso da turma) até 1988 (seis anos depois), ano em que, pela última vez, apareceram os nomes de cinco dos dez alunos matriculados em 1982.

É importante ressaltar que localizar os documentos junto à Secretaria de Educação de Três de Maio foi uma grande surpresa na pesquisa. Ao iniciar a investigação, não pensava ter à disposição estes documentos que trouxeram enriquecimento para a análise proposta. Enquanto pesquisadores, nem sempre

temos a felicidade e a facilidade, como eu tive, de encontrar matérias e pessoas com boa vontade para nos disponibilizar as fontes necessárias à pesquisa. Os documentos me foram enviados e vieram acompanhados do seguinte atestado emitido em primeiro de agosto de 2005, pela Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio:



PREFEITURA MUNICIPAL
Três de Maio

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO

ATESTADO

PROCESSO ADMINISTRATIVO: 2563/2005
REQUERENTE : MAGDA RAQUEL GLIENKE BENATI
ASSUNTO: REGISTROS DE ESCOLA

A Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto da Prefeitura Municipal de Três de Maio, conforme pedido, está enviando algumas cópias da trajetória da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, desde sua criação até a Cessação de atividades. Também, cópias da trajetória dos alunos que no ano de 1982 frequentaram a 1ª série do ensino fundamental na referida escola.

Obs: No ano de 1989 não tinha mais nenhum dos mesmos freqüentando aulas na mesma.

Magda Raquel, esperamos estar colaborando com sua pesquisa de Mestrado e desejamos sucesso nesta caminhada.

Três de Maio, 01 de agosto de 2005.


Wilma T. G. Dalemolle
Secretária Municipal de Educação



Rua Minas Gerais, 46 - Cx. P. 09 - CEP: 98910-000 - PABX: (55) 3535-1122 - Fax: (55) 3535-1845 - e-mail: pmtresdemaio@pmtresdemaio.com.br

Ilustração 12: Atestado acompanhando os documentos da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer e da turma de 1982.

A pesquisa utiliza-se, portanto, de fontes orais (Histórias de Vida) e fontes escritas (documentos da SME). Baseada no pensamento de Pollack (1992) considero que ambas são “comparáveis”, sendo necessário que sejam analisadas criticamente, o que é a tarefa do pesquisador. Ele afirma que:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (1992, p. 208)

Ao fazer uso das duas fontes na pesquisa, oral e escrita, percebo a riqueza que foram para o trabalho. As Histórias de Vida trazem elementos de vivência de sala de aula, da escola, acontecimentos singulares, o olhar de cada ex-colega sobre sua trajetória, enfim, dados que não aparecem nos documentos escritos. Já os documentos trazem “precisão de dados”, datas, que não estão visíveis e precisos na entrevista. Partindo deste princípio, concordo com a “compatibilidade” das fontes, sugeridas por Pollack (1992), e da necessidade de, quando possível, fazer uso de ambas.

Queiroz (1988) aponta para a “revalorização” da História Oral, pois, a partir dos anos 50 do século XX, reaparece o seu uso como técnica de registro do que “não se cristalizara em documentação escrita”, ou seja, “captar” o “indizível” (p.15). Percebeu-se que dados estatísticos não davam conta de explicar o contexto em sua totalidade, como refere Queiroz (1988); *“valores e emoções permaneciam escondidos nos próprios dados estatísticos”* (p.15). A História Oral também é vista como modo de dar voz aos excluídos e marginalizados pela história oficial e acadêmica. Os historiadores a têm como uma forma de entender os fatos através dos olhos daqueles que os vivenciaram ou foram atingidos por eles.

A História Oral foi a forma mais antiga de “difusão do saber” e meio para guardar as tradições culturais. A historiografia antiga fez uso dos testemunhos na construção de relatos. Quanto a esse fato, das origens da história oral, Queiroz (1988) escreve:

O relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Desenho e escrita lhe sucederam. Quando o “homem das cavernas” deixou, nas paredes desta, figuras que se supõem formarem um sentido, estava transmitindo um conhecimento que possuía e que talvez já tivesse recebido um nome, estando já designado pela palavra. O fruto de suas experiências e descobertas ficava assim concretizado e passava aos demais, inclusive aos pósteros. Mais tarde a escrita, quando foi inventada, não foi mais do que uma nova cristalização do relato oral. (p.16)

Uma das formas de recolher informações através da metodologia da História Oral é a História de Vida, elaborada através da gravação de entrevistas do tipo histórico e documental, tendo por alicerce a narrativa. Dessa forma, faço uso da História Oral, da História de Vida de cada ex-colega, focada na trajetória escolar, como metodologia de pesquisa, através da qual coletei grande parte dos dados empíricos.

Sabe-se que a história oral, como forma de pesquisa, por muito tempo, foi desconsiderada no campo da história da educação, não sendo “acolhida na comunidade acadêmica e, muito menos ainda entre os historiadores” (FERREIRA, 1994, p. 4). Mesmo diante da “marginalização” do uso da história oral nas pesquisas de história, a coleta de informações, através do uso de depoimentos, abriu-se como possibilidade de pesquisa. Ferreira (1994) afirma:

A discussão acerca dos problemas metodológicos da história oral tem despertado, de modo geral, pouco interesse entre os historiadores. Isso se explica, em grande parte, pela resistência desses especialistas em incorporar ao seu universo de pesquisa a possibilidade do uso de fontes orais. Tal desinteresse e desconfiança resultam, por sua vez, de formas arraigadas de se conceber a história e a validade de suas fontes (p.1).

Contudo, a História Oral vem sendo cada vez mais utilizada, em decorrência das mudanças no campo teórico da história. Os relatos ou testemunhos orais que, anteriormente, eram tidos como subjetivos, imprecisos, distorcidos, carregados de visões particulares e, conseqüentemente, não aptos a serem utilizados como fontes, passam a ser aceitos devido ao novo olhar colocado sobre a história.

Os adeptos ao uso da História Oral buscam um novo rumo para a história preocupando-se com a história “política” e “cultural”, revendo conceito já estabelecido na história cristalizada de interesses políticos e fatos já acontecidos. Desta forma, a história oral passa a dar espaço aos silenciados, ou seja, como diz Ferreira (1994), a história oral desempenha um papel de “contra-história”.

A História Oral, nos anos setenta, ganha espaço nas pesquisas históricas, entre as “comunidades de historiadores”, trazendo ao debate diálogos entre o “passado” e o “presente”. Nesse período, houve, conforme Ferreira (1994), “[...] o rompimento com a idéia que identificava objeto histórico o passado, definido como algo totalmente morto e incapaz de ser reinterpretado em função do presente, abrindo novos caminhos para o estudo da história” (p.6).

No entanto, a retomada das fontes orais foi um processo lento, pois muitos historiadores, mesmo que se propusessem a trabalhar com a história oral, mantinham certa desconfiança em relação a tais fontes, isto porque se acreditava que as fontes escritas tinham mais crédito, devido a sua suposta objetividade. Idéia desfeita apenas nas décadas de 1980 e 1990 do século XX, passando-se a usar mais efetivamente os relatos orais no trabalho de pesquisa histórica. Como já foi citado, o processo de debates foi iniciado na década de 1950, amparado inclusive pelo surgimento de uma ferramenta que facilitaria o trabalho, o gravador, que daria meios de guardar os dados coletados, o que tornou a pesquisa com a história oral mais notória.

Ainda pode-se dizer que a história oral alarga a possibilidade do uso de fontes para a escrita da história e traz para os historiadores instrumentos para lidar com a subjetividade que está nos depoimentos, mas também nas fontes escritas. Nesse sentido, é preciso considerar que a fonte oral é relato de alguém que reconstrói o “fragmento” de uma história. Também o documento escrito é “fragmento” construído por alguém. Portanto, ambos estão carregados de fragilidades e jamais poderão dar conta “do todo” na pesquisa.

Porém, sempre houve controvérsias com relação ao uso de fontes orais. Marieta Ferreira (1994) afirma que há um grupo de pesquisadores que entende que a história oral é uma “disciplina”, que consiste em realizar entrevistas e publicá-las, como se aquilo fosse o resultado final do trabalho histórico. Assim, temos apenas um registro parcial da memória. No entanto, para ela, a história oral é uma “metodologia” da qual nos dispomos e que tem por fim o “confronto” e a “análise” dos dados coletados.

Ferreira (1994) também faz menção à distinção entre memória e história, vendo a História como um campo profissional institucional que possui princípios e formas de funcionamento, gerando um conhecimento produzido a partir de uma reflexão, de um conjunto de procedimentos e regras. No entanto, esta distinção não faz com que exista uma oposição ou um conflito entre memória e história. A memória coloca uma série de desafios sobre como deve se fazer a história, assim como a história também pode contribuir com a memória.

Em relação à memória, Grudzinski (1993) observa:

A memória e, portanto, os relatos de histórias de vida não devem ser vistos como versão única da História, elas representam, como outras fontes históricas, pistas do passado. As narrativas não constituem o passado, como a realidade, elas são a representação que as pessoas têm do passado. O pesquisador que trabalha com fontes orais tem que ter presente esta perspectiva, o relato oral não pretende ser a “verdade”, a única versão do passado, representa uma pista que somada a outras pistas materiais, passará por uma intensa investigação e avaliação até chegar a uma interpretação aproximada do que tenha ocorrido no passado (1993, página eletrônica, www.comciencia.br. Capturado em julho de 2005).

Podemos dizer que a História Oral constitui-se como “matéria-prima” que traz ao pesquisador uma “representação” do que já passou, uma vez que o relator transmite ao pesquisador a sua visão do passado, cabendo ao pesquisador lapidar, confrontar e aprimorar as informações, a fim de constituir as suas conclusões sobre o tema pesquisado, se amparando em diversas fontes.

Demartini (1988), em seu estudo sobre a educação na 1ª República nas escolas rurais de São Paulo, escreve sobre a importância da exploração do passado para que se possa compreender o presente. Ressalta, ainda, que a metodologia da

história de vida na obtenção de dados e informações na pesquisa privilegia elementos não encontrados na documentação escrita. Daí a importância do depoimento oral, que traz informações que dificilmente são encontradas em documentos escritos. Com o uso da história oral, podem surgir muitos questionamentos, frente ao que a história escrita traz. Em seu trabalho, Demartini utiliza-se da história oral e revela que “ao contrário ao que se supunha, uma valorização constante da educação escolar foi constatada entre os habitantes dos sítios e fazendas, em períodos anteriores à industrialização”, “[...] havia procura efetiva de escolarização” (p. 47), conclusão somente possível com o uso da História Oral. Afirma também:

Ao nível de escolarização efetiva, costumava-se explicar a abstenção, a baixa frequência e a evasão escolar em função das condições específicas da população rural, como a necessidade de utilizar muito cedo o trabalho do menor na lavoura. Foi possível verificar que não era a utilização do trabalho do menor, em si, que determinava sua menor escolarização, mas as condições específicas da família em que esta utilização ocorria, juntamente com a deficiência da rede escolar. (p.47)

Assim, ao usar da História Oral como fonte nesta pesquisa, coloco o desafio de fazer ouvir as “vozes” dos “silenciados”, verificando quais realmente foram os aspectos que levaram à não escolarização de meus ex-colegas.

Diante do meu trabalho de campo, ao realizar as entrevistas, me deparei com dúvidas e incertezas. Nos dias em que realizei as entrevistas, fiquei ansiosa. Qual seria a reação de cada ex-colega diante do pedido de falar sobre a escola para uma colega que há tempos não viam? Como reagiriam frente ao gravador? Será que todos autorizariam a sua gravação? O que fariam afinal? O que aconteceu desde aqueles idos de 1982? A primeira entrevista foi mais difícil. Depois, veio a empolgação de seguir adiante. Na realização do trabalho, tive uma enorme ansiedade em saber a história de cada um.

Assim, em janeiro de 2005, em visita à localidade, já aprovada para o Mestrado e com o objetivo de dar continuidade ao estudo, iniciei as entrevistas com os meus ex-colegas, pedindo que me contassem a sua História de Vida (escolar), enfatizando as suas trajetórias escolares.

Decidi por iniciar as entrevistas, em janeiro de 2005, com as “meninas”, porque estavam mais próximas: a minha irmã, que estava a passeio na casa de meus pais, assim como eu, e a Carmen Eliane que, na época, morava com os meus pais para auxiliá-los no serviço. Realizadas essas duas entrevistas, já havia passado o temor.

A primeira entrevista foi com Carmen Eliane. Ela já estava mais inteirada do assunto, pois havia escrito para mim sobre a escola, quando ainda estava redigindo o artigo final do Curso de Especialização. Em sua fala, tentava interagir comigo, perguntando-me se lembrava das coisas que ia contando. Algumas vezes, apareceram expressões em alemão, sendo de seu conhecimento que eu sou falante da língua. É comum para o povo da localidade o uso do alemão quando faltam expressões em português ou para dar sentido à fala. Alguns dos detalhes com que rememorou nosso primeiro ano escolar eu nem lembrava mais.

A entrevista com Carmen Paula, minha irmã, foi um relato em forma de “linha de tempo”. Não se prendeu a detalhes, como, por exemplo, falar de professores e colegas. Traçou sua trajetória escolar fazendo um paralelo entre o que tivemos oportunidade de ter e ver pelo fato de permanecermos na escola e os sacrifícios necessários para tal. Salientou o quanto foi difícil sair do “mundo” onde ficaram os colegas que não continuaram os estudos, o qual deixamos (eu e meus irmãos) para estudar. Carmen Paula relata¹⁵:

Quanto à faculdade eu senti uma dificuldade da gente sai de uma realidade pra outra. Porque o universo universitário não fazia parte da nossa realidade. Nós entramos em uma universidade sem sabê o que é uma universidade. A gente teve que aprendê a nada de novo. Porque caiu na água e teve que nadá. Mas não tinha o preparo prá entrá numa faculdade, sabe se é isso que eu quero e tudo mais. [...] Acho que a gente saiu de uma realidade prá outra. Até em termos de conhecimentos a gente fica aquém. No interior tu não tem acesso a cinema, não tem acesso a nada. O mundo cultural da gente era, não vou dizer inferior, mas era diferente do que da faculdade. [...] Assim, a faculdade incentivava uma forma de cultura, a cultura do saber, de tê acesso a filmes, cinema,

¹⁵ Como faço uso das fontes orais, optei, nesta pesquisa, em preservar na transcrição das falas de meus ex-colegas as marcas da oralidade.

livros, literatura e tudo mais. Mas a gente não tinha esse acesso, a gente tinha outra cultura, não qué dizer que a gente não tinha cultura, mas a cultura da gente foi..., parece que tinha que começá do zero, prá criá uma outra cultura (Carmen Paula, 31 anos, janeiro de 2005)

Ainda expõe o quanto é complexo voltar ao “mundo” do qual saímos. Relata que, na faculdade, aprendeu o “mito da caverna”, do qual faz uma comparação com a vivência diferente que nós tivemos (ela, eu e meus irmãos), que continuamos os estudos, em detrimento dos que não deram continuidade à sua escolaridade:

Acho que a gente saiu da caverna, viu que o mundo é diferente, só que pra você voltá de novo não tem como. Quem tá na caverna não vai acreditá, nunca vai acreditá... Nem entendê... Acho que tem gente aqui que nunca vai entendê a batalha da gente, a luta da gente e tudo mais. Eu vejo assim, porque quando a gente saiu de casa pra estuda e tudo mais... Foi uma batalha que a gente teve que passá. A gente teve que abri mão de família e tudo mais. Acho que a mente da gente se abriu e não tem mais como voltá pra caverna. Então a gente se adapta fora da caverna, mas nunca mais consegue volta pra caverna. Eu pelo menos sinto assim: a gente é [foi] morador da caverna, mas a nossa casa não tá mais na caverna (Carmen Paula, 31 anos, janeiro de 2005).

Estavam feitas as entrevistas de “casa”. Era necessário buscar os “meninos”. Iniciei pelos que moram próximos da antiga escola. Os lugares percorridos ficam na localidade de Esquina Hettwer e Quinera, numa distância de até oito quilômetros da casa de meus pais.

Neste primeiro dia das entrevistas, com os “meninos”, procurei por Sandro Volmir, que mora a quinhentos metros do prédio da antiga escola. Chegando lá, fui recebida por sua esposa, uma jovem de mais ou menos dezessete anos. Expliquei o objetivo de minha visita e ela foi chamá-lo. Esta foi uma das entrevistas mais difíceis. Senti que ele não estava à vontade para falar. Mas, aos poucos, começou a “se soltar”. Quando eu já estava de saída, falou-me algo marcante: disse que se eu procurasse os colegas, apostava que todos os que não estudaram diriam que estavam arrependidos.

Saindo dali, procurei por Cláudio Antenor, que mora a dois quilômetros e meio da antiga escola. Nessa casa, ao me apresentar como ex-colega do Cláudio, os seus familiares me reconheceram e a sua avó falou em alemão dizendo que viu “no meu rosto que eu era uma das meninas da Nelsi” - minha mãe. Além da avó de Cláudio, estava a irmã mais moça, de quinze anos. Para explicar o que eu queria, tive que falar em alemão, pois a vovó não compreende português. Combinei que voltaria mais tarde. Voltei após outras duas entrevistas. Chamou-me a atenção que ele começou a falar da escola relatando a sua experiência já adulto, quando ficou, por dois anos, em uma escola de formação técnica, para filhos de agricultores, talvez porque tenha sido uma experiência de sucesso. Do outro tempo de escola, apareceram relatos de frustrações, mágoas e medos.

Quando saí da casa de Cláudio, pela primeira vez, em razão de não encontrá-lo, fui à casa de César Rogério, que mora a seis quilômetros da antiga escola. Chegando a sua casa, fui recebida por sua esposa, que falou que ele estava trabalhando na lavoura, “logo ali”, e que poderíamos ir encontrá-lo. Ao dizer isso, contudo, ela se pôs a correr para chamá-lo, aproximadamente a um quilômetro da casa. Ele estava no meio da lavoura, plantando milho com a plantadeira manual, entre os pés de milho já com as espigas maduras. Por um momento, hesitei... O que faço agora? Marco para outro dia, em outro local? Pensei rápido e decidi que esse seria o momento e o local próprio para entrevistá-lo, que talvez não tivesse outra oportunidade para fazê-lo. Fomos para a sombra e iniciamos o trabalho. Nessa gravação, aparecem sons característicos da natureza, cantos de pássaros e galinhas, mugidos, enfim, sons da “vida do campo”.

Em seguida, fui procurar o Pablo André. Este, quando criança, morava ao lado da antiga escola, na ocasião trabalha em uma fazenda no município de Coronel Bicaco, RS e, atualmente, trabalha em uma fazenda em São José do Inhacorá, RS. Soube, na entrevista com Sandro Volmir, que ele estava em visita à casa de seus pais. Fui até lá, uma localidade próxima de Esquina Hettwer, denominada Quinera. Esta foi uma das entrevistas mais “despachadas”. Ele ficou totalmente à vontade. Além de falar bastante, se prontificou a escrever, caso fosse necessário, e também, se preciso, pediria folga na fazenda para vir a Três de Maio para que pudéssemos

falar novamente. Após a entrevista, tínhamos tantos assuntos que ficamos um bom tempo conversando sobre outras coisas.

Antes de voltar para a casa de meus pais, passei na casa dos avós de outro ex-colega, Daniel Cristiano, para conseguir seu endereço na cidade de Horizontina, RS. Orientaram-me a procurar a casa de sua mãe, onde soube que Daniel estava em férias.

Na ocasião (janeiro de 2005), visitei a todos e consegui gravar a História de Vida dos seis ex-colegas acima mencionados, faltando apenas entrevistar três deles, o que não foi possível fazer em janeiro daquele ano por não se encontrarem no município. Daniel Cristiano, como havia sido informado, por motivo de viagem de férias e, os outros dois, no caso os irmãos Sandro Valmor e Evandro Valmir, por estarem trabalhando em outra localidade.

Os irmãos Sandro Valmor e Evandro Valmir, em 1982, moravam a dois quilômetros da escola, mas, atualmente, moram em Bom Jardim, localidade do interior do município de Nova Candelária, RS, a uns quinze quilômetros distantes da casa de meus pais. Como não conheço essa localidade, na primeira visita, levei minha mãe como guia. Lá, localizamos suas residências, mas encontramos apenas a esposa, os filhos de Evandro e a mãe dos dois. A localidade em que estavam trabalhando era de difícil acesso para carros. Voltar à noite ficaria ainda mais difícil. Aproveitei para conversar com a mãe de ambos e soube, então, entre outras coisas, que ela é analfabeta e não fala português. Essas entrevistas ficaram para ser realizadas em julho de 2005, quando retornaria a Três de Maio. Realizei as duas entrevistas com os irmãos Evandro Valmir e Sandro Valmor, conforme o programado.

Faltava apenas um, Daniel Cristiano. Com este ex-colega consegui conversar por telefone em julho de 2005 e novamente em janeiro de 2006. Marcamos vários horários para a conversa e a gravação da sua História de Vida, mas em nenhum momento se efetivou. Como se viu, não foi mais possível esta entrevista, pois faleceu em 30 de setembro de 2006.

Portelli (1997) alerta para a ambigüidade de uma pesquisa de campo, ou seja, ao mesmo tempo em que queremos, na qualidade de pesquisadores, nos apropriar dos dados, o próprio pesquisado cria suas investigações a nosso respeito, tentando sondar o real objetivo de nosso trabalho. Afirmo o autor: *“isto me ensinou que há sempre dois temas para uma situação de campo, e que os papéis do observado e do observador são mais fluidos do que poderiam aparentar à primeira vista”* (p.8.).

Nas entrevistas realizadas com os meus colegas de primeira série, pude confirmar que variaram as reações quando solicitados a contar a sua vida escolar. Alguns afirmaram lembrar pouco da escola, pelo fato de fazer muitos anos que pararam de estudar, já outros contaram inúmeros detalhes. Percebi, assim, o quanto é importante que seja esclarecida a relevância do tema explorado bem como a confiança do pesquisado no pesquisador, para assim se dispor e colaborar com o objetivo da pesquisa. Como descreve Portelli (1997):

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem o objetivo amparado na igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas (p. 9).

Os sujeitos de pesquisa, meus nove ex-colegas de primeira série, de certa forma, estariam em um grau de “igualdade” comigo. Estava ali pesquisando, solicitando para que contassem sobre as suas vivências escolares, as quais, no início de nossa escolarização são marcadas pelas mesmas experiências, pelo mesmo espaço e tempo. Contudo, hoje, não me encontro em situação de igualdade. Tive oportunidade de acesso e de permanência na escola. Mas precisei, em meu contato pessoal, colocar-me como igual aos meus colegas, como uma “integrante da turma de 1982”, para que as barreiras fossem transpostas e a comunicação de fato acontecesse, e, assim, pudesse colher de um a um o que interessava para a pesquisa. Mesmo assim, tentando colocar-me como igual, senti que me consideraram diferente. Reconhecem que fui uma de suas colegas, porém, hoje, sou vista como aquela que estudou. Embora me considere parte desse meio, há certa “confusão”,

um conflito de ser ou não ser parte dessa comunidade. Ao mesmo tempo em que tento me colocar como parte, estou à parte.

Compartilho com Jung (1997) meus sentimentos de pesquisadora, por, como ela, me “atrever” a pesquisar a minha comunidade de origem: minha turma de primeira série, a minha escola de anos iniciais do Ensino Fundamental, minha cultura alemã e rural. Tudo isso se torna complexo. É preciso ter um novo olhar, “estranhar”, reconstruir, ampliar e “destruir” conceitos já elaborados sobre aquela realidade. Quanta aprendizagem ficou dessa pesquisa! Aquele conceito simplista de achar: *eles não estudaram porque não quiseram*, “caiu por terra”. Surgiram, a cada passo da pesquisa, novas surpresas, e aquela “velha moldura” sobre a realidade pesquisada se des(fez) e se re(fez) através da pesquisa, da reflexão e do aprofundamento teórico.

Jung (1997) diz:

Lançar um olhar, como pesquisadora, para a própria cultura, significa estar em constante reflexão, conseqüentemente, não raras vezes, em conflito. Estranhar o que antes era o seu modo de viver, leva a problematizar a própria identidade, *afinal ainda sou um membro do grupo?* Por outro lado, ter a oportunidade de re-olhar a cultura do grupo é maravilhoso, porque, enquanto leva à compreensão de algumas molduras anteriormente ocultas, vai construindo outras, destinadas a permanecer na sombra, até que outros questionamentos nos levem a buscá-las... (Jung, 1997, p.3).

Rodrigues (2004), de certa forma, também traduz um pouco de como me senti ao reencontrar meus ex-colegas para “rememorar o mundo da roça”, analisar, pesquisar, recriar, desfazer e refazer conceitos. Andar pelas estradas de chão batido em busca de meus ex-colegas parecia fazer com que se abrissem os caminhos da memória. Parece que vem à mente todo o tempo de infância e a possibilidade de reconstruir cada momento especial por ela proporcionado.

Retornando a infância como ponto de partida para admirar, admiramo-nos de vários lugares, em seus diversos momentos, vou percebendo ser possível juntar elementos vitais; por isso, são e estão impregnadas de histórias que em suas significações vão me permitindo, a partir da experiência empírica, tecer os primeiros trançados para o tecido desta narrativa. À medida que rememoro, presenciando novas e velhas gerações que transitam nos espaços rurais que me é comum, como filho dos filhos dos que lá viveram e

vivem, percebo e compartilho da idéia de que: ‘A gente sai da roça mas a roça não sai da gente’. Seus cheiros, barulhos, suas cores, suas palavras se impregnam em nossos corpos mantendo vivas, as lembranças da vida... (RODRIGUES, 2004, p. 25).

Por instantes pareceu que lembrar da infância seria mera bobagem. Que valor teriam essas tenras lembranças de criança guardadas em nós? No entanto, nessas lembranças começaram a brotar nomes, situações e possibilidades de repensar e recriar o mundo de então, percebendo que vivemos em um espaço/tempo de reconstrução.

Portelli (1997), apoiando-se em Gramsci, conceitua dois tipos de intelectuais: o “nativo” e o que se une ao grupo em questão. Fazer parte do meu grupo de pesquisa me torna privilegiada, mas tenho uma história que foi ampliada pessoal e profissionalmente, o que me leva, também, a ter um olhar diferente sobre a história de cada colega. O que explica que eu havia construído, com lembranças vagas, uma imagem pessoal de cada um de meus colegas, mas que, agora, com esta investigação, ela vem se transformando, tornando-se motivo de indagações, de reconstruções e de redefinições.

A pesquisa pode “ajudar-nos a reconhecer a nós próprios no que nos faz semelhantes embora diferente dos outros” (Portelli, 1997, p. 23). Neste sentido, concordando com Portelli (1997), quando fala da “igualdade e de diferença no campo da pesquisa”:

Os dois conceitos se relacionam. Somente a igualdade nos prepara para aceitar a diferença em outros termos que hierarquia e subordinação; de outro lado, sem diferença não há igualdade – apenas semelhança, que é um ideal muito menos proveitoso. Somente a igualdade faz a entrevista aceitável, mas somente a diferença a faz relevante. O campo de trabalho é significativo como o encontro de dois sujeitos, e conseqüentemente isolados, e tentam construir sua igualdade sobre as suas diferenças de maneira a trabalharem juntos (p. 23).

3. “TURMA DE 1982”: VÁRIOS ANOS NA ESCOLA - POUCA ESCOLARIZAÇÃO

Outro problema presente nas escolas rurais se refere à defasagem idade-série, geralmente compreendida como consequência da repetência. Entretanto, outros fatores intervêm para que encontremos também um grande distanciamento entre as idades das crianças nas classes das escolas rurais (DE VARGAS, 2003, p. 99).

Dentre os vários elementos encontrados nos dados empíricos da pesquisa, optei por um recorte, e pretendo, por ora, ater-me aos dados que se referem à retenção escolar. Como minha pesquisa baseia-se nas histórias de vida e em documentos escritos, convém ressaltar que a questão da retenção escolar apareceu de maneira muito vaga nas falas de meus sujeitos de pesquisa. Contudo, com os documentos em mãos, obtidos junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, fiz o levantamento de dados que permitiram o mapeamento da escolarização e do tempo que os alunos da turma de 1982 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer permaneceram naquela escola.

Abordo, então, agora a escolarização da turma de 1982, e de que forma a retenção escolar influenciou o fracasso escolar desses alunos da zona rural. É, portanto, o que trato neste capítulo.

3.1 Escolarização da “Turma de 1982”

Os dados indicaram que a “retenção” e o “fracasso” escolar são elementos marcantes na trajetória escolar de meus ex-colegas de 1ª série, que podem ser visualizados no quadro que apresento a seguir. Antes, contudo, é preciso salientar que ingressamos na 1ª série, em 1982, na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, eu e mais nove colegas. Em síntese, a nossa trajetória escolar, em se tratando dos quatro anos de séries iniciais do Ensino Fundamental e de tempo, está caracterizada no quadro a seguir:

Quadro 4: Escolarização- Séries Iniciais da “turma de 1982”

ANO ► SÉRIE ▼	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
1ª SÉRIE	Carmen Eliane Carmen Paula César Rogério Cláudio Antenor Daniel Cristiano Evandro Valmir Magda Raquel Pablo André Sandro Valmor Sandro Volmir	Carmen Eliane César Rogério Cláudio Antenor Evandro Valmir Sandro Valmor Sandro Volmir	Evandro Valmir Sandro Valmor				
2ª SÉRIE		Carmen Paula Daniel Cristiano Magda Raquel Pablo André	Carmen Eliane César Rogério Cláudio Antenor Pablo André Sandro Volmir	César Rogério Cláudio Antenor Evandro Valmir Sandro Valmor Sandro Volmir	Evandro Valmir Sandro Valmor		
3ª SÉRIE			Carmen Paula Daniel Cristiano Magda Raquel	Carmen Eliane Pablo André	César Rogério Cláudio Antenor Sandro Volmir	César Rogério Evandro Valmir Sandro Valmor	
4ª SÉRIE				Carmen Paula Daniel Cristiano Magda Raquel	Carmen Eliane Pablo André	Cláudio Antenor Sandro Volmir	César Rogério Cláudio Antenor Sandro Volmir

No quadro acima, observamos que, dos dez alunos que ingressaram na primeira série do Ensino Fundamental, no ano de 1982, ao final do ano letivo, apenas quatro (duas meninas - eu e minha irmã, e dois meninos) foram aprovados para a 2ª série, sendo que um deles com recuperação.

Os seis reprovados, mais o aluno que foi aprovado com recuperação, sete, portanto, não chegaram a concluir o Ensino Fundamental. Vale ressaltar que somente três tiveram um histórico sem repetência: os mesmos que concluíram a 1ª série naquele ano sem recuperação, Carmen Paula (minha irmã), Daniel Cristiano e eu, os únicos que deram continuidade aos estudos, chegando a níveis mais avançados de escolarização, concluindo o ensino superior. Os sete com trajetórias escolares “interrompidas” atualmente são agricultores ou empregados de agricultores na região.

No ano de 1982, os resultados finais de aprovação e reprovação dos alunos da turma de primeira série da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer também podem ser vistos na ata de resultados finais fornecida pela Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio:

Estabelecimento Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer
Município Três de Maio

30ª Delegacia de Educação - RS
Ano Letivo 1982
Dias Letivos Anuais 183
Carga horária Anual 732

Atas de Resultados Finais

Aos 22 dias do mês de Março de 1983 concluiu-se a apuração final do rendimento escolar dos alunos.

Série <u>1ª</u>	Grau <u>1ª</u>	Ano <u>1982</u>	Turma <u>única</u>	Turno <u>Vespertino</u>	CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDOS														Resolução 97/72-CBE	Currículo por Ativ.				Faltas Anuais	Resultado Final (A - R)
					Comunicação e Expressão	Estudos Sociais	Ciências	Tecnologia	Religioso	Expressão	Integrado	Social	Intelecto e Ciências	Currículo por Atividades											
Nº	Nome (ordem alfabética)	Língua Portuguesa	Educação Artística	Educação Física	Geografia	História	Educação Moral e Cívica	OSPE	Matemática	Ciências Físicas e Biológicas	Técnicas Agrícolas	Técnicas Industriais	Técnicas Comerciais	Técnicas Domésticas	Ensino Religioso	Expressão	Integrado	Social	Intelecto e Ciências	Currículo por Atividades	Faltas Anuais	Resultado Final (A - R)			
1	Carme Eliane Tillwitz														60					25	11	R			
2	Carme Paula Glinke														100					100	8	A			
3	César Rogério Eckardt														50					20	10	R			
4	Cláudio Antenor Kelm														50					20	9	R			
5	Daniel Cristiano Herbert														100					90	7	A			
6	Evandro Valmir Kelm														50					20	20	R			
7	Magda Requel Glinke														100					90	10	A			
8	Pablo André Broenstrup														85					65	6	A			
9	Sandro Valmor Kelm														50					20	25	R			
10	Sandro Valmir Altmann														50					20	9	R			

MICROFILMADO

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor

Três de Maio, 22 de Março de 1983

D. A. C. Costa
SECRETÁRIO
Aut. N.º 005/83

Miguel Centenaro
DIRETOR
Aut. N.º 12183

Ilustração 13: Ata de Resultados Finais da Turma de 1ª série do ano de 1982 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

No ano de 1983, dos quatro (Carmen Paula, Daniel Cristiano, Pablo André e eu) que cursavam a 2ª série, reprovou apenas um (Pablo André). Dos seis alunos que haviam ficado na 1ª série, quatro (Carmen Eliane, César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Volmir) aprovaram para a 2ª série e dois (Evandro Valmir e Sandro Valmor) reprovaram novamente na 1ª. Veja abaixo os documentos:

- Neste documento de ata final da 2ª série de 1983, destaca-se a aprovação de Carmen Paula, Daniel Cristiano e Magda Raquel e a reprovação de Pablo André;

Estabelecimento Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Município Três de Maio RS

30ª Delegacia de Educação - RS
Ano Letivo 1983
Dias Letivos Anuais 192
Carga horária Anual 768

Atas de Resultados Finais

Aos 19 dias do mês de dezembro de 1983 concluiu-se a apuração final do rendimento escolar dos alunos.

Série	Grau	Ano	Turma	Turno	CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDOS														Resolução 97/73-CEE	Currículo por Ativ.					Faltas Anuais	Resultado Final (A-R)
					Comunicação e Expressão	Estudos Sociais	Ciências	Tecnologias	Religioso	Comunicação	Expressão	Inter-relação Social	Inter-relação a Ciências	Carreira por Atividades												
					Língua Portuguesa	Educação Artística	Educação Física	Geografia	História	Educação Moral e Cívica	OSF	Matemática	Ciências Físicas e Biológicas	Técnicas Agrícolas	Técnicas Industriais	Técnicas Comerciais	Técnicas Domésticas									
01	2ª	1983	Única	Matutino															95	-	-	-	90	15	A	
02																			95	-	-	-	80	12	A	
03																			95	-	-	-	90	07	A	
04																			55	-	-	-	45	01	R	

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor

Três de Maio, 05 de Janeiro de 1984

Ass. S. [Assinatura] Diretor: [Assinatura]
Ass. S. [Assinatura] Diretor: [Assinatura]
Ass. S. [Assinatura] Diretor: [Assinatura]

Ilustração 14: Ata de Resultados Finais da Turma de 2ª série do ano de 1983 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

- neste documento de ata final da 1ª série de 1983, destaca-se a aprovação de Carmen Eliane, César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Volmir e novamente a reprovação de Evandro Valmir e Sandro Valmor;

01	Carmen Eliane Tillwits	70	-	-	-	80	11	A
02	Cesar Rogério Bohardt	50	-	-	-	80	09	A
03	Cláudio Antenor Keln	60	-	-	-	50	15	A
04	Evandro Valmir Keln	50	-	-	-	40	34	R
05	Jair Gilmar Tillwits	50	-	-	-	40	20	R
06	Jorge Felipe Glienke	50	-	-	-	30	22	R
07	Loreni Terezinha Prust	75	-	-	-	80	21	A
08	Sandro Valmor Keln	50	-	-	-	35	32	R
09	Sandro Volmir Altmann	70	-	-	-	75	17	A

1983 → 1ª série

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor

Três de Maio, 19 de Janeiro de 1984

Ass. N.º

SECRETÁRIO *Arduino R. Dalsenter*
Secretário
Aut. n.º 004/83

Ass. N.º

DIRETOR *Martí J. D. Szwedtzki*
Diretor
Aut. n.º 006/83

Ilustração 15: Parte da Ata de Resultados Finais da Turma de 1ª série do ano de 1983 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

No ano de 1984, três alunos (Carmen Paula, Daniel Cristiano e eu) da “turma de 1982” cursavam a 3ª série e foram aprovados; cinco cursavam a 2ª série (Carmen Eliane, César Rogério, Cláudio Antenor, Pablo André e Sandro Volmir) dos quais aprovaram dois (Carmen Eliane e Pablo André); os dois (Evandro Valmir e Sandro Valmor) que cursavam a 1ª série pela terceira vez foram naquele ano aprovados. Verifica-se isto nos documentos:

- neste documento de ata final da 3ª série de 1984, destaca-se a aprovação de Carmen Paula, Daniel Cristiano e Magda Raquel;

Estabelecimento

Escola Municipal Humberto Hettner

Município

Três de Maio

Ano Letivo

1984

Dias Letivos Anuais

189

Carga horária Anual

756

ATAS DE RESULTADOS FINAIS

Aos 21 dias do mês de dezembro de 1984 concluiu-se a apuração final do rendimento escolar dos alunos.

Série 3ª Grau 1ª		CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDOS													Reservado SVT-CEE	Currículo por Atividade					Faltas Absen-
Ano 1984 Turma única		Comunicação e Expressão		Estudos Sociais			Ciências		Tecnologia							Ensino Religioso	Comunicação Externa	Integração Social	Iniciativa e Inovação		
Turno Vespertino		Língua Portuguesa	Matemática	História	Geografia	Educação Moral e Cívica	O.P.A.	Matemática	Ciências Físicas e Biológicas	Técnicas Agrícolas	Técnicas Industriais	Técnicas Comerciais	Técnicas Domésticas								
Nº	Nome (ordem alfabética)																				
01	Carmen Paula Glinke														95				75		10
02	Daniel Cristiano Herbert														85				55		04
03	Gelson Luis Bokhardt														65				50		05
04	Magda Raquel Glielke														95				70		07

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 22 de janeiro de 1985

Aut. Nº

Válmir Kaiser

Secretário (A)

Burocrata

LUIZ CARLOS KAISSER

Aut. Nº

2008/85

LUIZ CARLOS KAISSER

Aut. Nº 009/85

Ilustração 16: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1984 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

- neste documento de ata final da 2ª série de 1984, destaca-se a aprovação de Carmen Eliane e Pablo André e a reprovação de César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Volmir;

	90	75	10	A
01 Carmem Eliane Tilhvit	55	35	12	R
02 César Rogério Echarde	55	30	15	R
03 Claudio Antenor Kelm	60	65	39	A
04 Loreni Teresinha Prust	65	50	17	A
05 Fabio André Broenstrup	60	30	07	R
06 Sandro Volmir Altmann				

2ª série 1984

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 22 de janeiro de 1985.

Pol. Lacerda
 SECRETARIO (A)
 Yalini Kalsner
 Secretária

Mauri Savitzky
 DIRETORIA
 Mauri I. B. Savitzky
 Diretora

Ilustração 17: Ata de Resultados Finais da Turma de 2ª série do ano de 1984 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

- neste documento de ata final da 1ª série de 1984, destaca-se a aprovação de Evandro Valmir e Sandro Valmor;

01	Evandro Valmir Kelm	60	60	16	A
02	Jair Gilmar Tillwitz	80	85	20	A
03	Jaqueline Hübner	95	95	-	A
04	Jorge Felipe Glinke	50	60	10	A
05	Maristela Sirlei Neuhaus	50	30	25	R
06	Neusa Alma Glinke	90	90	07	A
07	Sandro Valmor Kelm	60	60	21	A

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 22 de Janeiro de 1985

Valmir Kelm
SECRETÁRIO (A)
Aut. Nº

Marcelo Savitzky
DIRETOR (A)
Aut. Nº *Marli E. D. Savitzky*
Diretora

Ilustração 18: Ata de Resultados Finais da Turma de 1ª série do ano de 1984 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

No ano de 1985, três alunos (Carmen Paula, Daniel Cristiano, e eu), concluíram a 4ª série sem nenhuma reprovação; dois (Carmen Eliane e Pablo André) aprovaram na 3ª série; dos cinco restantes que cursaram a 2ª série, três (César Rogério, Cláudio Antenor, Sandro Valmir) aprovaram e dois (Evandro Valmir e Sandro Valmor) reprovaram. Verifique os dados:

- neste documento de ata final da 4ª série de 1985, destaca-se a aprovação de Carmen Paula, Daniel Cristiano e Magda Raquel;

Estabelecimento

ESCOLA MUNICIPAL NÚMERO FRANCISCO HETTER

Município

Três de Maio

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO,
CULTURA E DESPORTOS
S.M.E.C.D. -
TRÊS DE MAIO - RS

Ano Letivo
Dias Letivos Anuais 130
Carga horária Anual 760

Ano 27

do mês de dezembro

de 1955

concluiu-se a apuração final do rendimento escolar dos alunos.

Série

4ª

Grupo

1º

Ano

1955

Turno

Único

Turno

Vespertino

Comunicação e Expressão

Estudos Sociais

Ciências

Tecnologia

Resolução 97/72-CEE

Currículo por Ativ.

Faltas Absen-

Resultados Finais (A-F)

Língua Portuguesa

Ensino Artístico

Ensino Filosófico

Geografia

História

Matemática

Química Física e Biologia

Técnicas Agrárias

Técnicas Industriais

Técnicas Comerciais

Técnicas Domésticas

Educação Religiosa

Conteúdo Específico

Ingresso Social

Início e término da classe

Curriculo por atividades

Programa de Saúde desenvolvidos nas especificações curriculares

Nº

Nome (ordem alfabética)

90

90

90

90

90

90

-

90

90

-

-

-

-

-

100

-

-

-

-

-

-

-

-

05

A

Nº

Nome (ordem alfabética)

85

90

85

85

80

90

-

70

85

-

-

-

-

-

90

-

-

-

-

-

-

-

-

17

A

Nº

Nome (ordem alfabética)

40

90

80

30

30

40

-

35

40

-

-

-

-

-

70

-

-

-

-

-

-

-

-

15

R

Nº

Nome (ordem alfabética)

85

90

80

85

90

80

-

85

90

-

-

-

-

-

100

-

-

-

-

-

-

-

-

07

A

Três de Maio

24

de Janeiro

de 1956

Assinado

Ass. Dir. SE RETARNO (AI)
Diretor Municipal Staudt

Assinado

Ass. Dir. DIRETORIA
Maria J. P. Sauerthal
Ass. Dir.

Ilustração 19: Ata de Resultados Finais da Turma de 4ª série do ano de 1985 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

- neste documento de ata final da 3ª série de 1985, destaca-se a reprovação de Carmen Eliane e Pablo André:

Estabelecimento ESCOLA MUNICIPAL HUMBERTO FRANCISCO NETTER
Município Três de Maio

Ano Letivo 1985
Dias Letivos Anuais 190
Carga horária Anual 760

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO,
CULTURA E DESPORTOS
S.M.E.C.D.
TRÊS DE MAIO - RS

27 de dezembro de 1985 concluiu-se a apuração final do rendimento escolar dos alunos.

ATAS DE RESULTADOS FINAIS

CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDOS

Série	Grupo	Comunicação e Expressão	Estudos Sociais	Ciências	Tecnologia	Resolução 97/72-CEE	Curriculo por Área	Faltas Absen	Notas Finais (A-B)
Ano	Turma	Língua Portuguesa Escrita Oral	Geografia História	Bio-ciência Matemática Física Química	Plano e Mong. Têcnico Agrônomo Têcnico Industrial Têcnico Controlar Têcnico Doméstico		Ensino Médio Completo Exatidão Interseção Social Iniciação e Ciências Cursos por Alternativas		
1985	Única								
Turno	Vespertino								
Nº	Nome (ordem alfabética)								
01	Carmen Eliane Tillwitz								03 A
02	Loreni Teresinha Prust								05 A
03	Pablo André Broenstrup								07 A

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 24 Janeiro de 1986

Secretário(a) Municipal
Diretor(a) Municipal

Ass. NR Ass. NR

Ilustração 20: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1985 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

- neste documento de ata final da 2ª série de 1985, destaca-se a aprovação de César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Volmir e a reprovação de Evandro Valmir e Sandro Valmor;

Estabelecimento ESCOLA MUNICIPAL HUMBERTO FRANCISCO HETTWER do 30º Dist.
Município Três de Maio SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTOS

ATAS DE RESULTADOS FINAIS - S.M.E.C.D. - TRÊS DE MAIO - RS

Ano 27 dias do mês de dezembro de 1985 concluiu-se a apuração final do rendimento escolar dos alunos.

Série 2ª Grau 18
Ano 1985 Turma Única
Turno Matutino

Nº	Nome (ordem alfabética)	CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDOS										Resolução 87/72-CEE	Currículo por Ativ.					Faltas Analis.	Resultado Final (A-R)						
		Comunicação e Expressão		Estudos Sociais		Ciências		Tecnologia					Ensino Religioso	Comunicação	Integração	Interação e	Correlação por								
		Língua	Português	Matemática	Geografia	História	Atualidade	Matemática	Física	Química	Bio-Logia	Tecnologia	Artes e Ofícios	Trabalho	Meio Ambiente	Informática	Atualidade	Atualidade	Atualidade	Atualidade	Atualidade	Atualidade	Atualidade	Atualidade	Atualidade
01	César Rogério Eckardt																								
02	Cláudio Antenor Kelm																								
03	Evandro Valmir Kelm																								
04	Jair Gilmar Tillwitz																								
05	Jaqueline Hübner																								
06	Jorge Felipe Glienke																								
07	Neusa Alma Glienke																								
08	Sandro Valmor Kelm																								
09	Sandro Valmir Altmann																								

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 24 de Janeiro de 1986

Secretaria
Aut. nº 1 Therese Theresinha Staudt
Secretaria

Assessoria
Aut. nº 2 Therese Theresinha Staudt
Assessoria

Assessoria
Aut. nº 3 Therese Theresinha Staudt
Assessoria

Ilustração 21: Ata de Resultados Finais da Turma de 2ª série do ano de 1985 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

No ano de 1986, quando eu, minha irmã e Daniel Cristiano havíamos concluído as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e já estávamos na 5ª série na Escola Estadual de Ensino Fundamental Progresso - eu e minha irmã - e Daniel Cristiano na Escola Estadual Frederico Lens, dois colegas (Carmen Eliane e Pablo André) cursavam a 4ª série, três (César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Volmir) na 3ª série e dois (Evandro Valmir e Sandro Valmor) ainda estavam na 2ª série. Vê-se nos documentos:

- neste documento de ata final da 4ª série de 1986, destaca-se a reprovação de Carmen Eliane e Pablo André;

Estabelecimento: Escola Municipal de 1ª Gr. - Inc. Humberto Francisco Hettwer 30.ª Delegacia de Educação - RS
Município: Três de Maio Ano Letivo: 1986
ATAS DE RESULTADOS FINAIS CULTURA E DESPORTOS
- S M E C D -
Três de Maio - RS
Carga Horária Anual: 752

Aos 22 dias do mês de dezembro de 1986 concluiu-se a apuração final do rendimento escolar dos alunos.

Série	Grau	Ano	Turma	Turno	CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDOS														Resolução 07/72 CEE	Currículo por Ativ.						Faltas Anuais	Resultado Final (A - R)
					Comunicação e Expressão	Estudos Sociais				Ciências		Tecnologia				Ensino Religioso	Comunicação e Expressão	Integração Social		Iniciação a Ciências	Curriculo por Atividades						
N.º	Nome (ordem alfabética)	Língua Portuguesa	Educação Artística	Educação Física	Geografia	História	Educação Moral e Cívica	OSP B	Matemática	Ciências Físicas e Biológicas	Técnicas Agrícolas	Técnicas Industriais	Técnicas Comerciais	Técnicas Domésticas	Ensino Religioso	Comunicação e Expressão	Integração Social	Iniciação a Ciências	Curriculo por Atividades	Faltas Anuais	Resultado Final (A - R)						
01	Carmen Eliane Tillwitz	70	75	75	65	60	65	-	65	70	-	-	-	-	-	95	-	-	-	-	11	A					
02	Gelson Luís Eckhardt	60	75	65	60	55	60	-	60	65	-	-	-	-	-	90	-	-	-	-	32	A					
03	Loreni Teresinha Prust	60	70	70	40	50	40	-	50	45	-	-	-	-	-	75	-	-	-	-	139	R					
04	Pablo André Broenstrup	45	65	55	50	50	55	-	40	50	-	-	-	-	-	60	-	-	-	-	58	R					

Programas de Saúde desenvolvidos nas especialidades curriculares

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 22 de abril de 1987

AUT. N.º Volmir Kalm SECRETARIA(M) Lic. n.º 642/87

AUT. N.º Marta L. J. S. S. S. DIRETORIA Aut. n.º 006/85

Ilustração 22: Ata de Resultados Finais da Turma de 4ª série do ano de 1986 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

- neste documento de ata final da 3ª série de 1986, destaca-se a reprovação de César Rogério e a aprovação de Cláudio Antenor e Sandro Volmir;

Estabelecimento: Escola Municipal de 1ª Gr. - Inc. Humberto Francisco Hettwer 30.ª Delegacia de Educação - RS
Município: Três de Maio Ano Letivo: 1986
ATAS DE RESULTADOS FINAIS CULTURA E DESPORTOS
- S M E C D -
Três de Maio - RS
Carga Horária Anual: 752

Aos 22 dias do mês de dezembro de 1986 concluiu-se a apuração final do rendimento escolar dos alunos.

Série	Grau	Ano	Turma	Turno	CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDOS														Resolução 07/72 CEE	Currículo por Ativ.						Faltas Anuais	Resultado Final (A - R)
					Comunicação e Expressão	Estudos Sociais				Ciências		Tecnologia				Ensino Religioso	Comunicação e Expressão	Integração Social		Iniciação a Ciências	Curriculo por Atividades						
N.º	Nome (ordem alfabética)	Língua Portuguesa	Educação Artística	Educação Física	Geografia	História	Educação Moral e Cívica	OSP B	Matemática	Ciências Físicas e Biológicas	Técnicas Agrícolas	Técnicas Industriais	Técnicas Comerciais	Técnicas Domésticas	Ensino Religioso	Comunicação e Expressão	Integração Social	Iniciação a Ciências	Curriculo por Atividades	Faltas Anuais	Resultado Final (A - R)						
01	César Rogério Echarat	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	65	50	50	35	-	02	R					
02	Cláudio Antenor Kelm	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	65	65	50	55	-	06	A					
03	Elmar Ernani Tillwitz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	75	70	55	65	-	07	A					
04	Jair Gilmar Tillwitz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	70	60	50	35	-	06	R					
05	Jaqueline Häbner	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	80	65	65	75	-	01	A					
06	Neusa Alma Glienke	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	70	55	50	35	-	03	R					
07	Sandro Volmir Altmann	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	75	70	55	50	-	05	A					

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 22 de abril de 1987

AUT. N.º Volmir Kalm SECRETARIA(M) Lic. n.º 642/87

AUT. N.º Marta L. J. S. S. S. DIRETORIA Aut. n.º 006/85

Ilustração 23: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1986 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

- neste documento de ata final da 2ª série de 1986, destaca-se a aprovação de Evandro Valmir e Sandro Valmor;

Ano <u>1986</u> Turma <u>União</u>																									
Turno <u>Vespertino</u>																									
N.º	Nome (ordem alfabética)	Língua Portuguesa	Educação Artística	Educação Física	Geografia	História	Educação Moral e Cívica	O S P B	Matemática	Ciências Físicas e Biológicas	Técnicas Agrícolas	Técnicas Industriais	Técnicas Comerciais	Técnicas Domésticas			Ensino Religioso	Comunicação Expressão	Integração Social	Iniciação a Ciências	Curriculo por Atividades			Faltas Anuais	Resumido F (A - R)
01	Celi Teresinha Ciotti	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	70	70	50	50	-	-	-	06	A
02	Dari Valmir Tillwitz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60	65	65	60	-	-	-	06	A
03	Evandro Volmir Kelm	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60	50	50	50	-	-	-	13	A
04	Jonas Naor Glienke	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	65	75	70	65	-	-	-	01	A
05	Jorge Felipe Glienke	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60	40	40	35	-	-	-	07	R
06	Marilice Schürer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50	35	35	35	-	-	-	10	R
07	Rosane Tillwitz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	65	65	70	60	-	-	-	10	A
08	Sandro Valmor Kelm	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	70	70	55	55	-	-	-	11	A
09	Vilson Vicente Prust	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60	45	35	40	-	-	-	51	R

2ª série

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 22 de abril de 1987

SECRETARIA
AUT. N.º Volmir Kaiser
Secretaria
Lic. n.º 642/87

DIRETORIA
AUT. N.º Marti I. D. Schwartz
Diretora
Aut. n.º 006/83

Ilustração 24: Ata de Resultados Finais da Turma de 2ª série do ano de 1986 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

No ano de 1987, quando freqüentávamos a 6ª série (Carmen Paula, Daniel Cristiano e eu), uma (Carmen Eliane) cursava a 5ª série na Escola Estadual Frederico Lenz de Vila Manchinha, três cursavam a 4ª série (Cláudio Antenor e Sandro Volmir na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer e Pablo André na Escola Municipal Antônio Gonçalves Dias), ainda havia três colegas (César Rogério, Evandro Valmir e Sandro Valmor) que estavam na 3ª série. Vê-se nos documentos:

- neste documento de ata final de 4ª série de 1987, destaca-se a aprovação de Cláudio Antenor e Sandro Volmir;

Aos 30 dias do mês de dezembro de 1987, com...

Série 4ª Grau 1ª
Ano 1987 Turma Única
Turno Vespertino

CURRÍCULO POR ANO

N.º	Nome (ordem alfabética)	Comunicação e Expressão		Estudos Sociais		Ciências		Tecnologia		Educação Regional	Comunicação e Expressão	Integração Social	Iniciativa e Criação	Curriculo por Anos	Faltas	Resumo			
		Uniqua	Portuguesa	Educação	Artística	Educação	Física	Geografia	História								Educação	Moral e Cívica	O S P B
01	Cláudio Antenor Kelm	45	75	65	40	45	50	-	40	40	-	-	-	-	-	75	R		
02	Elmar Ernani Tilwitz	50	70	70	45	45	45	-	40	45	-	-	-	-	-	64	R		
03	Ercio Rusch	55	70	80	55	60	70	-	70	50	-	-	-	-	-	25	A		
04	Jaqueline Hübner	80	90	85	80	75	90	-	70	80	-	-	-	-	-	04	A		
05	Loreni Teresinha Prust	70	80	80	40	55	50	-	55	50	-	-	-	-	-	249	R		
06	Sandro Volmir Altmann	50	75	70	50	40	60	-	45	60	-	-	-	-	-	24	R		

Programas de Saúde desenvolvidos nas especificações curriculares

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 28 de Janeiro de 1988.

Estaudt SECRETARIA(A) *Luiz Carlos Teresinha Staudt* SECRETARIA(A) *Estaudt* DIRETOR(A) *Marli I. D. Santizka* DIRETOR(A)

AUT. N.º 641/87

Ilustração 25: Ata de Resultados Finais da Turma de 4ª série do ano de 1987 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

- neste documento de ata final de 3ª série de 1987, destaca-se a aprovação de César Rogério e a reprovação de Evandro Valmir e Sandro Valmor;

Aos 28 dias do mês de Janeiro de 1988, com...

Série 3ª Grau 3ª
Ano 1987 Turma Única
Turno Vespertino

CURRÍCULO POR ANO

N.º	Nome (ordem alfabética)	Comunicação e Expressão		Estudos Sociais		Ciências		Tecnologia		Educação Regional	Comunicação e Expressão	Integração Social	Iniciativa e Criação	Curriculo por Anos	Faltas	Resumo						
		Uniqua	Portuguesa	Educação	Artística	Educação	Física	Geografia	História								Educação	Moral e Cívica	O S P B	Matemática	Ciências	Física e Biologia
01	Cesar Rogério Echarde	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60	55	50	55	-	-	04	A
02	Celi Teresinha Clotti	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	65	50	50	60	-	-	11	A
03	Dani Valmir Tillwitz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60	50	50	50	-	-	10	A
04	Evandro Valmir Kelm	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60	45	50	45	-	-	20	R
05	Jair Gilmar Tillwitz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50	55	50	50	-	-	21	A
06	Jonas Neco Glencio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	65	65	60	70	-	-	01	A
07	Jonas Neco Glencio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	65	55	55	50	-	-	01	A
08	Rosane Tillwitz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60	55	55	55	-	-	04	A
09	Sandro Valmor Kelm	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	65	50	50	45	-	-	21	R

E, para constar foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo Diretor.

Três de Maio, 28 de Janeiro de 1988.

Estaudt SECRETARIA(A) *Luiz Carlos Teresinha Staudt* SECRETARIA(A) *Estaudt* DIRETOR(A) *Marli I. D. Santizka* DIRETOR(A)

AUT. N.º 641/87

Ilustração 26: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1987 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

No ano de 1988, último ano em que alunos da turma de 1982 aparecem nos registros escolares da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, enquanto eu e minha irmã estávamos na 7ª série, praticamente concluindo o Ensino Fundamental, Carmem Eliane e Daniel Cristiano freqüentavam a 6ª série (pois ele havia reprovado). Ainda três colegas (César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Volmir) freqüentavam a 4ª série na mesma escola; o ex-colega Evandro Valmir havia sido transferido para a Escola Municipal Antônio Gonçalves Dias e cursava novamente a 3ª série e Sandro Valmor havia abandonado a escola. O nome dos três alunos que no ano de 1988 ainda freqüentavam a 4ª série da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer e a situação de transferência de Evandro Valmir e a evasão escolar de Sandro Valmor verificam-se na cópia do documento abaixo:

- Neste documento estão circulados os nomes dos três ex-colegas (César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Volmir) que concluíam a 4ª série no ano de 1988;

Ata de Resultados Finais da Turma de 4ª série do ano de 1988 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer.

Três de Maio, 24 de fevereiro de 1989

Secretário(a)
Valmi Kaiser
Secretária
Lic. nº 26/89

Diretor(a)
Prof. Armando Luiz Stettens
Diretor
Aut. N.º 1179/89

SÉRIE: 4ª	TURMA: 4ª	NÚCLEO COMUM													FALTAS ANUAIS	REPROVAÇÃO	FALTAS
		PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	ESTUDOS SOCIAIS	HISTÓRIA	GEOGRAFIA	CIÊNCIAS	CIÊNCIAS FÍSICAS	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	EDUCAÇÃO FÍSICA	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	EDUCAÇÃO CÍVICA	ENSINO RELIGIOSO				
01	Celli Feresinha Ciotti	80	65	60	-	-	60	-	-	75	80	60	60	-	06	1	
02	César Rogério Eckhardt	60	50	60	-	-	50	-	-	60	70	50	60	-	01	1	
03	Cláudio Antenor Kelm	50	50	50	-	-	50	-	-	70	60	50	65	-	33	1	
04	Dani Valmir Fillwitz	T	R	A	N	S	F	E	R	I	D	O					
05	Elmar Ernani Fillwitz	T	R	A	N	S	F	E	R	I	D	O					
06	Jair Gilmar Fillwitz	T	R	A	N	S	F	E	R	I	D	O					
07	Jona Naor Glienke	70	90	75	-	-	85	-	-	85	85	90	95	-	05	1	
08	Loreni Feresinha Prust	70	80	60	-	-	60	-	-	85	80	70	90	-	21	1	
09	Maria Clasciane Brass	70	60	55	-	-	75	-	-	70	75	70	80	-	08	1	
10	Nussa Alma Glienke	65	55	65	-	-	70	-	-	75	80	75	80	-	02	1	
11	Rosane Fillwitz	T	R	A	N	S	F	E	R	I	D	O					
12	Sandro Volmir Altmann	50	60	50	-	-	55	-	-	60	70	65	65	-	10	1	

NOTA MÍNIMA DE APROVAÇÃO É = 50

Programas de Saúde e...
nas especificações curriculares

Ilustração 27: Ata de Resultados Finais da Turma de 4ª série do ano de 1988 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

- já no documento abaixo estão circulados os nomes do ex-colega, Evandro Valmir, que foi transferido em 1988 e o de Sandro Valmor, que consta como evadido;

MUNICÍPIO: _____

Aos 29 dias do mês de dezembro

nr	SÉRIE: <u>3º</u> TURMA: <u>Letras</u> GRAU: <u>1º</u> ANO: <u>1969</u> TURNO: <u>Vespertino</u> Nome do Aluno	NÚCLEO COMUM - 1969														EDUCAÇÃO FÍSICA	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	ED. MORAL e CÍVICA	ENSINO RELIGIOSO	PÁTRIA AMÉRICA	PORTUGUÊS	
		PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	ESTUDOS SOCIAIS	HISTÓRIA	GEOGRAFIA	CIÊNCIAS	CIÊNCIAS FÍSICAS	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS													
01	Algeuete Ademir Tiliuiz	T	R	A	E	E	P	E	R	I	D	O										
02	Euandro Valmir Kelm	T	R	A	E	E	P	E	R	I	D	O										
03	Jorge Felipe Gliente	E	V	A	D	I	D	O														
04	Laerte José Altmann	50	65	50	-	-	55	-	-	-	55	60	55	65	-	-						
05	Loraine Kluenbach	50	55	50	-	-	65	-	-	-	50	50	50	60	-	02						
06	Martinho Schärer	50	55	50	-	-	65	-	-	-	50	50	50	60	-	05						
07	Martinho Glaci Brasc	50	50	50	-	-	50	-	-	-	50	60	55	60	-	06						
08	Milva Keli Tiliuiz	T	R	A	E	E	P	E	R	I	D	A										
09	Sandro Valmir Kelm	E	V	A	D	I	D	O														

Programas de Saúde desenvolvidos nas especializações curriculares

NOTA MÍNIMA DE APROVAÇÃO é = 50

E, para constar foi lavrada esta ata.

Três de Maio, 26 de dezembro de 1969

Secretário(a) _____

Valmi Kaiser
Secretaria
Lic. nº 06/69

Diretor(a) _____

Prof. Armando Luiz Stettens
Diretor
Lic. nº 06/69

16

Ilustração 28: Ata de Resultados Finais da Turma de 3ª série do ano de 1988 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. Cópia do documento obtida junto à Secretaria Municipal de Educação de Três de Maio, em julho de 2005.

Além de nós três (Carmen Paula, Daniel Cristiano e eu), os demais tiveram a seguinte trajetória na Escola “Humberto Francisco Hettwer” e na Escola Municipal Antônio Gonçalves Dias:

- Carmen Eliane freqüentou a escola por cinco anos para concluir a 4ª série. Reprovou apenas uma vez, na 1ª série (1982). Tinha 11 anos ao concluir a 4ª série do Ensino Fundamental. Freqüentou ainda a 5ª série, na qual aprovou, e, posteriormente, a 6ª série a qual não chegou a concluir, sendo que parou de estudar aos 13 anos.

- César Rogério frequentou a escola por sete anos para concluir a 4ª série. Reprovou três vezes: uma na 1ª (1982), uma na 2ª (1984) e uma na 3ª (1986). Tinha, portanto, 13 anos ao concluir a 4ª série do Ensino Fundamental.

¹⁶ Neste documento deveria constar Sandro Valmor e consta Sandro Valmir.

- Cláudio Antenor também freqüentou a escola por sete anos para concluir a 4ª série. Reprovou uma vez em cada uma das seguintes séries: 1ª (1982), 2ª (1984) e 4ª (1987). Tinha, também, 13 anos ao concluir a 4ª série do Ensino Fundamental.

- Evandro Valmir freqüentou sete anos a escola e iniciou o oitavo, mas concluiu apenas a 3ª série. Reprovou duas vezes na 1ª série (1982 e 1983), uma na 2ª (1985) e uma na 3ª (1987). Em 1988, quando repetia a 3ª série, foi transferido para a Escola Municipal Antônio Gonçalves Dias, de Esquina União, no Distrito de Progresso, pois foi trabalhar na casa de uma família daquela localidade. Naquele ano, foi aprovado na 3ª série. Em 1989, ano em que cursava a 4ª série, seus pais se mudaram para a localidade de Bom Jardim, interior do município de Nova Candelária, RS. Foi morar novamente com eles e abandonou a escola. Tinha 13 anos, quando deixou a escola, não chegando a concluir a 4ª série do Ensino Fundamental.

- Pablo André freqüentou a escola por seis anos para concluir a 4ª série. Reprovou uma vez na 2ª (1983) e uma na 4ª (1986). Ao cursar a 4ª série pela segunda vez, foi transferido para a Escola Municipal Antônio Gonçalves Dias de Esquina União, no Distrito de Progresso, sendo aprovado. Tinha 12 anos ao concluir a 4ª série do Ensino Fundamental. Cursou a 5ª série por três anos consecutivos. Sem ser aprovado, parou de estudar aos 15 anos para trabalhar com o pai. Freqüentou a escola por nove anos e tem hoje a escolaridade de 4ª série do Ensino Fundamental.

- Sandro Valmor freqüentou a escola por sete anos, mas concluiu apenas a 2ª série. Reprovou duas vezes na 1ª (1982 e 1983), uma vez na 2ª (1985) e uma na 3ª (1987). Abandonou a escola no sétimo ano de estudo (1988), quando cursava a 3ª série pela segunda vez. Tinha, então, a idade de 14 anos, pois que entrou para a escola no ano em que completaria oito anos.

- Sandro Volmir freqüentou a escola por sete anos para concluir a 4ª série. Reprovou uma vez nas seguintes séries: 1ª (1982), 2ª (1984) e 4ª (1987). Apenas na 3ª série foi aprovado com um ano de curso. Como entrou para a 1ª série no ano em

que completava oito anos, concluiu a 4ª série com 14 anos. Chegou a cursar a 5ª série, mas, ao reprovar, com 15 anos não mais frequentou a escola.

Estes dados também podem ser analisados de outra forma no quadro a seguir, sendo necessário observar o significado das seguintes siglas: (SE) Série; (RF) resultado final; (A) aprovado; (R) reprovado; (E) evadido e (T) transferido.

Quadro 5: Aprovações e Reprovações dos alunos da “Turma de 1982” de 1982 a 1988, na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer

ANO ALUNO	1982		1983		1984		1985		1986		1987		1988	
	SE	RF	SE	RF	SE	RF	SE	RF	SE	RF	SE	RF	SE	RF
Carmen Eliane	1ª	R	1ª	A	2ª	A	3ª	A	4ª	A	----	----	----	----
Carmen Paula	1ª	A	2ª	A	3ª	A	4ª	A	----	----	----	----	----	----
César Rogério	1ª	R	1ª	A	2ª	R	2ª	A	3ª	R	3ª	A	4ª	A
Cláudio Antenor	1ª	R	1ª	A	2ª	R	2ª	A	3ª	A	4ª	R	4ª	A
Daniel Cristiano	1ª	A	2ª	A	3ª	A	4ª	A	----	----	----	----	----	----
Evandro Valmir	1ª	R	1ª	R	1ª	A	2ª	R	2ª	A	3ª	R	3ªT ¹⁷	A
Magda Raquel	1ª	A	2ª	A	3ª	A	4ª	A	----	----	----	----	----	----
Pablo André	1ª	A	2ª	R	2ª	A	3ª	A	4ª	R	4ªT	AT	----	----
Sandro Valmor	1ª	R	1ª	R	1ª	A	2ª	R	2ª	A	3ª	R	3ª	E
Sandro Volmir	1ª	R	1ª	A	2ª	R	2ª	A	3ª	A	4ª	R	4ª	A

¹⁷ Transferidos para a Escola Municipal Antônio Gonçalves Dias de Esquina União, no Distrito de Progresso.

Neste quadro, verifica-se, novamente, que, dos dez alunos matriculados na primeira série em 1982, são aprovados ao final do ano letivo apenas quatro alunos.

No ano de 1983, enquanto esses quatro cursaram a 2ª série e destes foram aprovados três, os outros seis alunos repetiram a 1ª série, sendo que, destes, aprovaram quatro e dois permaneceram na 1ª (Evandro Valmir e Sandro Valmor).

No ano de 1984, os dois (Evandro Valmir e Sandro Valmor) que haviam ficado na 1ª série foram aprovados para a 2ª. Um aluno repetiu a 2ª série (Pablo André) e juntaram-se a esse os quatro aprovados da primeira (Carmen Eliane, César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Volmir). Desses cinco que estavam na 2ª, foram aprovados dois (Carmen Eliane e Pablo André) e três foram reprovados (César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Volmir). Os três que cursavam a 3ª série (Carmen Paula, Daniel Cristiano e eu) foram novamente aprovados.

No ano de 1985, estavam na 2ª série cinco alunos (César Rogério, Cláudio Antenor, Evandro Valmir, Sandro Valmor e Sandro Volmir). Desses reprovaram dois (Evandro Valmir, Sandro Valmor). Os demais, que cursavam a 3ª série (Carmen Eliane e Pablo André) e os que cursavam a 4ª série (Carmen Paula, Daniel Cristiano e eu), foram todos aprovados naquele ano.

No ano de 1986, Carmen Paula e eu cursávamos a 5ª série na escola de Progresso e Daniel Cristiano, a 5ª série, na escola de Manchinha. Na 4ª série, ainda na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, estudaram Carmen Eliane, que foi aprovada, e Pablo André, que reprovou naquele ano. Na 3ª série, foram aprovados Cláudio Antenor e Sandro Volmir, reprovando César Rogério. Evandro Valmir, Sandro Valmor aprovaram recém na 2ª série.

No ano de 1987, Carmen Eliane cursou a 5ª série na escola de Manchinha. Pablo André foi aprovado na 4ª série, mas, na Escola Municipal Antônio Gonçalves Dias. Cláudio Antenor e Sandro Volmir foram reprovados na 4ª série, na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer. César Rogério foi aprovado na 3ª série. Evandro Valmir e Sandro Valmor reprovaram na 3ª série.

No ano de 1988, último ano em que se encontram registros de alguns dos nomes da turma de 1982 na Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, ainda permaneceram na escola cinco alunos. Os três (César Rogério, Cláudio Antenor e Sandro Valmir), que cursaram a 4ª série, foram aprovados. Evandro foi transferido para a Escola Antônio Gonçalves Dias, onde foi aprovado na 3ª série e Sandro Valmor abandonou a escola naquele ano.

No próximo quadro, mostro, de forma simplificada, quantos anos cada aluno da turma de 1982 frequentou a escola para concluir a 4ª série e se concluiu ou não; bem como quantos anos cada ex-colega permaneceu nas quatro séries finais do Ensino Fundamental e se concluiu a 8ª série:

Quadro 6: Escolarização nos anos iniciais e nos anos finais no Ensino Fundamental da “Turma de 1982”

Aluno	Número de anos que esteve na escola de Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série	Séries concluídas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental	Número de anos que esteve na escola de Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série	Séries concluídas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental
Carmen Eliane	5	4ª Série	2 (5ª e 6ª séries)	5ª série
Carmen Paula	4	4ª Série	4	8ª Série
César Rogério	7	4ª Série	-----	-----
Cláudio Antenor	7	4ª Série	-----	-----
Daniel Cristiano	4	4ª Série	5 (reprovou na 6ª série)	8ª Série
Evandro Valmir	7 (abandonou no 8º ano)	3ª Série	-----	-----
Magda Raquel	4	4ª Série	4	8ª Série
Pablo André	6	4ª Série	3 (na 5ª série)	-----
Sandro Valmor	7 (abandonou no 7º ano)	2ª Série	-----	-----
Sandro Valmir	7	4ª Série	2 (na 5ª série)	-----

Verifica-se que, enquanto os alunos que nunca reprovaram já estavam quase concluindo o Ensino Fundamental, outros ainda não haviam concluído a 4ª série do Ensino Fundamental. No ano de 1988, sete anos após a entrada dessa turma de alunos na escola, minha irmã e eu concluímos a 7ª série; Daniel Cristiano concluiu a 6ª série (por haver reprovado no ano anterior); Carmen Eliane reprovou na 6ª série e abandonou a escola; Pablo André reprovou na 5ª série, sendo que freqüentou esta série por mais dois anos, mas sem sucesso; César Rogério, Cláudio Antenor conseguem concluir a 4ª série, após estarem sete anos na escola, mas depois não foram mais à escola; Sandro Volmir também concluiu a 4ª série naquele ano, freqüentou a 5ª série no ano seguinte, mas sem sucesso, e abandonou a escola; Evandro Valmir abandonou a escola na 4ª série, sem concluí-la e Sandro Valmor abandonou a escola no ano em que repetiu a 3ª série.

No quadro abaixo, mostro a escolarização total dos alunos da turma de 1982, considerando o número de alunos por nível de escolarização atingida no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no Ensino Superior:

Quadro 7: Escolarização dos Alunos da “Turma de 1982” do Ensino Fundamental ao Ensino Superior

Nível de Instrução	Número de Alunos	Nome dos Alunos
Ensino Superior	3	Carmen Paula, Daniel Cristiano e Magda Raquel
5ª Série - Ensino Fundamental	1	Carmen Eliane
4ª Série - Ensino Fundamental	4	César Rogério, Cláudio Antenor, Pablo André e Sandro Volmir
3ª Série - Ensino Fundamental	1	Evandro Valmir
2ª Série - Ensino Fundamental	1	Sandro Valmor

Através do quadro, percebe-se que a 5ª série foi o nível mais avançado de escolarização a que uma ex-colega chegou, além dos três referidos que concluíram Ensino Superior. Os que freqüentaram a 5ª série estudaram na escola estadual de Vila Manchinha ou de Vila Progresso, já os que estudaram até 2ª, 3ª ou 4ª séries ficaram apenas na escola de Esquina Hettwer, ou, em alguns casos, por motivo de mudança, passaram a estudar na Escola Municipal Antônio Gonçalves Dias de Esquina União, no Distrito de Progresso.

Chama a atenção que, justamente as seis crianças reprovadas em 1982, mais o aprovado com recuperação, não concluíram o Ensino Fundamental. Para Carmem Eliane, César Rogério, Cláudio Antenor, Evandro Valmir, Pablo André, Sandro Valmor e Sandro Volmir, a escolaridade não passou de umas poucas séries, no mínimo segunda e no máximo quinta, embora tenham ficado entre seis e oito anos na escola. Dos cinco meninos reprovados e o aprovado com recuperação, quatro concluíram a quarta série (César Rogério, Cláudio Antenor, Pablo André e Sandro Volmir), um a terceira (Evandro Valmir) e outro concluiu apenas a segunda série (Sandro Valmor). Das três meninas, Carmen Eliane foi a que estudou apenas até a 5ª série.

O colega Pablo, mesmo aprovado na primeira série do Ensino Fundamental, relatou na entrevista ter voltado para a primeira série (não oficialmente), por não saber ler. Portanto, dos sete meninos, seis tiveram pouca escolarização. Dos meninos, somente Daniel Cristiano havia dado continuidade aos estudos, chegando a se formar no Ensino Superior no curso de Administração de Empresas.

Apenas os alunos que concluíram o Ensino Superior desempenham profissões não vinculadas à agricultura. Três, apesar de trabalhem na agricultura, não ficaram com os pais. A desvalorização dos produtos agrícolas e as pequenas propriedades levaram os filhos desses agricultores, depois de casados ou adultos, a buscarem trabalho com donos de fazendas como é o caso de Pablo André, ou, em procurarem serviços domésticos em casas de famílias, como é o caso de Carmen Eliane. Além disso, há situações em que os filhos estudaram (dos quatro filhos, três cursaram o Ensino Superior e a caçula está cursando atualmente) e não mais estão

na agricultura, como é o caso de meus pais, em que precisam contar com o auxílio de outras pessoas para realizarem as atividades na lida do campo.

Verifiquei ainda, que, dos dez alunos matriculados no ano de 1982, nenhum era repetente, embora alguns tivessem oito anos no final do ano, caracterizando uma cultura das famílias da comunidade em que as crianças de uma mesma família, com pouca diferença de idade, sete ou oito anos, por exemplo, eram matriculadas no mesmo ano na escola. No caso da turma de 1982, houve duas situações desse tipo: o Sandro Valmor, irmão mais velho de Evandro Valmir e a Carmen Paula, minha irmã mais velha.

Ao descrever e analisar os dados dos documentos me deparei com a pouca escolarização de meus ex-colegas, mesmo que tenham ficado por vários anos na escola, e com o fato de um número significativo, de 70% da turma, sequer ter concluído o Ensino Fundamental. Procurei nas histórias de vida elementos que pudessem “explicar” essa realidade. Através das histórias de vida ,foi, também, possível ouvir as vozes silenciadas do campo. Desse ponto tratarei no próximo capítulo, uma vez que, como diz Molina Filho e Shirota (1983, p.85), “os que continuam a estudar depois da quarta série já são quase uma elite no meio rural.” Assim é, também, infelizmente, o caso da turma de 1982: em sua grande maioria um histórico de fracasso escolar.

Sabe-se que o direito de freqüentar a escola é garantido por lei, o que torna a escola supostamente aberta para todos. Mesmo que o direito à escolarização seja para todos, independente de classes sociais, a escola não tem conseguido garantir o sucesso de forma igual, o que quer dizer que a realidade da escola pública, especialmente a localizada na periferia dos grandes centros urbanos, e a escola rural, vem impedindo que esse direito seja garantido no seu real sentido. A frágil escolaridade faz com que muitos tenham como destino os trabalhos braçais, com remuneração baixa, ou o desemprego, e, no caso dos filhos do campo, o destino é continuar as suas atividades no meio rural, submissos à exploração.

Soares (1996) assim afirma, referindo-se ao fracasso escolar:

Não só estamos longe de ter uma escola para todos, como também a escola que temos é antes *contra* o povo que *para* o povo: o fracasso escolar dos alunos pertencentes às camadas populares, comprovado pelos altos índices de repetência e evasão, mostra que, se vem ocorrendo uma progressiva democratização de *acesso à escola*, não tem igualmente ocorrido a democratização *da escola* (p.8 e 9)

Magda Soares (1996), no final dos anos oitenta, já denuncia que:

As altas taxas de repetência e evasão mostram que os que conseguem entrar na escola, nela não conseguem aprender, ou não conseguem ficar. Segundo as estatísticas, de cada 1000 crianças que iniciam a 1ª série, menos da metade chega a 2ª, menos de um terço consegue atingir a 4ª série, e menos de um quinto conclui o primeiro grau. A repetência – isto é, a não-aprendizagem – e a evasão – isto é, o abandono da escola – explicam esse progressivo afunilamento, que vai contribuindo com a chamada “pirâmide educacional brasileira (p. 9).

Estes dados têm tudo a ver com a turma de 1982, uma vez que eu e meus ex-colegas também entramos na escola na década de oitenta e a grande maioria da turma faz parte da base da “pirâmide educacional brasileira”, ou seja, dois nem conseguiram concluir a 4ª série, quatro a concluíram e uma chegou a terminar a 5ª série do Ensino Fundamental.

4. OS ACHADOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Estou vivendo com o cotidiano novas possibilidades, onde os sujeitos vão entrando na pesquisa e com eles vou aprendendo ser possível ver o cotidiano com novas lentes e sentidos. Começo com muita humildade a compreender que para pensar a complexidade do cotidiano se faz necessário romper barreiras, principalmente as minhas (RODRIGUES, 2004, p.20).

Rodrigues (2004) auxilia na análise das Histórias de Vida pesquisadas. Os sujeitos (meus ex-colegas) foram adentrando no universo de minha pesquisa, fazendo-me perceber o “cotidiano” do mundo rural passado/presente de uma maneira diferente do olhar que tinha diante do contexto antes da pesquisa.

Senti, em muitos momentos da investigação, que tudo o que pensava da escola rural estava por ruir, ou, então, as idéias que tinha sobre as hipóteses de não escolarização eram muito vagas diante do conjunto de fatores que emergiram das histórias de vida para justificar a não escolarização de 70% de meus ex-colegas. O cotidiano rural que, aparentemente, era tão simples, diante de meus olhos passou a ser profundamente complexo.

Ao iniciar as leituras sobre o tema da pesquisa, pensava não ser necessário abordar o fracasso escolar, já que minha pesquisa teve início em uma história de sucesso escolar¹⁸. Diante dos dados, já apontados no capítulo anterior, contudo,

¹⁸ Bernard Lahire (1997) estuda o sucesso escolar nos meios populares a partir da afirmativa do senso comum de que nos meios populares não existe o sucesso. Ao configurar casos de “improvável

indaguei, obviamente, como poderia falar apenas de sucesso diante do fato alarmante de 70% da “turma de 1982” não ter concluído o Ensino Fundamental, apesar de permanecerem por vários anos na escola? Araújo e Luzio (2005, p. 1) afirmam que “o fracasso, anunciado por uma reprovação ou pelo abandono, é uma porta de entrada para a exclusão social. De forma simbólica os estudantes estão sendo informados da sua inaptidão para o aprendizado”.

Na obra “Para além do fracasso escolar”, Abramowicz & Moll (1997) afirmam que é preciso “compreender o fracasso escolar” em “múltiplas perspectivas”. (p. 8). Assim, reúnem texto de diversos autores que abordam o fracasso escolar sob diferentes aspectos e, dessa forma, percebemos que este tema não é novidade, mas continua tendo relevância devido à não resolução do problema no sistema educacional brasileiro.

O fracasso escolar é apresentado através de diferentes justificativas que são descritas por Moll (2000) como psicologicista, biologicista e culturalista:

(...) o olhar psicologicista para o qual o fracasso escolar está vinculado às ‘diferenças individuais’ na capacidade de aprender; a abordagem biologicista em que a não aprendizagem é resultado de ‘disfunção biológica’ ou resultado do ‘processo de desnutrição’; a abordagem culturalista, onde o fracasso escolar é produto do ‘ambiente sócio-cultural desfavorecido, pobre em situações de estimulação lingüística, cognitiva e psicomotora’ (MOLL, 2000, p. 87).

Também a retenção escolar de muitos de meus ex-colegas, já apresentada no capítulo anterior, na forma de quadros comparativos dos resultados expressos nas atas finais, decorre das muitas reprovações e fez com que muitos deixassem a escola por sentirem-se envergonhados, pois eram maiores que os demais.

Pablo André assim diz:

Eu parei porque também não tinha mais alternativa, eu i mais um ano na 5ª série, vê os outros com 10 ou 12 anos..., e eu, dá pra dizer um baita homem já, na 5ª série recém [...].

sucesso”, o autor questiona uma cultura há muito arraigada na escola: a de que crianças dos meios populares são fadadas ao fracasso. Reconstituí a minha própria trajetória escolar descrita em meu artigo final do Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento (2004) “Sucesso escolar na zona rural: razões do improvável”.

Daí eu parei, já sentia vergonha dos meus companheiros de aula. Eu acho que tinha uns 15 ou 16 anos, quando ia na 5ª série em Progresso, daí os outros me chateavam, que eu era o mais velho da turma. E daí desisti... (Pablo André, 30 anos, janeiro de 2005).

Diante da categorização dos elementos que emergiram das entrevistas, saliento alguns aspectos marcantes indicados como principais responsáveis por esta pouca escolarização dos meus ex-colegas, que são: a questão do uso da língua alemã nas famílias dos ex-colegas, a distância que os alunos percorriam para chegar à escola, a necessidade de mão-de-obra familiar, a falta de um currículo voltado aos interesses da zona rural e o “arrependimento” por terem parado de estudar. Elementos estes que, como veremos, nada têm a ver com incapacidade de aprender, como poderiam sugerir algumas perspectivas de análise da questão do fracasso escolar. Estes são os elementos abordados neste capítulo.

4.1 Fui para a escola falando apenas alemão

Ao dedicar uma parte deste estudo ao uso da língua na e fora da escola, enfatizo que isto é de total relevância, uma vez que na comunidade de meus ex-colegas, praticamente em sua totalidade, as famílias são descendentes alemães e, desta forma, apresentam características étnico-culturais e lingüísticas bem específicas. Todos aprenderam como língua materna a língua alemã, com exceção de alguns casos em que os alunos foram para a escola bilíngües (alemão e português).

No aprofundamento deste estudo, Jung (1997) esclarece:

À escola, uma das principais agências de letramento, é designada a função de ensinar essa habilidade escrita, como uma tecnologia de comunicação; ignorando as diferenças das sociedades em relação à escrita. [...] porque a escola, em nível nacional, adota uma língua para o ensino - a portuguesa, ignorando a especificidade lingüística dos grupos minoritários (p. 16).

O uso da língua materna na escola, porém, não teve sua aceitação neste contexto, ou seja, a “identidade étnico-lingüística [...] conflita com o modelo de letramento da escola” (JUNG, 2002). A autora, ao realizar um estudo de “étnico-lingüística”, afirma: “As práticas de letramento são o local em que os conflitos emergem, uma vez que o letramento em português representa a cultura dominante e, nesse sentido, torna-se uma ameaça à identidade étnico-lingüística local” (p.87). Os conflitos e dificuldades estavam instaurados quando, em 1982, seis de meus colegas de 1ª série falavam apenas alemão, sendo não só língua desaconselhada como, em certas circunstâncias, proibida.

Jung (1997) escreve em relação à cultura lingüística:

[...] encontra-se muito presente, na sociedade brasileira, o discurso do ideal monolíngüe; ao passo que se ignora completamente uma das particularidades dessa mesma sociedade, que é a coexistência de culturas distintas ocupando o mesmo espaço. É possível imaginar o que isso significa para crianças que ingressam na escola dominando, muitas vezes, só a língua do grupo, a qual, geralmente, não é a língua ensinada na escola. Essa realidade não aparece somente na sala de aula dessa comunidade, mas há vários outros grupos com seus valores, sua tradição e a sua língua, passados de geração a geração, como parte de uma herança familiar e como parte do processo de socialização do seu grupo (1997, p.11).

O fato de levarem para a escola as marcas de sua cultura familiar – língua alemã - e a escola simplesmente ignorá-las, confirmou-se na turma de 1982 quando ex-colegas referiram em seus relatos que se sentiam “isolados” porque não entendiam a língua usada na escola e, pior ainda, eram punidos por isso.

Lembro que muitas pessoas, que constituíram a primeira geração (os bisavós meus e de meus ex-colegas) e a segunda geração (os avós meus e dos ex-colegas), dos quais muitos ainda vivem, falavam ou falam apenas a língua alemã. Também, devido às circunstâncias, os homens, principalmente, aprenderam a falar um português “quebrado”, apenas para se defender no dia-a-dia, resolver os “negócios” na cidade. Da segunda geração, os homens foram para a escola para aprender a ler e fazer contas, e as mulheres, na maioria dos casos, nem foram para a escola. Cito como exemplo a minha avó paterna, hoje com 85 anos, que aprendeu a ler e escrever o português em casa, por vontade própria, uma vez que nos dois

anos que freqüentou a escola aprendeu tudo na língua alemã, diferente da minha geração.

Já a terceira geração, representada pelos meus pais e os de ex-colegas, tem um domínio um pouco maior da língua portuguesa falada, mas em muitos casos apresenta dificuldades na leitura e/ou na escrita, porque teve ainda pouca escolarização (no máximo até à 5ª série).

A quarta geração, representada por mim e pelos meus ex-colegas, ingressou na escola, em alguns casos, com o desejo de se apropriar do mundo das letras, e em outros, com o temor diante do novo que era a escola. O temor de muitos era causado, principalmente, pelo pouco contato que tinham com a língua portuguesa antes de entrarem na escola, o que se deve ao fato de que, “Nos grupos de imigrantes, há a mesma realidade constatada no ensino formal, ou seja, promove-se um ensino em língua portuguesa, sem considerar a realidade bilíngüe dessas comunidades”. (JUNG, 1997, p. 12). Isso também foi evidenciado na turma de 1982.

No quadro abaixo, verificamos que grande número dos ex-colegas não tinha domínio da língua portuguesa ao ingressar na escola, visto que em seu contexto familiar faziam uso da língua alemã. Ou, então, em alguns casos, o contexto familiar fazia uso de duas línguas, o alemão e o português. Vejamos os dados:

Quadro 8: Línguas faladas no contexto familiar de cada ex-colega da “turma de 1982”:

	Nome	Língua Alemã	Língua Portuguesa
1.	Carmen Eliane	X	
2.	Carmen Paula	X	X
3.	César Rogério	X	
4.	CláudioAntenor	X	
5.	Daniel Cristiano	X	X
6.	Evandro Valmir	X	
7.	Magda Raquel	X	X
8.	Pablo André	X	X
9.	Sandro Valmor	X	
10.	Sandro Volmir	X	

Observando o quadro, vemos que, dos dez alunos da turma, seis ingressaram na escola fazendo uso apenas da língua materna, no caso a alemã, e quatro tinham contato com ambas as línguas (o alemão e o português). Eram, portanto, bilíngües, embora o vocabulário português fosse restrito, pelo menos no meu caso e no de minha irmã.

Em se tratando apenas do uso da língua alemã, ao ingressarem na escola vários colegas relatam sobre esta situação em suas histórias de vida: *“Nem sei se eu sabia falar português naquela época. Nem sei... Mas eu acho que nem sabia falar português...”* (Evandro Valmir, 30 anos, julho de 2005). *“Eu não sabia falar em português”* (Sandro Valmor, 31 anos, julho de 2005).

Carmen Eliane relata:

Quando eu fui na aula eu queria fala em brasileiro¹⁹ né! A gente sempre se preocupava como é que nós vamo fazê isso? Daí nós falava em alemão, também te lembra né Magui²⁰? Daí a primeira coisa que eu pensei, será que vou aprendê a lê? A gente comentava assim... Ah, daí depois só que era ruim que não sabia falar em brasileiro, só em alemão (Carmen Eliane, 30 anos, janeiro de 2005).

A questão do uso da língua alemã também se evidencia na fala de outro colega, quando diz assim:

Daí o cara não aprende. Não tinha como falar português, chegava lá [na escola] meio com medo já. O que eles vão fazê hoje? O que vocês falam? Não é que nem o cara já sabê tudo que faz... Sempre tinha aquele medo de não sabê o que ia acontecê. [...] Até mesmo porque nessa região aqui, não tinha nenhum ‘gringo’ que falava português, tudo alemão. [...] o cara só sabia alemão, a gente não entendia as coisas direito como eram, se fosse em alemão o cara ia entendê, mas em português já era muito difícil. Aí isso já deu uma quebra pra mim, até que o cara sabia umas palavras, aí já foi melhor, foi embora depois (Cláudio Antenor, 30 anos, janeiro de 2005).

¹⁹ “Falar em brasileiro” quer dizer falar o português.

²⁰ “Magui” era meu apelido de infância.

Situação também evidenciada pela professora Nélvi, quando responde se todos os alunos sabiam falar o português ao entrarem na escola. A professora escreve:

Eu sentia muita dificuldade no início de cada ano com os alunos novos, isto é, aqueles que ingressavam na 1ª série, pois a maioria não sabia o português, então nas primeiras aulas eu falava em alemão, já que toda a comunidade era de dialeto alemão e em casa só usavam essa língua. Eu precisava cativar e familiarizar as crianças com o mundo escolar para daí poder alfabetizá-las. O que era legal, os alunos maiores ensinavam os novos a falarem o português e quando menos se esperava todos estavam falando e escrevendo o português. (Professora Nélvi, 44 anos, 2004).

Este fato relatado pela professora Nélvi mostra que os alunos das classes mais avançadas auxiliavam os alunos que recém haviam entrado na escola, não apenas em termos da língua (passar para os outros colegas novatos o que já sabiam no português), mas também no que se refere aos conteúdos. Esse processo é próprio das escolas multisseriadas, estratégia de trabalho definida por De Vargis (2003) como “delegação de autoridade”, em sua pesquisa realizada quando explorou a prática de professores leigos em Minas Gerais, em que relata:

Conceituaremos este conjunto com base na “delegação de autoridade”, pois, além da transferência de responsabilidade de uma tarefa específica, ela implica, da parte do professor, reconhecimento da competência específica de alguns dos alunos para darem certas explicações aos outros alunos, o que confere ao aluno escolhido o duplo papel de aluno e de professor – e, portanto, uma posição de ascendência sobre seus colegas. [...] No caso da autorização, um aluno tomava a iniciativa de ensinar a outro aluno, sem que essa atitude fosse considerada pela professora como uma atitude indisciplinada ou perturbadora da ordem na classe. (2003, p. 102)

Assim, no caso da turma de 1982, além do esforço da professora que inicialmente falava alemão com os/as alunos/as, havia “delegação de autoridade”, “solidariedade” dos maiores para com os menores.

A maioria das crianças de 1982, contudo, foi para a escola receosa por não saber falar português. Apenas Daniel, Pablo, minha irmã e eu sabíamos um pouco da língua portuguesa. Chama atenção que estes são os quatro alunos que foram

aprovados ao final do ano letivo de 1982, o que leva a crer que o não domínio da língua portuguesa dificultou a inserção na cultura escolar, de um modo geral, e a aquisição da leitura e da escrita, de um modo específico.

Mas essa atitude permitida (no primeiro semestre de 1982) de os alunos novos aprenderem com os que já estavam na escola, não foi uma prática permitida por todos os professores que lecionaram depois da professora Nélvi. Colegas que reprovaram e tiveram que cursar a 1ª série novamente mencionaram nas entrevistas que recebiam punições por falarem o alemão na escola. Como relata um ex-colega:

Português era pouco. Não era bem certo português. Mas a professora dizia que o português tinha que sê. Daí até nos castigo a gente ficava... Porque ela nos deixava de castigo pra aprendê bem o português. Acho que mais nós falava em alemão... [...] até fiquemo, as vez, no castigo, até que aprendemos bem o português. (César Rogério, 30 anos, janeiro de 2005).

Carmen Eliane também relata:

M.R.: Como foi aprender a falar o português na escola?

Sempre um pouquinho, vocês [eu e minha irmã] já sabiam falá um pouco. Vai... Depois, assim, não podia mais falá, ficava de recreio²¹ se não falava português, só alemão. Daí tinha que falá na marra. Daí a gente aprendia. Depois nós ia pra casa, não sei, eu acho que tu também te lembra? No caminho nós gostava de falá também (Carmen Eliane, 30 anos, janeiro de 2005).

Também se percebe, neste caso, o quanto a escola e os professores ignoraram a cultura da comunidade. Falar a língua alemã era uma prática do cotidiano familiar e da comunidade local. Enquanto a escola deveria ter se aproximado dessa prática cultural, ela, ao contrário, negou-a, o que tornou a aquisição da língua portuguesa mais complexa. As crianças deveriam aprender a ler e escrever uma língua praticamente desconhecida. Como relata César Rogério: “*Meu pai e minha mãe falava só alemão, daí era ruim, né!? Porque na*

²¹ Quando a entrevistada usa a expressão “ficava de recreio”, quer dizer que não podia sair para o recreio.

*escola tu chegava ali e a professora não queria que tu falava o alemão
“(César Rogério, 30 anos, janeiro de 2005).*

Cláudio Antenor fala:

Português, isso nós não sabia direito. Sabia umas palavras, mas meio quebradas. Que nem a vó agora [a vó fala somente o alemão]. É que ali os pais também não falavam português por causa da vó, sempre alemão (Cláudio Antenor, 30 anos, janeiro de 2005).

Com estes relatos, podemos ver que o fato dos alunos irem para a escola monolíngües (língua alemã) ou bilíngües (português e alemão) parecem ter influenciado de forma decisiva nos resultados finais de aprovação ou reprovação, uma vez que exatamente os alunos que não sabiam falar a língua alemã foram os que reprovaram, e aqueles que foram para a escola falando português, mesmo que pouco, foram os que aprovaram em 1982, primeiro ano escolar daquele grupo.

Assim, neste tópico, pretendi, como diz Jung (1997): “...através de um olhar de fora, tornar o familiar estranho, [...] a fim de compreender uma realidade de aprendizagem particular, comum a tantas crianças que, por não dominarem o código da escola, não obtêm sucesso na mesma” (p.13). Pode-se agora compreender por que a não valorização da língua materna, pela escola, foi um dos elementos geradores da reprovação de muitos dos alunos, da turma de 1982, e possivelmente de muitas turmas que vieram antes ou depois daquela.

4.2 Como era grande o caminho para a escola para pés tão pequenos

A distância que enfrentavam para ir a pé até a escola é outro motivo alegado pelos entrevistados para o abandono dos bancos escolares, o que é relatado por uma ex-colega, como ocorrido depois de ter mudado para outra localidade. Carmen Eliane afirma que:

... desisti, porque tinha que caminhar muito longe. De manhã, seis horas já tinha que sair, tinha dias que era escuro ainda. Dava uns 5 quilômetros, eu acho. [...] A mãe e o pai queriam que eu continuava só que teimei eu não queria í mais. Tinha medo e também era muito longe (Carmen Eliane, 30 anos, janeiro de 2005).

A saída da escola dos irmãos Evandro Valmir e Sandro Valmir também coincide com a mudança da família para a localidade de Bom Jardim - Nova Candelária, onde a escola mais próxima também era distante da residência, o que dificultaria o acesso à mesma, “porque era muito longe” (Sandro Valmor, 31 anos, julho de 2005).

César Rogério também se refere ao fato de enfrentar grandes distâncias para chegarem à escola:

Porque isso não era fácil. Na primeira série eu tinha... [era] ruim pra í na escola, era longe, era ali de baixo [Cachoeirão] até na Esquina Hettwer, dava 6 km. Naquela época era ruim, porque não tinha nem escolar, hoje em dia não é como esses anos. Esses anos tinha que caminhar tudo de a pé. Hoje em dia não, as crianças embarcam [no escolar] na frente de casa. Esses anos a gente sempre lutava, chovia e a gente tinha que í, né!? Chegava a manhã e tava relampeando, trovejando e a gente tinha que í. Daí era ruim. Hoje em dia não é como esses anos, a gente sofreu pra í na aula (César Rogério, 29 anos, janeiro de 2005).

Estes relatos nos levam a verificar o quanto fatores extra-escolares também interferiram nos fatores intra-escolares (DAMIANI, 2004). Frequentar a escola nas séries iniciais do Ensino Fundamental oferecidas pela escola de Esquina Hettwer implicava percorrer uma distância de até seis quilômetros. O que significa que cursar as séries finais do Ensino Fundamental implicaria em percorrer uma distância ainda maior, percurso esse que, na época, precisava ser realizado a pé ou então de bicicleta, caso tivesse uma. Esse fator, associados a outros, influenciou na interrupção da trajetória escolar dos ex-colegas.

Ao concluir os quatro anos iniciais do Ensino fundamental na Escola Municipal de Esquina Hettwer, meus ex-colegas, para dar continuidade aos estudos

nos anos finais do Ensino Fundamental (na época, Primeiro Grau), teriam que estudar na Escola Estadual Frederico Lens no distrito de Manchinha ou, então, na Escola Estadual Progresso do distrito de Progresso. Pensemos então no relato de César Rogério que, para chegar à escola de Esquina Hettwer, já percorria seis quilômetros, como ele próprio relatou. Então para chegar à escola de Manchinha, seriam oito quilômetros e a mesma distância para voltar para casa, o que para uma criança que ainda ajudava os pais na lavoura (ou para qualquer outra) seria inviável.

É preciso lembrar, ainda, que, aqueles alunos que deram continuidade ao estudo tiveram que fazer muitos esforços e passar por necessidades para concluírem o Ensino Fundamental, ainda na zona rural. Ainda mais, cursar o Ensino Médio implicava em deslocar-se para a cidade, o que nos dias atuais ainda é necessário para quem vive na zona rural desse município. E, para tanto, os pais precisavam dispor de condições para liberar o filho das atividades do dia-a-dia na lida do campo, e, ao mesmo tempo, ter dinheiro para custear o transporte até a cidade, comprar material escolar e livros, ou, então, mantê-lo morando na cidade, o que seria ainda mais dispendioso. Quem sabe, ainda, colocá-los em casa de alguma família, para que pudesse conseguir algum dinheiro para ajudar nos custos do Ensino Médio, mesmo que em escola pública, fosse necessário.

Atualmente, o município de Três de Maio oferece transporte escolar gratuitamente para as crianças se deslocarem para escolas nucleadas para cursarem o Ensino Fundamental e, posteriormente, até a cidade, para cursarem o Ensino Médio.

Cursar uma Universidade era ainda mais complicado. Afinal de contas, como já relatado, todos os pesquisados são filhos de pequenos agricultores, com poucos recursos e rendimento incerto, devido à frustração de safra e à desvalorização dos produtos produzidos no campo. Isso envolveria condições de pagar mensalmente uma Universidade Particular em uma cidade vizinha (Santa Rosa ou Santo Ângelo, mais ou menos de 20 a 30 quilômetros distantes da sede de Três de Maio e mais ou menos 50 a 60 quilômetros distantes de Esquina Hettwer), ou, então, garantir a aprovação numa Universidade Pública em outra cidade ainda mais distante (como Porto Alegre (470 quilômetros), Santa Maria (300 quilômetros), Pelotas (550

quilômetros) ou em outros estados e, assim, conseqüentemente, bancar as despesas de viagem, alojamento e demais necessidades. Nos dias atuais, Três de Maio dispõe de uma universidade particular – SETREM²² - e está em vista de viabilizar cursos através da Universidade Federal de Santa Maria. Assim sendo, cursar o Ensino Superior era um “sonho” ainda mais distante para os alunos da turma de 1982, sendo que, como se viu, somente três chegaram a tal nível de ensino.

A dificuldade de acesso à escola, na década de 80 do século XX, também levou, portanto, à exclusão de muitos, tanto em nível de Ensino Fundamental como, conseqüentemente, em níveis Médio e Superior.

4.3 Os dois lados da moeda: Escola x Trabalho Infantil

Diante da diversidade de situações de fracasso escolar, observe-se que morar na zona rural e começar a trabalhar precocemente categorizam-se, também, como fatores de risco para a retenção escolar e, como conseqüência, para o abandono escolar. Pais agricultores parecem conviver com uma realidade ambígua: a de mandarem seus filhos para a escola e a de “usá-los” como mão-de-obra em suas atividades na agricultura, desde muito cedo.

A respeito do fato de usar a mão-de-obra infantil na agricultura, Molina (1983) afirma:

Mais uma constatação que nos leva a ver os problemas da escola como reflexo de um contexto social mais amplo, cujas causas se situam fora dela. A estrutura sócio-econômica, que leva a usar mão-de-obra infantil na produção agrícola, antes que complete sua escolaridade, é também um fenômeno mundial ainda hoje. Evidentemente que se agrava nas sociedades menos desenvolvidas, que se apresentam com uma agricultura mais tradicional, menos mecanizada, relações de trabalho de caráter familiar, permitindo e às vezes exigindo o trabalho do menor [...] (p.33).

²² Sociedade Tresmaiese de Ensino.

Filho e Shirota (1983), ao abordarem a relação entre “atraso escolar e o fato de o aluno só estudar ou, então, estudar e trabalhar”, afirmam:

[...] há uma superioridade entre os alunos que só estudam, em termos de não terem perdido nenhum ano na sua escolarização. Vê-se que os índices de atraso mais elevados estão ligados aos jovens que trabalham além de estudar, e que foram reprovados muitas vezes (p. 87,88).

Neves e Shirota (1983) também se referem à relação entre trabalho infantil e agricultura, dizendo:

As relações de trabalho predominantes hoje, no meio rural, [...] têm levado os pais a dirigirem seus filhos para o trabalho prematuramente, a fim de aumentar a renda familiar. [...] Essa participação prematura de criança no trabalho e sua permanência mais ou menos prolongada nas operações agrícolas acabam levando-a à repetência e, em muitos casos, à evasão escolar (p. 68 e 70)

Assim, posso afirmar que a necessidade de mão-de-obra para ajudar os pais na lavoura ou na lida do dia-a-dia caracteriza-se como outro aspecto destacado pelos ex-colegas como razão de abandono da escola: *“chegava em casa [da aula] e já tinha que corre atrás do serviço, não podia nem descansar nada. Tinha que ir logo direto.” (Carmen Eliane, 30 anos, janeiro de 2005).*

Também há pais que culpam os filhos pelo fracasso, afirmando que *ele não deu para o estudo*. Como afirma Rodrigues (2004):

O espaço rural, ainda é visto por muitos como espaço marginal, o espaço do pouco, sobre impregnações de falas que não são nossas, não nascem em nossas bocas. São falas históricas. Por isso estão impregnadas de poder e resistência. [...] Frases como essas ainda se fazem ouvir, ressoando ao longo do tempo: ‘Para capinar não precisa de escola.’ ‘Aqui para a roça, saber ler um pouco e fazer as contas já está bom demais.’ ‘Estudar é para os filhos do patrão.’ ‘Os meninos aqui da roça que estudam um pouquinho mais, não querem mais saber de pegar no pesado.’ ‘Gente da roça não carece de estudo’ (p.28 e 29).

Essa idéia de “ou estuda ou então vai trabalhar” também aparece na fala de Pablo André quando menciona a necessidade de trabalhar em casa, tanto que, para isso, teve que optar entre o estudo e o trabalho. Como vinha apresentando um

histórico escolar de repetência, os pais optaram por tirá-lo da escola e direcioná-lo ao trabalho:

Eu me lembro muito pouco, [...] muito pouca coisa da escola, o mais era trabalha bastante em casa. Eu parei de estudá porque o pai e a mãe não viam vantagem, que eu não ia passá na escola. Precisavam prá trabalhá em casa” (Pablo André, 30 anos, janeiro)

Os anos iniciais do Ensino Fundamental, geralmente freqüentados durante a infância, dão ao aluno a possibilidade de freqüentar a escola e auxiliar em casa de maneira mais amena, mas, na medida em que vão crescendo, acabam representando mão-de-obra em potencial para a agricultura e os pais ficam divididos entre deixar os filhos continuarem os estudos, o que implica em investimento para se deslocarem até a cidade e de liberar os filhos da atividade na agricultura, ou então exigir que parem de estudar para auxiliarem na lavoura. Ou ainda, alguns filhos iam residir com outra família, como foi o caso de Evandro Valmir, que foi trabalhar na casa de uma família (Alceu Altmann) na localidade de Quineira, quando tinha 13 anos. Mesmo trabalhando, naquele ano (1988), concluiu a 3ª série e, no ano seguinte (1989), iniciou a 4ª série,

Eu fui até a 4ª série. Lá em Esquina Hettwer fui até a segunda série ou 3ª, quando eu parei lá. Daí eu fui lá no Alttmann, no Alceu, no falecido. Fui lá em Quineira e ali eu fiz a 3ª série [...] e a 4ª lá (Evandro Valmir, 30 anos, julho de 2005).

Mas, no ano em que cursava a 4ª série (1989), seus pais mudaram-se da localidade de Esquina Hettwer do Município de Três de Maio para a localidade de Bom Jardim, pertencente ao município de Nova Candelária. Passando novamente a morar com os pais, na nova localidade, deixou de estudar, não concluindo a 4ª série.

A respeito desse fato Evandro Valmir relata:

E depois lá o pai e eles foram de mudança prá Bom Jardim, aqui. Eles pediram prá eu ir junto e aqui eles não me deixaram mais e daí eu parei. Eu não estudei mais. Eles não me deixaram mais í, daí eu parei. [...] A 3ª tava pronta. Quando, aí, fui pra 4ª, na 4ª... Não sei que... Que mês que foi

quando o pai vieram pra cá [pergunta para esposa]? Acho que era em junho ou julho [1989]. Daí eu vim pra cá, daí eu parei (Evandro Valmir, 30 anos, julho de 2005)

Essa dificuldade de deixar os filhos continuarem os estudos, o que implica mais adiante em enviá-los para estudar na cidade, não apenas pela locomoção, mas também pelo fato de auxiliarem os pais, é lembrado, também, por De Vargas (2003): “para as famílias, é difícil enviar uma criança para estudar na cidade quando não há escola em sua localidade, uma vez que não podem prescindir de seu trabalho na casa ou nas plantações”[...] (p.101).

De Vargas (2003) aborda, ainda, a complexidade de a família optar entre conciliar trabalho e escola ou, então, em escolher uma das possibilidades: escola ou trabalho.

[...] tanto o início dos estudos quanto a sua continuidade esbarravam na possibilidade ou não da família liberar a criança das atividades de trabalho na casa ou no campo. O problema se tornava quase inconciliável quando era necessária a mudança da criança para a cidade, com o objetivo de completar os estudos, e as famílias ainda precisarem contar com a sua colaboração. (DE VARGAS, 2003, p. 102).

A decisão dos pais de os filhos pararem de estudar é reforçada quando os filhos apresentam uma trajetória escolar de repetência, desprovida de sucesso. Essa situação pode ser evidenciada na situação de Evandro Valmir que, após estar pelo sétimo ano na escola e estar cursando a 4ª série, abandonou-a. Seu irmão, Sandro Valmor, também abandonou a escola no sétimo ano, quando cursava a 3ª série, para auxiliar os pais na lavoura. Sem ver um futuro promissor para os filhos na escola e, necessitando de sua força de trabalho, especialmente no caso dos filhos homens, os pais decidem por tirá-los da escola e mantê-los apenas no trabalho.

Pablo André também menciona que o seu insucesso na escola teve como consequência o abandono dos bancos escolares para auxiliar na atividade dos pais: “A mãe trabalhava na lavoura e o pai era pedreiro. Daí o pai avisou pra mim: ‘Se tu não passar da 5ª série pra 6ª...’ Aí eu ia ajudar ele de pedreiro.” (Pablo André, 30 anos, janeiro de 2005).

Sandro Volmir menciona o fato de apresentar dificuldades na escola como sendo um dos motivos para o abandono. Ele comenta: “Eu lembro que parei de estudar porque eu tinha dificuldade no estudo. (Sandro Volmir, 31 anos, janeiro de 2005)”.

Assim sendo, as questões que ficam são as seguintes: não é possível uma escola voltada especificamente aos interesses e necessidades dos moradores das zonas rurais? Não há como organizar as escolas rurais de maneira que os alunos maiores possam conciliar trabalho familiar e escola? Não é possível construir projetos sócio-pedagógicos em que trabalho familiar e escola não sejam excludentes? É utopia pensar em uma escola de qualidade para filhos de trabalhadores rurais? É possível a implantação de projetos sociais de inclusão dos filhos dos trabalhadores rurais no universo escolar para que tenham “alta escolarização”? São possíveis projetos que conciliem escola para trabalhadores rurais – Fundamental, Médio e Superior – com a sua permanência no campo? Nesta perspectiva, a seguir, procuro problematizar a questão do currículo escolar.

4.4 Onde está o currículo para escola rural?

As crianças chegam à escola com a expectativa de que ali encontrarão as condições para uma “vida melhor”. A maioria logo percebe que a escola pouco se preocupa com a sua realidade, passando a ser o lugar onde se ensina “de tudo”, mas nada tem a ver com a vida do meio rural, ou seja, aquilo que a escola oferece, muitas vezes, não é proveitoso para a realidade da vida no campo. Assim, perdem a motivação e acabam acreditando que são incapazes de aprender, ou que a escola não é um mundo para eles.

Quando falamos em currículo para a escola rural, precisamos também lembrar que esta, historicamente, caracteriza-se pela pobreza de recursos materiais (livros e outros materiais pedagógicos) e de espaço (geralmente caracterizada pelas turmas multisseriadas). Há, ainda, a escassez de recursos humanos e o despreparo

de muitos docentes que exercem docência leiga²³ ou com uma “formação urbanizada”, que não eram/são preparados para atender à necessidade de promover uma educação que se volte aos interesses no meio rural. Esses fatores que afetaram e afetam, ainda, a escola rural.

Essa idéia é defendida por Lacki (2006):

Para a maioria das famílias rurais a passagem pela escola básica rural [...] é a única oportunidade em suas vidas de adquirir as competências que lhes permitiriam eliminar as principais causas internas do subdesenvolvimento rural. Infelizmente, essas escolas não estão cumprindo com esta importantíssima função emancipadora de dependências e de vulnerabilidades; porque os seus conteúdos e métodos são disfuncionais e inadequados às necessidades produtivas e familiares do meio rural. Nas referidas escolas se entedia as crianças exigindo-lhes que memorizem temas de escassa e duvidosa relevância; e não se lhes ensina de maneira criativa, participativa e prática aquilo que realmente necessitam aprender para tornarem-se mais autoconfiantes, mais empreendedores, mais auto-gestores e mais auto-dependentes. Das referidas escolas continuam egressando gerações de futuros agricultores, agricultoras, pais e mães de família, com baixíssima auto-estima, sem os conhecimentos, sem as atitudes e sem os valores que necessitam para serem agricultores mais eficientes, melhores educadores dos seus filhos e solidários protagonistas das suas comunidades (p. 3).

Assim, os filhos dos agricultores freqüentam uma escola despreocupada em prepará-los para se tornarem agricultores que acreditem no valor de seu trabalho, que busquem alternativas e inovações para melhorar as suas condições sociais e que valorizem o que fazem. Também nesse sentido Lacki (2006) argumenta:

As escolas rurais deveriam formar cidadãos dotados de mais autoconfiança pessoal e auto-suficiência técnica, de modo que possam ser eficientes corretores das suas ineficiências e ativos solucionadores dos seus próprios problemas. Adicionalmente essas escolas deveriam outorgar-lhes uma formação valórica que lhes inculque melhores hábitos (amor ao trabalho bem executado, iniciativa e disciplina, perseverança e desejo de superação, cooperação e solidariedade, honradez e cumprimento dos seus deveres e responsabilidades, espírito de prevenção e previdência, etc). A educação básica rural deveria ter um caráter mais instrumental no sentido de proporcionar às crianças conteúdos úteis que elas possam aplicar na correção das suas próprias ineficiências e na solução dos problemas que ocorrem nos seus lares, propriedades e comunidades. (p.3)

²³ Professores que atuam ou atuavam nas escolas sem formação específica para o magistério.

Kolling e Fernandes (2004) destacam a importância de colocar a educação do campo em debate e de que se dê a participação efetiva da comunidade do campo na implantação de políticas públicas que voltem seu olhar para a realidade do campo. Complementam ainda mais essa idéia:

Para avançarmos na implementação da educação do campo, o campo deve ser compreendido na sua complexidade, seus conflitos e suas contradições não podem ser vistas por um sentimento de ordem a partir de um único modelo de desenvolvimento. Dessa maneira, é necessário mudar a visão predominante existente, de que o campo é o lugar do “atraso” e a cidade é lugar do “progresso” (2004, página eletrônica).

Afirmam, ainda, Kolling e Fernandes (2004), no que diz respeito à implantação de políticas que se voltem ao campo, o seguinte:

Para acontecer, efetivamente, a implementação de políticas públicas da educação do campo, deve-se reconhecer os diferentes sujeitos que trabalham e vivem do e no campo. Reconhecer que os sujeitos existem que possuem uma história, que estão reorganizando o campo brasileiro sob novas bases e estilos de vida e, por isso, também são produtores de conhecimentos. [...] É necessário também exigir um tratamento público do direito à educação, porque, os próprios sujeitos se reconhecem como sujeitos de direitos. É essa consciência social dos direitos que o fazem avançar em direção à consciência do público. Mas para avançar na implementação das políticas públicas, devemos somar forças – movimentos sociais e governos – e pensar políticas públicas que criem condições que possibilitem o enraizamento das pessoas no campo em defesa de sua continuidade humana como coletivos sociais (2004, página eletrônica: www.nead.oqr.br).

Na escola rural, podemos ver que, via de regra, não há uma preocupação com a peculiaridade desse meio. Aplicam-se às escolas rurais os mesmos currículos da zona urbana, quando esta, como em todos os outros contextos, deveria ter valorizados as suas particularidades, seu meio social, sua cultura e forma de trabalho.

Ainda em se tratando de currículo para a escola rural, Ghiggi (2005) também aponta para o fato de ser negada a cultura rural e de se fazer dela uma escola urbanizada. Ele assim afirma:

Usando expressão comum entre teóricos críticos do currículo, negados os códigos próprios e da gramática produzida no meio rural, nega-se curricularmente o saber de que são portadoras as pessoas dessa cultura, obrigadas a frequentar a escola não pouco ainda com cara urbana, estratégia geradora de submissões e obediências diversas, particularmente desde a produção simbólica da superioridade urbana (p. 276).

Sergio Leite (1999) também aponta para a ausência de uma preocupação efetiva com a escola do campo e o uso de um currículo inadequado para esta realidade, bem como a falta de políticas que venham ao encontro dos interesses da comunidade rural. Assim escreve:

A contraposição a essa escola lastreada na práxis do saber social dos rurícolas é que sustenta e alimenta dicotomias explícitas entre escolarização das populações campestinas e conjuntura rural. A partir dessa dicotomia encontra-se as bases para um processo de negação da cidadania do homem do campo, mediatizado por uma escolarização concebida não como valor social, mas como instrumento ideológico, por parte dos grupos aos quais interessa a exclusão sócio-política dos agrupamentos rurais. Compreende-se, então, dentro do processo escolar rural, os motivos geradores que permitem a permanência de professores leigos e de salas multisseriadas dentro do sistema, o ensino desconectado da práxis campestina, o processo de urbanização e o desinteresse dos administradores públicos em elaborar e implantar uma política educacional para o homem do campo, a partir dele mesmo. (p. 88).

Para Leite (1999), a educação rural deveria voltar-se para a capacitação dos alunos, valorizando suas experiências sócio-culturais, para que se diminuíssem os “antagonismos” entre “saber/prática/realidade” e se primasse por uma política educacional que volte seu currículo, programas e conteúdos a esta realidade cultural da vida rural.

A não existência de uma escola que se volte aos interesses das necessidades rurais transparece na história de vida do ex-colega Cláudio, que começa o seu relato com sua experiência mais recente: um curso de formação técnica voltada às atividades do campo, oferecido por uma parceria entre Cotrimaio (Cooperativa Agropecuária Alto Uruguai Ltda)²⁴, Emater (Associação Riograndense

²⁴ Surgiu em Três de Maio no dia 02 de fevereiro de 1968, através da união de 25 agricultores. Iniciou suas atividades em 1º de fevereiro de 1969, com o apoio das instituições e autoridades locais, numa estratégia de desenvolvimento da Cooperativa, seus associados e familiares nas questões técnicas, econômicas, culturais e administrativas inseridas no contexto regional, objetivando ser precursora do desenvolvimento do homem do campo. A Cotrimaio pertence a mais de 12.000 (doze

de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural) e prefeitura, o qual não estava vinculado à escola regular de ensino:

“Pra mim a melhor escola²⁵ que eu tinha foi no 10²⁶. Ali nós aprendemo de tudo, foi na prática. Sabe! Como o rumo que eu estou, na colônia, era melhor no 10. Claro tinha a outra também [a escola regular, de Ensino Fundamental, que freqüentou quando criança]. Que o cara não aprendeu nada, isso não, mas o que valeu mais foi no 10. Que tinha o técnico junto, explicava tudo e mostrava, Isso era o melhor rumo que eu tinha até agora, pra aprendê. Só que pro cara fazê tudo na técnica tem que tê dinheiro, sem dinheiro não faz. Lá foi tudo, não só ... Foi uma aula e tudo, o cara escreveu, fez de tudo, mas a prática foi o que o cara tinha que fazê na colônia²⁷. Planta e tudo. Isso era bom aquela vez!” (Cláudio Antenor, 30 anos, janeiro de 2005)

Nesta fala de Cláudio vemos que, como filho de agricultores, teve, para ele, relevância esse curso de formação técnica, pois, voltava-se especificamente para a atividade que vinha exercendo: a agricultura. Foi uma “escola” que voltou sua prática para a realidade rural.

4.5 Repensando a trajetória escolar: “Ah! Se pudesse voltar atrás!”

Muitas vezes, olhar para o passado faz com que as pessoas tenham a “ilusão” de que, se pudessem viver tudo novamente, fariam diferente. “Há se eu pudesse voltar atrás!” Este pensamento também se manifestou em muitos de meus ex-colegas. Ao repensarem e falarem sobre a sua história de vida, muitos revelaram arrependimento por não terem dado continuidade aos estudos: “Mas hoje a gente tá arrependido de não tê ido na aula, logo eu tava. Logo deu pena.” (Carmen Eliane, 30 anos, janeiro de 2005). Evandro Valmir também comenta

mil) associados, sendo que 96% deles possuem menos de 50 hectares de terra. O conjunto armazenador tem a capacidade estática para aproximadamente 5.900.000 sacos de grãos.”

²⁵ Curso de formação técnica sobre agricultura, piscicultura e fruticultura.

²⁶ Quilômetro Dez é a localidade onde foi ministrado o curso de técnicas voltadas para a agricultura, ministrado para filhos de agricultores da região.

²⁷ “Colônia”, termo usado na região de Três de Maio para se referir à atividade da lavoura.

com certa nostalgia: “Eu queria í aqui²⁸, mas o pai... Eles não me deixaram mais í. Que podia fazê, tinha que pará. Fui prá roça, prá lavoura. Se tinha estudado... Com estudo podia tá bem, quem sabe...” (Evandro Valmir, 30 anos, julho de 2005).

Também se revelaram sonhos escondidos, como a vontade de não ser agricultor, mas de ter seguido outro caminho, como menciona Sandro Volmir: “Eu não queria mais tá na colônia. Hoje gostaria sê músico, tenho interesse nisso. *Desde criança sempre tinha interesse.*” (Sandro Volmir, 31 anos, janeiro de 2005).

Afirmam, ainda, que o estudo lhes faz falta até para coisas simples do dia-a-dia, como para ler e entender o manual de um maquinário ou equipamento usado na agricultura, ou ainda para faturar a soja no depósito (a soja fica no depósito e o agricultor pode vender a quantidade que quiser em qualquer época do ano, conforme o preço do dia); sentem-se analfabetos diante da informatização, dizendo que podem ser facilmente “logrados”, pois, principalmente, o computador para eles é um “monstro” desconhecido.

Como afirma Sandro Volmir:

Parei de estudá porque quis. Só que hoje me faz falta o estudo. É ruim! Porque hoje em dia é mais moderno, tudo. Que nem aquela vez não tinha computador, hoje tem... No comércio aquela vez era tudo com o lápis... Hoje não tem nada mais de lápis, hoje é tudo com computador. Daí a gente sente falta disso, porque tu nem sabe como mexê no computador, porque a gente não tem estudo. E tudo é assim. (Sandro Volmir, 30 anos, janeiro de 2005).

César Rogério comenta assim:

...E eu me arrependi que não fui mais. Eu fui até a 4ª série, daí eu parei, porque prá mim era ruim, daí tinha que í prá

²⁸ Quando fala “aqui”, está se referindo à localidade de Bom Jardim para onde se mudou com seus pais.

Manchinha, daí era ruim pra eu í. [...] A escola hoje faiz falta um pouco pra gente, podia tá de repente trabalhando em outro lugar, não precisava tá na roça... Tô na roça, não é fácil, mas tô lutando (César Rogério, 29 anos, janeiro de 2005).

Pablo André também faz muitos comentários sobre o fato de ter parado de estudar:

... daí eu não consegui passá e fui trabalhá pro pai, mas hoje faz falta... Hoje ainda não faz, não faz bem falta, mas daqui a dois anos vai fazê falta pra mim. Já tá fazendo um pouco de falta, mas hoje em dia prá gente pega essas máquina da agricultura, essas máquinas são com computador. Eu pego porque o capataz da fazenda me ensina um pouco lá. 'É isso ali que tu tem que fazê'. E eu vou... Os cara me dão curso. Se não, se eu é prá lê um folheto ali, eu não vou conseguí distinguí o que é prá fazê naquela máquina. Daí tá faltando, já me faz falta o estudo. Mas pelo que os outros falam e que se vê na televisão, vai fazê falta. Eu não sei se não vou fazê um supletivo, ainda... [...] Até hoje to aqui, mas prefiro fazê supletivo ainda. Até falei para a Carmen [esposa] esses dias, que ia fazê o supletivo, uma hora. Daí faz dois curso [séries] num ano só. Pra mim eu acho que é vantagem e é bem pertinho, não dá quinze quilômetros lá da sede [da fazenda onde trabalha] até o colégio. Daí vai na camioneta prá fazê o supletivo. Por que o doutor [médico dono da fazenda onde trabalha] incentiva pra fazê o supletivo, Ele qué estudo! Né!?" (Pablo André, 30 anos, janeiro de 2005).

Pablo, em outro momento, fala de sua dependência da esposa para ajudá-lo a definir o gasto de seu salário para que possa ter uma administração coerente que dê para pagar as contas, fazer novos investimentos e para que reste algum saldo no final do mês. Faz questão de mencionar que confia esta tarefa para a esposa porque, como diz: "[...] a Carmen é formada... Ela é formada em um Curso Técnico, Contabilidade, uma coisa assim..." (Pablo André, 2005), complementa sua idéia dizendo:

"Porque tem muitas matéria que eu peço prá Carmen me ajudá alguma coisa. Quando o assunto é dinheiro eu peço prá Carmem me da uma mão prá fazê as conta. Aí ela faz as

conta prá mim sabê quanto eu posso gasta e quanto vai me sobrá” (Pablo André, 30 anos, janeiro de 2005).

É preciso relembrar que Pablo André estudou até a 5ª série, tendo-a cursado por três anos, mas não foi aprovado. Diante do arrependimento de não terem dado continuidade aos estudos, percebo que estes ex-colegas carregam uma visão sobre o espaço escolar como sendo uma oportunidade, ou “esperança de vida melhor”. Ghiggi (2005) escreve sobre o depoimento de uma professora-aluna do curso de Pedagogia, vinda da zona rural, que faz menção a alunos do Ensino Fundamental “que haviam ‘parado de estudar por necessidade e hoje voltam para a escola [no turno vespertino] para melhorar a vida” (p. 281), concluir a oitava série. Como afirma:

[...] embora a escola continue sendo, no imaginário e na representação comum na cultura rural, instância a partir da qual a esperança põe-se em movimento; movimento que coloca as pessoas ante o mundo urbano, que não obstante a desmistificação que sofre, continua representado como lugar e tempo que possibilitam *prazeres e vida boa* (GHIGGI, 2005, p. 281).

Verificando a realidade familiar dessa turma de 1982, percebe-se que seis dos dez alunos são os filhos mais velhos nas famílias. No caso: Carmen Eliane, Carmen Paula, Cláudio Antenor, Daniel Cristiano, Pablo André e Sandro Valmor. Três encontram-se na posição de segundo filho, sendo eles: Evandro Valmir (irmão de Sandro Valmor), Sandro Volmir e eu (irmã de Carmen Paula). Apenas César Rogério era filho único.

Preocupei-me, também, na pesquisa, em conhecer a escolaridade dos irmãos de meus ex-colegas. No quadro abaixo, podemos verificar, de maneira mais esquematizada a posição de cada ex-colega na família, o número de irmãos e a escolarização de modo geral de cada ex-colega e de seus irmãos:

Quadro 9: Posição familiar dos filhos e escolarização

Aluno	Posição na família	Nº de irmãos/irmãs	Escolarização
Carmen Eliane	Filha mais velha	Três irmãos e duas irmãs	Concluiu a 5ª série do Ensino Fundamental. O segundo filho, também, não seguiu os estudos. Os quatro irmãos mais novos continuam os estudos, dois (um rapaz e uma moça) concluíram o Ensino Médio, um está no 1º ano do Ensino Médio e a caçula nesse ano irá cursar a 7ª série do Ensino Fundamental.
Carmen Paula	Filha mais velha	Duas irmãs (uma sou eu) e um irmão.	Todos estudaram. Os três filhos mais velhos da família têm Ensino Superior e a caçula está cursando Pedagogia.
César Rogério	Filho único		Concluiu a 4ª série do Ensino Fundamental.
Cláudio Antenor	Filho mais velho	Três irmãs mais novas.	Concluiu a 4ª série do Ensino Fundamental. A segunda também não estudou. As duas irmãs mais novas concluíram o Ensino Médio.
Daniel Cristiano	Filho mais velho	Uma irmã.	Ambos estudaram e têm Ensino Superior.
Evandro Valmir	Segundo filho	Um irmão (Sandro Valmir).	Concluiu a 3ª série e o irmão mais velho a 2ª série do Ensino Fundamental.
Magda Raquel	Segunda Filha	Duas irmãs (uma é Carmen Paula) e um irmão.	Todos estudaram. Os três, filhos mais velhos da família têm Ensino Superior e a caçula está cursando Pedagogia.
Pablo André	Filho mais velho	Dois irmãos.	Concluiu a 4ª série, um irmão concluiu o Ensino Médio e o outro está cursando o 1º ano do Ensino Médio.
Sandro Valmor	Filho mais velho	Um irmão (Evandro Valmir).	Concluiu a 2ª série e o irmão mais novo, a 3ª série do Ensino Fundamental.
Sandro Valmir	Segundo filho	Um irmão.	Concluiu a 4ª série e o irmão mais velho também não concluiu o Ensino Fundamental.

Nos dados desse quadro, podemos observar que César Rogério, filho único, não seguiu os estudos. As famílias, em dois casos (Sandro Valmir e os irmãos Sandro Valmor e Evandro Valmir), também possuem baixa escolarização. Na família de Daniel Cristiano, ele e a irmã deram continuidade aos estudos, concluindo o Ensino Superior, assim como no caso da minha família, eu e dois irmãos concluímos o Ensino Superior, e a irmã caçula está cursando Pedagogia.

Dos outros, que não deram continuidade aos estudos, os irmãos mais novos estão estudando atualmente, como já foi dito, com vistas a uma “vida melhor”. Nessas famílias, mais numerosas, geralmente o primeiro filho ou os dois mais velhos não deram continuidade aos estudos.

Na família de Carmen Eliane, ficaram ela, a primogênita, e o segundo filho sem estudo. Já os quatro mais novos (dois irmãos e duas irmãs) continuaram estudando, sendo dois concluíram o Ensino Médio, um está no 1º ano do Ensino Médio e outra cursa a 7ª série do Ensino Fundamental; na família de Cláudio Antenor, ele e a segunda filha tiveram pouca escolarização. No entanto, as duas irmãs mais novas seguiram adiante, concluindo o Ensino Médio; e na família de Pablo André, ele, o primogênito, teve pouca escolaridade, mas os dois irmãos mais novos chegaram ao Ensino Médio, sendo que um já concluiu e o outro está no 1º ano. Assim, vemos que os irmãos mais novos desses três ex-colegas cursaram ou estão cursando o Ensino Médio ou, ainda, em fase de conclusão do Ensino Fundamental, o que pode indicar já uma diferença em relação à escolarização nessa “geração mais nova”.

Em se referindo à continuidade dos estudos dos irmãos mais novos, alguns relatam que estes estão tendo oportunidade de estudar e que eles (os irmãos mais velhos) estão incentivando a continuidade nos estudos. As irmãs mais novas do Cláudio Antenor também continuam estudando. Embora ele não tenha se referido ao fato no momento da entrevista, elas mesmas, nas conversas da primeira visita referiram-se a esse fato. Outros fizeram menção ao fato.

Pablo André afirma:

“O Radames foi até o segundo [Ensino Médio] e o Manoel rodou no primeiro [Ensino Médio]. Os outros é bom que estudem, eles tem chance agora. Eu naquela época não tinha. Que o pai tinha comprado terra em Santa Lúcia²⁹... [...] Daí prá não passa fome, depois que eu rodei, parti junto... Acho que eu tinha de dezesseis pra dezessete anos quando eu fiz a última série [5ª]. Que eu rodei na Manchinha, dois anos e lá

²⁹ Localidade próxima de Esquina Hettwer, pertencente ao distrito de Progresso.

em baixo [Escola de Progresso] rodei mais um ano. São três vezes.” (Pablo André, 30 anos, janeiro de 2005).

Carmen Eliane também comenta sobre o incentivo que dá aos irmãos para estudarem:

“Incentivei sim. O Cláudio tinha parado, ainda eu falei com ele e tudo, daí ele começo de novo e agora ele passo e já tá no terceiro ano [Ensino Médio]. A Kareem também tá estudando bem, não rodô nenhuma vez, essa não quê para também. A Jaque também estuda bem, tá lá em Progresso. Eu disse prá elas não para.” (Carmen Eliane, 30 anos, janeiro de 2005).

Através das entrevistas, é possível perceber que nas famílias, na maioria dos casos, os filhos mais novos acabam dando continuidade aos estudos, o que é viabilizado também por aspectos extra-escolares: disponibilidade de transporte (hoje gratuito), tanto para o Ensino Fundamental como para o Ensino Médio; o acesso a diversos meios de comunicação, diminuindo a distância e as diferenças entre o mundo da escola, da comunidade rural e da cidade; modernização da agricultura, o que diminui a necessidade intensiva da mão-de-obra braçal. Além disso, há, ainda, o sonho próximo de ter acesso à universidade, o que garantirá, em suas perspectivas, preparo para competir no mercado de trabalho.

Ainda assim, pelo fato de os irmãos mais novos estarem dando continuidade aos estudos, percebe-se que mudanças estão acontecendo. Há a idéia de que estes poderão ter uma vida e trabalho melhores. Como diz Rodrigues (2004), são mudanças que podem até não ser logo percebidas, mas que, aos poucos, quebram o olhar preconceituoso sobre o meio rural como um lugar inferior.

A educação do campo vem sofrendo transformações, ainda que os nossos olhos, acostumados ideologicamente a ver a lentidão dos processos de mudanças locais, reduzam o campo ao lugar de atraso, do comum, do repetitivo, do sem novidade e por isso sem esperança (RODRIGUES, 2004, p. 23).

O abandono da escola, para os ex-colegas da turma de 1982, resultou na limitação das suas possibilidades de desenvolvimento cognitivo e social, também em uma não qualificação profissional, uma vez que a escola rural não prepara para a

atividade do campo. Assim, ficaram limitadas suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho cada vez mais especializado e complexo, pois não foram preparados para “ser mais” e, por exemplo, desvincular sua atividade agrícola dos interesses do poder. Mesmo que a cultura da soja³⁰ não tenha grande retorno financeiro, devido ao preço desvalorizado e à seguida frustração de safra, eles têm medo de buscar novas culturas agrícolas, que poderiam ter mais mercado e serem mais valorizadas. E, assim, vão vivendo a vida, como diz Rodrigues (2004):

Na busca desse ser mais, mulheres e homens comuns vêm escrevendo essas histórias com suor de seus rostos, de seus corpos, de suas almas, na dura lida da vida, no cabo da enxada, com suas mãos calejadas, lendo o ciclo natural da vida, esperando a chuva que faz brotar, na certeza da colheita farta, correndo todos os riscos possíveis frente aos fenômenos naturais, culturais, econômicos e políticos que não estão previstos (p. 28).

Rodrigues (2004) traduz este ‘ser mais’ de Freire como:

[...] as classes populares, em busca de tesouros da vida, movem-se na esperança enquanto lutam e, se lutam com esperança, esperam. Porém, essa esperança é um tempo do que fazer, um tempo inquieto e andante, marcando seu próprio ritmo. Um ritmo peculiar que não se apresenta estático, passivo, e muito tranquilo, frente a tudo aquilo que nos impede de exercermos nossa única vocação, ou seja, a de ser sempre mais (p. 32).

E, neste sentido, a escola não colaborou para fazer com que os alunos da turma de 1982 fossem em busca do ‘ser mais’.

³⁰ Monocultura predominante na região das famílias dos sujeitos de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo rural, pela escola, nos ensina tanto a cultivar o *bom silêncio* como a denunciar os absurdos silêncios impostos pelas autoridades lá constituídas como pela cultura urbana. (GHIGGI, 2005, p. 282).

Neste estudo, tive como objetivo essencial dedicar-me a olhar sobre a realidade da escola rural, enfim, me apossar de certa “sensibilidade rural” (GHIGGI, 2005), para evidenciar quais foram os elementos desencadeadores da pouca escolarização da grande maioria dos alunos da primeira série do Ensino Fundamental do ano de 1982 da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, meus colegas de 1ª série.

Inicialmente, é preciso destacar a produtividade de associar as Histórias de Vida (escolar) aos dados encontrados nos documentos escritos, disponibilizados para a pesquisa. Ambos enriqueceram o trabalho de construção da pesquisa. Os documentos, apenas, não teriam levado à resposta das minhas indagações. Somente teriam apresentado os tristes dados do alarmante fracasso e da retenção escolar. Foi preciso ir além. As “vozes esquecidas do meio rural” trouxeram para mim a evidência dos motivos que fizeram fracassar na escola a grande maioria dos ex-colegas. Apontaram-me a complexidade do fenômeno em que estão articuladas questões extra e intra-escolares.

Assim, os fatores extra-escolares: língua alemã, distância, trabalho precoce são apontados pelos próprios ex-colegas como fatores do insucesso escolar. Também fatores intra-escolares, como a ausência de um currículo voltado para a escola rural, professores não qualificados, escassez de material e falta de estrutura física têm influência direta no fracasso escolar. Aqueles alunos que viam na escola a possibilidade de uma vida melhor, o que justificava sua freqüência aos bancos escolares, na medida em que aparecem os fracassos atrás de seus históricos de reprovação, vêm se esvaindo, suas ilusões fazendo com que acabem no trabalho da agricultura familiar. Como tiveram sua escolarização interrompida, apesar das dificuldades e frustrações que a vida campesina apresenta, não vêem outra possibilidade a não ser permanecer no trabalho agrícola.

Também a dificuldade de acesso e de continuidade dos estudos após a 4ª série do Ensino Fundamental, e a necessidade imediata e precoce do trabalho na agricultura trouxeram como consequência imediata a retenção escolar e, posteriormente a exclusão, pois os filhos de agricultores não veem na escola relevância e possibilidades. Essa forma particular de exclusão, por muitos é ingenuamente explicada por uma “seleção natural” dos alunos que “dão e que não dão para o estudo”.

Essa lógica perversa vivenciada pelos filhos do campo os torna vítimas de sua própria esperança. Essa é, infelizmente, uma realidade que se constatou nesta pesquisa em que reconstituí a trajetória escolar de meus colegas de 1ª série, da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer, de 1982, na qual, de dez alunos que ingressaram na 1ª série do Ensino Fundamental, apenas três concluíram o Ensino Superior e os demais tiveram uma escolarização inferior ao Ensino Fundamental completo, ou seja, uma concluiu a 5ª série, quatro a 4ª série, um a 3ª série e um a 2ª série.

Observei que, diferente do que pensava ao iniciar a pesquisa, de que meus ex-colegas teriam sido retirados ainda pequenos da escola, efetivou-se um processo de retenção escolar, ou seja, apesar da pouca escolarização, a maioria permaneceu por vários anos na escola.

Pude verificar, também, que a escola pouco tinha a ver com o cotidiano dos seus alunos. Ao que tudo indica, não respeitou a necessidade de uma escola que voltasse seu olhar para a realidade do campo. Despreocupou-se em cultivar e respeitar a língua alemã trazida por estes alunos para a escola. Por muitos anos, produziu a retenção escolar e não se incomodou com isso, deduzindo que esses filhos de colonos existiam para dar continuidade à lida do campo. “Afinal, para que estudar para permanecer ali, no cabo da enxada?” Bastaria apenas aprender o básico: aprender a fazer conta, ler e escrever. Trata-se de uma cultura rural silenciada pela escola, que traz para o meio rural a cultura urbana, desconsiderando a especificidade e a identidade do meio. Vejo que eu e meus ex-colegas não recebemos da escola o que nos era de direito como filhos de trabalhadores rurais, ou seja, “uma escola inteira e de qualidade” (GHIGGI, 2005). Assim sendo, apenas alguns “sobreviveram” nessa trajetória. Fomos três somente a concluir o Ensino Superior.

Sob o jugo de, por vezes, ter percebido um olhar de discriminação pelo fato de ser filha de agricultores e de descendentes alemães, hoje “infiltrada” no espaço acadêmico, carrego a inquietação de tentar entender a escola rural e o que dela se produziu na vida de meus ex-colegas. Sinto-me, por vezes, ainda vinculada à vida e à realidade do campo.

Trago comigo uma mistura de um sentimento de pertença daquela pequena escola, guardada na lembrança com tanto carinho, contrapondo-se a certa revolta, por ela não ter feito mais pelos filhos do campo, tornando-os dependentes e pacíficos diante de um sistema que os explora e desrespeita como seres humanos.

Quero ainda destacar que, em nenhum momento, tive a intenção de menosprezar aqueles que não tiveram a oportunidade de continuidade nos estudos, independente do motivo. Quis, sim, mostrar que este resultado é produto do descaso com a educação rural e de uma ordem social perversa. E, quem sabe, despertar em novos pesquisadores o interesse de aprofundamento nesta área de pesquisa ainda tão pouco explorada. Mas, por hora, tenho a utopia de que tenhamos, de fato e de direito, políticas públicas que voltem seus interesses também para a educação rural

e que as “vozes silenciadas” do campo comecem a se manifestar para que se vejam conquistados novos horizontes para a escola rural.

Assim, ao concluir minha pesquisa do mestrado, percebo-me mais uma vez incompleta diante da situação que se impõe no fato de, ao chegar ao final de uma etapa, estar novamente diante de um mundo que ainda precisa ser descoberto. Digo, ainda, que encontrei respostas para muitas de minhas indagações. No entanto, outras tantas saltaram aos olhos e indagações continuam. Com certeza, muitas perguntas ainda serão feitas.

Importa o que a pesquisa significou para mim enquanto acadêmica, mulher, mãe, professora, vinda da zona rural, descendente de alemães: revisitar a minha própria história, reencontrar meus ex-colegas, pensar o passado à luz do presente, problematizar e refletir sobre processos de exclusão a que muitos ainda estão submetidos na sociedade brasileira. É, infelizmente, o caso da maioria de meus ex-colegas. Enfim, significou a oportunidade de me aprimorar como pesquisadora e de refletir profundamente sobre a educação oferecida para os filhos do campo na década de 80 do século XX e, de certo modo, de perceber tantas mudanças que se manifestam no meio rural no início do século XXI.

FONTES DE PESQUISA

HISTÓRIAS DE VIDA

História de vida de Carmen Eliane. Três de Maio - RS, janeiro de 2005.

História de vida de Carmen Paula. Três de Maio - RS, janeiro de 2005.

História de vida de César Rogério. Três de Maio - RS, janeiro de 2005.

História de vida de Cláudio Antenor. Três de Maio - RS, janeiro de 2005.

História de vida de Daniel Cristiano – informações dadas por telefone, não foi possível gravar a entrevista. Três de Maio - RS, janeiro e julho de 2005.

História de vida de Evandro Valmir. Três de Maio - RS, julho de 2005.

História de vida de Pablo André. Três de Maio - RS, janeiro de 2005.

História de vida de Sandro Valmor. Três de Maio - RS, julho de 2005.

História de vida de Sandro Volmir. Três de Maio - RS, janeiro de 2005.

DOCUMENTOS

Secretaria Municipal de Três de Maio. Decreto Número 063/77 de 07 de novembro de 1977.

Secretaria Municipal de Três de Maio. Decreto Número 027/99 de 31 de maio de 1999.

Secretaria Municipal de Três de Maio. Decreto Número 093/99 de 28 de dezembro de 1999.

Secretaria Municipal de Três de Maio. Atas de Resultados Finais da Escola Municipal Humberto Francisco Hettwer de 1982 - 1989.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

LIVROS

ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline. **Para além do fracasso escolar**. Papirus. São Paulo, 1997.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais**. São Paulo: Vértice, 1988.

FILHO, José Molina; SHIROTA, Ricardo. Atraso escolar na Região de Campinas. In: MOLINA, Maria Ignes Guerra (Coord.). **Escolarização no meio rural: condições sócio-econômicas e pedagógicas do seu desenvolvimento**. São Paulo Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. SE/CENP, 1983.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras: Histórias e Discursos de um Passado Presente**. Pelotas: Seiva, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Cortez, 1996.

GHIGGI, Gomercindo. Biografando Experiências com a escola rural: refletindo com a prática. In: GHIGGI, Gomercindo e Henz, Celso Ildo. **Memórias, Diálogos e sonhos do educador**. Santa Maria, Patolli, 2005. 269-285.

LEITE, Maria Isabel. O que falam da escola e saber das crianças da área rural. Um desafio da pesquisa de campo. In: KRAMER, **Fios e desafios da pesquisa**. Campinas: SP. Papirus. 1997.

LÜDKE, Menga. A pesquisa e o professor da escola básica: que pesquisa, que professor? In: LINHARES, Célia. **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 101-114.

MOLL, Jaqueline. **Histórias de Vida: Histórias de Escola: elementos para uma pedagogia da cidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLINA, Maria Ignez Guerra (Coord.). **Escolarização no meio rural: condições sócio-econômicas e pedagógicas do seu desenvolvimento**. São Paulo Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. SE/CENP, 1983.

_____. Crise da Escola. In: MOLINA, Maria Ignez Guerra (Coord.). **Escolarização no meio rural: condições sócio-econômicas e pedagógicas do seu desenvolvimento**. São Paulo Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. SE/CENP, 1983.

NEVES, Evaristo Marzabal, e SHIROTA, Ricardo. O menor na agricultura e na escola rural paulista: análises com base em entrevistas realizadas em escolas rurais. In: MOLINA, Maria Ignes Guerra (Coord.). **Escolarização no meio rural: condições sócio-econômicas e pedagógicas do seu desenvolvimento**. São Paulo Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. SE/CENP, 1983.

NÓVOA, Antonio. **Vidas de Professores**. Lisboa: Porto, 1992.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: estórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: TA. Queiroz, 1993.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. 14^a ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Metamemórias - Memórias: Travessia de uma educadora**. São Paulo, Cortez, 1991.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TESES

JUNG, Maria Neiva. **Identidades Sociais na Escola: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilingüe**. UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

DISSERTAÇÕES

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Vozes esquecidas em horizontes rurais: Histórias de Professores**. UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

DIAS, Vânia Aparecida Costa. **Práticas de Leituras de professoras no meio rural**. FaE – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1999.

JUNG, Maria Neiva. **Eventos de letramento em uma escola multisseriada de uma comunidade rural bilíngüe (alemão/português)**. UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

RODRIGUES, Alexsandro. **Por diferentes caminhos da vida cotidiana: a escola rural como sonho possível**. FaE – Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2004.

ARTIGOS ELETRÔNICOS E DE REVISTAS

ARAÚJO, Carlos Henrique; LUZIO, Nilo. **Fracassados aos sete anos?** Disponível em: www.inep.gov.br. Acessado em 25/06/2006.

ARAÚJO, Carlos Henrique; LUZIO, Nilo. **Para superar o Fracasso Escolar**. Disponível em: www.inep.gov.br. Acessado em 25/06/2006.

_____. **Para superar o fracasso escolar**. Disponível em: www.inep.gov.br. Acessado em 25/06/2006.

BENATI, Magda Raquel Glienke. **O sucesso escolar na zona rural: as razões do improvável**. Revista Alfabetização e Letramento. Núcleo de Pesquisa “Alfabetização e Letramento”. Ano 2. Nº 1. Volume 1. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, 2005.

BESERRA, Bernadete. DAMASCENO, Maria Nobre. **Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas**. Educação e Pesquisa. São Paulo. vol. 30, nº.1. p. 73-89, jan/abr. 2004. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php. Capturado em maio de 2005.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. **Para compreender a educação do Estado no meio rural - Traços de uma trajetória**. Disponível em [Http://.www.tvebrasil.com.br](http://www.tvebrasil.com.br). Acessado em 27/06/2006.

CRUDZINSKI, Ana. **História Oral e Memória**. Disponível em: www.museudapessoa.com.br. Acessado em fevereiro de 2006.

DAMIANI, Magda Floriana. **Fracasso escolar no Ensino Fundamental: da identificação dos fatores de risco extra-escolares ao entendimento processos intra-escolares**. Anais da 22ª Reunião Anual da ANPEd. 1999.

DE VARGAS, Sonia Maria. **Processos de formação e aprendizagem no meio rural: o continuum família-escola**. Revista Brasileira de Educação, set/out/nov/dez. nº 24, ANPEd, 2003, p. 95 -106.

DEMARTINI, Zélia B. F.. História de Vida na abordagem de problemas educacionais. In: VON SIMSON, Olga R. Moraes (Org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**. ASPHE/FaE-UFPEL. Nº 8, setembro, 2000. p. 141-174.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Repensando o Fracasso Escolar**. In: Cadernos CEDES 28: O Sucesso Escolar: um desafio pedagógico. Papirus: São Paulo, 1992.

FERRARI, Márcio. **Fala Mestre: Eu acredito no sucesso da educação**. Revista Nova Escola: Março de 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Entre-vista: abordagens e usos da história oral**. RJ. Ed. da Fundação Getúlio Vargas. 1994. p.1 a 13.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Com o passado na frente: Trajetórias de alunos de ontem, hoje cidadãos. **Anais do IX Encontro Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**. Junho/2003.

_____. Cotidiano de Pesquisadora: detalhes dos bastidores. In: Anais do VII – Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisa em História da Educação. **Pesquisa em História da Educação: Perspectivas Comparadas**. Pelotas, Seiva, ASPHE, 2001.

_____. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. **História da Educação**, Pelotas, v.1, n. 1, p.5-20, abr. 1997.

JUNG, N. M. **A relação da identidade de gênero, da identidade étnico-lingüística e das práticas de letramento em uma comunidade multilíngüe no sul do Brasil**. 2002. (Apresentação de Trabalho).

LACKI, Polan. Artigo: **A escola rural deve formar solucionadores de problemas**. Disponível em [Http://www.polanlacki.com.br](http://www.polanlacki.com.br). Capturado em junho de 2006.

PIMENTA, Fernando. **Que projeto de educação rural?** Disponível em [Http://www.tvebrasil.com.br](http://www.tvebrasil.com.br). Acessado em 27/06/2006.

PIZA, Fernando Ferreira; SENA, Lílian Barboza de. **Escola Ativa**. Disponível em [Http://www.tvebrasil.com.br](http://www.tvebrasil.com.br). Acessado em 27/06/2006.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 2, nº. 3, 1989, p.3-15.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200 – 212.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral – A pesquisa como um experimento de igualdade. In: Projeto **História: Revista de Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, SP. 1997.

_____. O que faz a história oral diferente. In: Projeto **História: Revista de Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, SP. 1997.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: Do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (org). **Experimentos com histórias de vida (Itália – Brasil)**. São Paulo: Vértice; 1988.

RECKZIEGEL, Alberto. **Nucleação e pedagogia da alternância**. Disponível em [Http://www.tvebrasil.com.br](http://www.tvebrasil.com.br). Acessado em 27/06/2006.

ROSA, Cristina Maria. **Sentidos atribuídos por mulheres: o elogio da escola.** Revista Alfabetização e Letramento. Núcleo de Pesquisa “Alfabetização e Letramento”. Ano 1, Nº 1, Volume 1. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, 2004.

JORNAIS

MARIANO, Nilson. Dois Brasis em um retrato: a Turma de 1984. **Zero Hora**, Ano 37 nº 12.862, Editorial 05/11/2000, Porto Alegre, 2000.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

www.comciencia.br. Capturado em julho de 2005.

www.cotrimaio.com.br. Capturado em março de 2006.

www.nead.ogr.br. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. 2a 6/agosto de 2004. nº 244.

www.pmtresdemaio.com.br. Capturado em março/julho/setembro de 2006.

www.tresdemaio.com.br. Capturado em agosto de 2004 e setembro de 2005.